



rio de água viva

RIO DE ÁGUA VIVA

RIO DE ÁGUA VIVA

*Cartas de Pe. Antônio Scolaro
para a missão e testemunho*

aos cuidados de Paulo Baldisserotto

Roma - Dicastero per le Missioni

Tradução do original italiano:
Ronaldo da Silva - Canção Nova

Editrice S.D.B.
Edizione extra commerciale
Direzione Generale Opere Don Bosco
Via della Pisana, 1111
Casella Postale 18333
00163 Roma

PREFÁCIO

Ao apresentar “Rio de Água Viva”, o retrato interior de Pe. Antônio Scolaro, me vem depressa à mente, como está descrita na Bíblia, a comunicação da palavra: “Enquanto o silêncio enfaixava a terra e a noite estava na metade do seu curso, a palavra descia”; e isso é verdade não somente pelo mistério central da nossa fé, a encarnação, mas é verdade sempre e para todos, para cada colóquio, descoberta e comunicação interior. Noite e silêncio.

Noite, como obscuridade e cansaço da vida, como recolhimento interior, como imersão da consciência misteriosa e iluminação.

Silêncio, para colocar-se à escuta, para o abrir-se do coração às confidências secretas do Senhor.

Creio que isto confirma também para nós, para quem quer que se recolha na leitura devota desta “meditação” sobre a vida de Pe. Antônio, cujas páginas são sempre suco e vinho da uva de Deus, isto é, da divina palavra e do divino amor, fermentados pela piedade, na fé e precisamente no silêncio e solidão da floresta.

Nestas páginas estão conservadas a interioridade, o mundo profundo, o desejo ardente pelo Reino, a fé simples e quotidiana de um missionário consumido pelo amor a Deus e aos seus índios.

Espontâneo e simples, límpido como a água de um riacho de montanha, as descrições que Pe. Antônio faz, não são narrações curiosas de acontecimentos, mas a expressão da alegria e da fé que permeia os seus pensamentos e a sua vida.

Recordo-o em Monteortone, estudante de Teologia. Sempre calmo, sereno, pontual, mas sobretudo revestia um ar de contemplação e de união com Deus que deixava transparecer pela caridade e atenção cordial a todos.

Tenho ainda viva sua luminosa figura de jovem, alto e solene, na sua estatura que se inclina para acariciar e brincar com um menino: não era a saudade de uma paternidade que não lhe pertencia, mas o ícone de uma paternidade espiritual já presente nele, jovem clérigo, que se fazia reflexo do seu relacionamento filial e doce com o Deus ao qual havia doado toda a sua vida.

Vibrante era a humanidade! Sua espiritualidade não era uma espiritualidade desencarnada, mas repleta de ternura, de cordialidade, de disponibilidade humilde e generosa, de atenção ao outro para vê-lo bem.

Deixava atrás de si um fascínio e uma admiração toda impregnada de espírito salesiano.

Humilde e confiante em Deus. A riqueza espiritual era certamente herança que lhe vinha da família e dos anos de formação acolhida e bem integrada na sua pessoa, mas também e sobretudo, o contínuo empenho em fazer de si um salesiano e um sacerdote que fosse transparência do amor de Deus e do seu amor por Deus.

Nos primeiros contatos se podia pensar que Pe. Antônio fosse ingênuo e o seu comportamento típico de quem não cresceu na dureza da vida e na prova. Não, Pe. Antônio era um homem simples e transparente, daquela simplicidade própria do mistério que vê Deus em todas as coisas e em toda situação, que vive iluminado por essa visão e que tudo lê como se estivesse diante do Pai.

Aquilo que caracterizou a sua vida foi: uma oração verdadeira e intensa, uma esperança que o fazia alegre e otimista, uma laboriosidade que nascia não da necessidade do fazer mas da disponibilidade plena em ser caridoso com todos, sem discriminações.

Parece claro, pelas cartas, que Pe. Antônio vivesse o presente com a consciência de que isso era pleno de eternidade. Não era a duração o que ele amava, mas a intensidade, a verdade. Recordo-me do pensamento de Santo Agostinho

em suas confissões: “Os teus anos não são eliminados pelos que vêm, porque não passam. Os teus anos são um só dia, e o teu dia não é todo dia, mas hoje, porque o teu hoje não cede ao amanhã. O teu hoje é a eternidade”.

Pe. Antônio vivia acompanhado por um profundo desejo de interioridade. Vendo que não podia servir aos índios com as palavras, com o diálogo, pensa que poderá ser útil com sua oração. Escrevia de fato: “A religião não é uma investigação policial mas uma adesão livre. Não tendo esta só me resta rezar”.

Ele era o guia e o mestre do seu pequeno povo, o sacerdote de Deus para os homens, que estava sempre em contato com eles, que conhecia a fundo a sua situação, as necessidades e aspirações e que jamais buscava a vantagem própria, o privilégio ou a honra.

Amava a pobreza, a essencialidade, fiel ao ensinamento que Mamãe Margarida deixou a Dom Bosco, jovem sacerdote.

No dia 23 de outubro de 1967, escrevera: “Amo a pobreza e a simplicidade das missões. Hoje veio de avião um comerciante e me mostrou um rádio toca-discos a um preço irrisório, mas eu não o comprei. Prefiro não deixar-me atrair pela mania da novidade”.

Queria ser pobre com os pobres, mas sobretudo um sacerdote livre cujo desejo fosse somente o bem dos outros. E assim também agia como Diretor dos seus irmãos.

*Numa carta escrita em janeiro de 1971, em poucas linhas, traça o seu verdadeiro retrato de um homem de Deus e de um sacerdote. Escreve: “Sinto-me contente com a vida e por ter tomado o Senhor como companheiro de marcha. Os afetos familiares são sensíveis e mais fáceis porque **se vê**, se sente. O afeto com o meu Amigo, o meu Tudo é fruto de um esforço, porque não o vejo, não o sinto, não vejo o seu sorriso. Ou melhor, Ele me ama de modo tal que é fácil não vê-lo, é fácil que passe inobservado. Frequentemente me obriga a passar por dificuldades, mas quando entendo que é Ele, o*

sinto fonte de felicidade”. Colhemos nessas palavras a fonte de sua fadiga, de seu dom, de sua vida inteira: o Amigo, o Tudo, isto é, o Senhor nenhum outro. E de fato numa outra carta escrevera: “Tem um motivo grande e belo que nos acompanha e dá força sempre. É o amor de Deus”.

Daqui nascia toda a sua obra social jamais separada da Evangelização. Como Jesus que curou os enfermos, deu de comer aos famintos, consolou aos que sofrem, libertou os oprimidos, pregou o Reino de Deus, também Pe. Antônio fez tudo isso.

O Cardeal Pellegrino dizia: “A salvação descrita pela Sagrada Escritura não é uma salvação histórica. Ela é a ação da justiça em favor dos mais fracos e dos oprimidos deste mundo, através da qual se revela a salvação divina, o próprio Deus”.

O amor de fato implica numa absoluta exigência de justiça, ou seja, o reconhecimento da dignidade e dos direitos do próximo. Pe. Antônio não esquecia que a justiça alcança sua plenitude interior unicamente no amor. Ele conseguiu fazer a síntese entre esses dois componentes da ação missionária: a promoção humana e a evangelização. Assim exprimia a orientação pastoral: Fiz uma plantação de jaca e de pupunha, vamos ver se arraigam bem. Porém aquilo que me preocupa é a plantação espiritual. Tenho um vinhedo de 140 garotos para podar e fazer germinar.

O perfil de Pe. Antônio que emerge das suas cartas é aquele de um homem de Deus que realizou em si a definição dada a Jesus Cristo por Dietrich Bonhoeffer: O homem-pelos-outros.

E eu gostaria de concluir com esta oração:

Oração por ti
que vivendo
fizestes de toda sombra uma luz
e agora és a luz.
Morrer

*é caminho e vida
até as mãos infinitas de Deus
que os gestos das tuas mãos
traçaram
ao longo dos caminhos e rios
da esperança e do pão,
do grabato e do silêncio,
do sorriso incerto
que somente agora abristes
como as flores da manhã,
a lamparina na noite
na aurora da tua cabana.
Oração por ti
que caminhas com teus passos dentro de nós
e talvez
oração por nós
que recolhemos
a oração do teu sacrifício,
dos teus caminhos e da tua caridade
semeados na obscuridade da floresta
nos corações doentes.
Oração por ti
folha e raiz
da árvore de Deus
que estás nas estrelas da noite
porque tu buscas
quem não quis fazer da vida uma luz
e no seu caminho ainda busca as estrelas.
Recolhe agora os teus Índios
do sofrimento de suas vidas
que não encontraram o teu grabato
e os teus caminhos
e leva-os contigo
às mãos de Deus*

Pe. Mário Guariento

INTRODUÇÃO

Que necessidade tinha de escrever um livro sobre Pe. Antônio Scolaro no 20º aniversário de sua morte?

Já existe um belíssimo vídeo produzido pela SAF: “Rio de Água Viva”. Os Salesianos Enzo Spiri e Mário Saglia, conheceram-no diretamente no campo de trabalho nas suas nas suas incursões pelos rios entre os missionários do mundo. Um filme desejado e financiado por nós seus parentes. Uma montagem magistral de Gianpaolo Redigolo: o paralelo entre os valores da numerosa família de agricultores dos quais Pe. Antônio era a expressão e a simplicidade da população indígena do Rio Negro que ele tanto amava. Um filme que mostra a mãe e todos os irmãos e as irmãs de Antônio. Um filme que recolhe os comoventes testemunhos do bispo Dom Alagna Michele, Pe. Norberto e Irmã Maria Badini, mas também dos catequistas e professores indígenas. Um filme que inseriu a sua límpida voz enquanto canta em tucano.

Que necessidade tinha de escrever um livro?

Há muitos anos conservávamos cuidadosamente as preciosas cartas que ele mandava aos seus pais, irmãos e irmãs, tias e amigos, na prática eram mais de 300. Já é um milagre ter conservado tanta correspondência! Obrigado sobretudo à mamãe Sira.

Nos anos 60 escrever uma carta era o meio normal para se comunicar. De fato, o telefone ainda não era internacional e também não era utilizado para fazer longas conversações, externar sentimentos ou organizar coisas, muito menos na floresta amazônica!

Somente cartas? Não. Quando Pe. Antônio está na missão fala freqüentemente de fono-incisão, de bobinas de áudio,

de gravação da voz. Trata-se de um instrumento muito usado naquela época. Foi uma mudança notável de cartafônica: hoje seria carta eletrônica! Um exemplo comovente dos conteúdos dessas audio-conversações, as suas canções, a sua voz se encontrar numa gravação em cassete: um sinal do seu amor personalizado e da sua delicadeza de alma. Fala ao seu Pai, sua mãe, Antônia, Giovanna, Ermínia, Francesco, Giovanni, Attilio, a Valentina, Gabriella, Paulo e Gregório com um canto dedicado e escolhido para cada um. Uma delicada atenção de afeto à sua família.

Que necessidade tinha de escrever um livro, se já temos todas essas coisas vivas?

Alguém relendo as cartas depois de anos teve a impressão de encontrar uma mina inexplorada, algo que nem o vídeo e nem o áudio nos tinham presenteado. A nossa lembrança de Pe. Antônio é grande, mas a leitura de suas cartas torna-se uma redescoberta: um homem de relações humanas atenciosas, de santidade autêntica. Uma espiritualidade tal que tinha o seu centro na relação particular com Jesus na Eucaristia e na oração. Um amor delicado e concreto pelos pobres. Uma especial atenção à mulher, às religiosas, ao ponto de chamar a freira de “co-irmã no sacerdócio”. Valorizava tanto o leigo que desejava sempre a presença deles na missão, como ocorreu com Pierangelo e Gabriela Casiraghi.

Dezesseis anos de vida num ângulo da floresta amazônica: talvez um pedacinho da história daquelas missões.

De vez em quando nos surpreendemos rindo gostosamente ao ler suas cartas. Estão aqui e acolá suas brincadeiras humorísticas, espontâneas e simples como seu caráter. Sobretudo dizem respeito à natureza, ao clima, ao correio, ao lugar inacessível onde trabalha, ao governo, às visitas dos militares, às festas dos índios que terminavam todas

com uma bebedeira geral, à sua força física e à resistência ao trabalho. Uma descrição das missões do Rio Negro confiadas aos Salesianos desde 1916.

Pe. Paulo Baldisserotto é um dos sobrinhos de Pe. Antônio, também ele salesiano, e que foi o primeiro a receber a notícia do seu trágico desaparecimento, através de um radioamador em Rovereto (TN), no dia 1º de abril, de 1979, às 21.00: um anúncio de morte. Sente então o dever de dar um anúncio de vida, aquela que dura para sempre, aquela verdadeira, recordando a aventura humana do tio. Talvez seja esse também um modo de fazer missão.

Este livro foi escrito por todos: por Antônio com suas cartas, mas também, por Gabriela e Pierangelo que transcorreram três anos com ele, por Nando e Giovanna Baldisserotto que acreditaram fortemente neste livro, por Atilio e Maria Rosa que fizeram uma famosa viagem na Amazônia, e pelos testemunhos de tantos que deram sua contribuição.

Um livro dedicado sobretudo aos sobrinhos: Ângela, Valéria, Roberto, Marco, Marcelo, Elisa, Cecília, Umberto, Ângelo, Andréa, Valentino, Lorenzo, Maria, Milva, Carmela, Francesca, Arianna, Filippo, Franca, Sira e Davi, que o conheceram, mas também à nova geração que não o conheceu diretamente, Andréa, Mário, Fábio, Antônio, Flavia, Mateus e Martino, para que não percam este patrimônio de família que é Pe. Antônio. Um livro escrito com a atenção de hoje: revalorização dos leigos, a inculturação do evangelho no meio dos índios, o diálogo ecumênico, o voluntariado, as organizações não profit, as comunicações sociais.

Um obrigado ao Senhor porque realiza coisas grandes na vida dos seus filhos.

Primeiro Capítulo

NA DESEJADA CASA DE MONTEORTONE

“Tudo parte de Monteortone, também este meu fazer memória a Pe. Antônio”. É Nando Baldisserotto que recorda e que se encontra, para cuidar da saúde, exatamente naquele lugar que fora o colégio teológico dos Salesianos agora transformado em albergue “São Marcos”.

“Esses lugares para mim conservam, depois de 40 anos, o perfume espiritual de Pe. Antônio. Parece-me sentir ainda o eco das suas canções: “Oh my papa”, “As mães do mundo são todas belas”. Os meus filhos, na época crianças ou já crescidos permaneceram maravilhados e cultivaram por dias a memória do encontro. Se sentia o sabor da unidade em Pe. Antônio, entre a família natural e a religiosa.

Pe. Manzoni, seu diretor, deixava sempre transparecer alguma coisa da vocação de Antônio: “É um salesiano com ótimas características que se aproximam à capacidade de Dom Bosco”. Tudo isso o entendia pela simplicidade dos diálogos que tinha com os meus filhos e pela melodia da sua voz quando cantava. Da festa da sua ordenação em 23 de abril de 62, ainda me estão vivas duas lembranças: o seu sacerdócio unia, em um vínculo mais forte que o sangue, as famílias dos Scolare e dos Baldisserotto; e depois, o clima de paraíso durante a cerimônia que me fez dizer ao Senhor: “não me dê a graça de que um filho meu ou uma filha minha cheguem a essa escolha, senão o meu coração vai explodir de alegria”.

O Senhor me escutou somente em parte e quis me conceder esse mesmo dom, porém diluiu no tempo a emoção espiritual. E é por isso que ainda sou um peregrino sobre esta terra!”.

De 1958 até 1962, em Monteortone, o clérigo Antônio

Scolaro completou os seus estudos de teologia. Numa esplêndida carta escrita a Ermínia, sua irmã assim falou: “...Com certeza você não deve buscar o senhor muito longe; na sua casa tem um pequeno tabernáculo que conserva sempre a presença de Deus. Nós, grandes, podemos mandar Deus embora da nossa alma fazendo qualquer coisa que não é boa, Valéria ao contrário jamais o mandará embora. E à noite quando vocês fazem as orações, se as fazem diante de um crucifixo, fazem diante de uma imagem que recorda Deus; se ao contrário as fazem diante de Valéria, fazem diante de alguém que “contém” Deus. Como é bonito pensar nessas verdades! O mesmo Deus se encontra ao mesmo tempo em você, em seu marido e em Valéria. Quando seu marido está longe e você reza por ele, imediatamente você está em contato com ele, porque Deus que escuta o seu coração está também lá no coração do seu marido. Veja como é bela a vida cristã !...” (Monteortone, 15.12.59)

Numa carta sucessiva também escrita a Ermínia:

“...É mais fácil estudar, trabalhar do que vencer a si mesmo, ser controlados, sempre generosos quando Deus convida. Somente com a ajuda de Deus podemos nos tornar aquilo que ele deseja. Também você deve buscar a santidade, isto é, dar o melhor de si por amor a Deus...” (Monteortone, 25.02.60)

Durante as férias de verão os “teólogos” salesianos vão às várias colônias para a animação dos garotos. Antônio escreve do Oratório de Schio (Vicenza) aos seus pais depois de ter concluído as olimpíadas e os exercícios espirituais com trezentos garotos.

“Caríssimos, amanhã estarei na desejada casa de Monteortone. Digo desejada, porque ali, daqui há poucos meses, se dará a coroação dos meus sonhos...” (Schio, 29.09.61)

“Outro dia, pela primeira vez, dei a santa comunhão a duas mulheres. Nem digo a vocês as sensações que experi-



Grupo de estudantes de teologia em Monteortone (Pádua) 1960
Antônio está na segunda fila, oitavo da esquerda

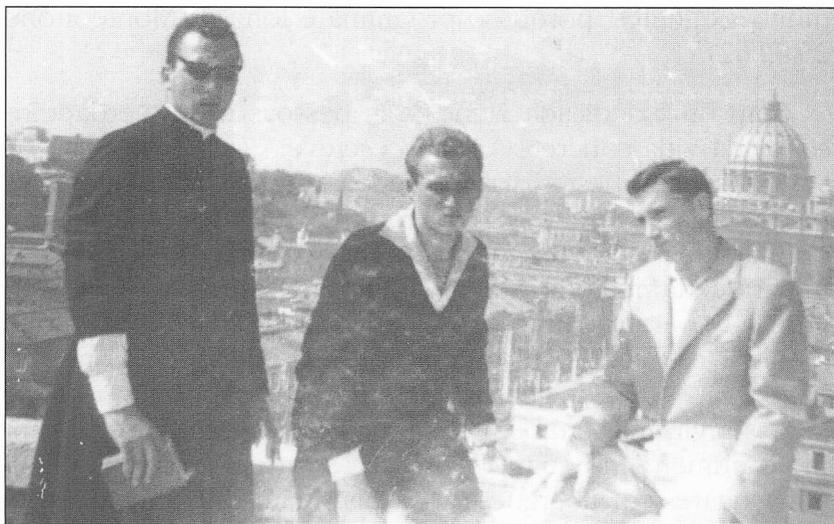
mentei naquele momento. Eram sentimentos de indignidade pessoal, de grandeza da minha missão. Fiquei pensando que dentro de pouco tempo terei o prazer de dar a santa comunhão também a vocês.

Neste momento o ciclo dos estudos é intenso demais e não posso me dar ao luxo de encantar-me. Pensem nas lembrancinhas e nos convidados para a ordenação! Tenho ordenadas 9.000: entre paróquia, parentes e alguns colégios de garotos, acho que são suficientes. Mandem-me uma lista de parentes e não se esqueçam dos trabalhadores da nossa casa..." (Monteortone 23.11.61)

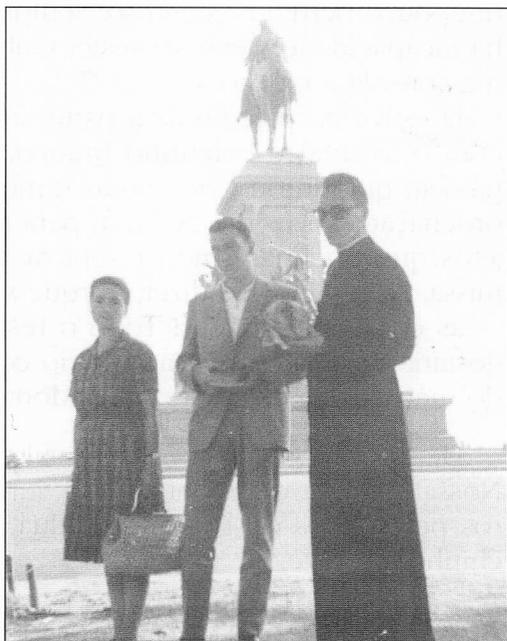
"Caro papai, amanhã será o seu onomástico. Recordo-me que esta sempre foi a festa mais importante para a nossa família. Neste dia sempre se comia na copa, com o fogo aceso na lareira; também sempre vinha o Pe. Bortolo de Arzignano. Nós saíamos depressa da escola para chegar em tempo. Amanhã não chegarei em casa correndo, mas estarei com você na lembrança, no pensamento, na oração. Farei a santa comunhão por você, pedindo ao Senhor que Ele mesmo te recompense pelo amor que você tem e sempre teve por mim.

Estou ansioso que chegue logo o dia 23 de abril para nos encontrar-mos. Também os parentes sentem muito essa data. Faltam 69 dias, papai, e aí poderei te dar uma bênção. Nas Santas Missas, durante toda a minha vida, você e a mamãe vão ter sempre uma lembrança privilegiada..." (Monteortone, 13.02.62)

"Todos, uns de um modo, outros de outro, recordam-me o sacerdócio que já se aproxima e me asseguram suas orações. Encontrei em Conegliano, 10 Irmãs de Maria Auxiliadora que se incumbiram de rezar por mim e oferecer suas ações, para que meu sacerdócio seja abençoado por Deus. Isso me consola muito, porque somente o Senhor pode suprir minhas deficiências. Temos ainda um mês de escola e depois as provas com os exercícios. As provas serão



Antônio em Roma com o irmão Paulo, Gregório
e a irmã Valentina



muito exigentes, porque o programa é longo” (Monteortone 25.02.62).

Com uma dedicada atenção às pessoas e um verdadeiro senso da vida concreta Antônio escreve:

“Caríssimos, nestes dias pensei bastante em algumas coisas para o dia 23. Aquilo que particularmente me preocupa é a questão dos meus parentes que virão à cerimônia. Essa terminará certamente ao meio-dia. Gostaria que fizéssemos algumas fotografias juntos, que conversássemos à vontade até a noite e além.. E sendo Segunda-feira de Páscoa lá fora a cidade estará cheia de gente. Ainda mais que não serão somente jovens a vir, mas também tios e tias anciãos, por isso digam-me o número de quantos virão e assim poderei reservar alguns lugares em albergues ou na casa Mama Margherita. Creio que o preço seja cerca de 450 liras...” (Monteortone, 07.03.62)

Notei que existe um pouco de agitação pela proximidade de minha ordenação. Devo dizer que também eu me sinto um pouco perdido e confuso. Sempre me dou conta da minha incapacidade: devo ser testemunha daquilo que falo, mas me consola a oração.

Já estive no palco e fiz a parte do aluno da primeira série com o avental e coletinho branco. Estou voltando de um passeio que durou cinco horas e meia, foi o último antes da ordenação. Vocês me pediram para mandar uma lista de objetos que poderiam me presentear por ocasião da primeira missa. Não sei o que dizer, porque são muito poucas

as coisas necessárias! Todo o resto é supérfluo e eu não gostaria de começar o sacerdócio com objetos que destoam do meu desejo de pobreza...” (Monteortone, 09.03.62)

Depois da ordenação sacerdotal ocorrida no Santuário de Nossa Senhora em Monteortone, junto aos seus companheiros pelas mãos do bispo de Pádua, Dom Bordignon, capuchinho, escreve:

“Caríssimos, agora que cheguei à meta me dou conta que não é exatamente uma meta, mas um início agora devo começar a doar-me, começar a viver o sacerdócio. A atenção desses primeiros dias está polarizada sobre a Santa Missa. Eu penso durante todo dia, pela manhã me levanto com o pensamento na missa que devo celebrar. Antes de ir vestir os paramentos penso em todos vocês, um por um, e no momento dos vivos volto a nomeá-los de novo.

Quarta-feira celebrei a Santa Missa em Pádua, para as irmãs. Irmã Ermínia mandou um carro para buscar-me, depois mandou buscar irmã Maria. Fizeram a comunhão e irmã Maria chorava pela comoção. Não pensava que o afeto das tias chegassem a tanto. Domingo irei a Vila Egípcia celebrar para as noviças. Estou muito ocupado para responder telegramas e cartas. E continuarei por alguns dias porque já se iniciou o terceiro semestre escolar...” (Monteortone, 27.04.62)

“...Externamente não existe nenhuma novidade, mais aprendi uma coisa: isto é, a ser humilde a ter confiança somente em Deus. O sacerdócio é coisa de Deus e o meu dever não é aquele de estar em evidência, mas de fazer ressaltar Ele. Vejo que ainda sou preocupado demais com o sucesso exterior das minhas atividades.

O difícil começa agora, porque entram em jogo os interesses pessoais, procurar a própria vontade. Porém vi que na nossa família existe tanta generosidade que se é levado facilmente a pensar no bem dos outros. Também eu, senão estou atento, ponho tudo a perder. Além dos interesses familiares devemos saber ver também as dificuldades e as necessidades das outras pessoas, como aqueles pobres: os operários! Ir ao encontro deles com as manifestações que superem os puros deveres de justiça, das retribuições do trabalho! Nisso merecemos que o Senhor nos assista e nos mantenham unidos...Amanhã temos as provas de liturgias e daqui a um mês faremos as últimas. É grande preocupação dos novos sacerdotes recolher tudo aquilo que pode ser útil

para a vida de amanhã. Se lê por uma parte e por outra, se faz cartazes, nos ajudamos mutuamente. Nunca nos encontramos tão unidos como agora...” (Monteortone, 20.05.62)

Depois da ordenação sacerdotal, os salesianos permaneciam no Seminário de Monteortone para terminar a teologia. Somente depois iam à cidade natal para celebrar a primeira missa.

“...Terça-feira próxima vão começar as provas finais: que bela palavra “finais”! Depois virá a prova mais longa e conclusiva: “De Universae”, que quer dizer “De tudo e de mais ainda”! Nesses dias fiz experiências com uma moto, um galinho Guzzi. Pertença à paróquia de Paltana, para onde fui destinado. Quando eu for aí em casa quero tirar a carteira de habilitação para poder usá-la. Preciso que vocês me digam onde devo ir, enquanto espero pela festa na cidade. Os lugares onde vou celebrar a missa são: Arzignano, Nichesola, São Bonifácio, Zevio, Lonigo, Montagnana, Urbana, Montegaldà...Sempre rezo ao Senhor por vocês com muito afeto. Pe. Antônio” (Monteortone, 08.06.62)

Durante o verão Pe. Antônio foi mandado para a paróquia salesiana de Paltana, em Pádua, às vésperas de partir para o Brasil.

Pe. Antônio nunca tinha ido a Roma e os seus pais antes que ele partisse para a missão quiseram que visitasse a capital e o centro do cristianismo. Estavam com ele Maria Valentina, Paulo e Gregório.

Uma bela ronda pela cidade para ver muitas obras artísticas da Itália e também uma volta de barco no lago de Albano!

Segundo Capítulo

A LUA-DE-MEL

Pe. Antônio junto com outros cinco salesianos parte de Gênova no dia 1º de novembro de 1962. Fará a travessia do Atlântico numa nave, depois de avião, depois com barco até a seu destino nas missões do Rio Negro no Brasil.

É um diário de viagem esplêndido pela riqueza de observações. Deixamos as suas cartas a reconstituição desses quatro meses por ele chamados: “Lua-de-mel”.

“Eis-me aqui no primeiro dia de navegação. Encontro-me em Barcelona porque a nave não fez escala em Marselha. Muito bem mamãe, fostes forte, sinto tanta alegria que não sei nem mesmo exprimir. A nave se deslocou do porto às 14:00, lentamente, arrastada por três reboques. Alguns parentes permaneceram nos bancos para se despedirem até aquele momento e acenavam o lençinho branco com o qual de vez enquanto enxugavam as lágrimas que caíam. Vi papai sereno e contente, depois o primeiro e justo desabafo de pranto, vi Valentina, os trabalhadores, os marinheiros, os estudantes, o porto que se distanciava, a cerca dos montes. Porém não sentia saudade, mas uma espécie de embriaguez, de alegria que não conseguia explicar.

Depois o mar aberto. O pequeno balanço da nave que me dava a impressão de estar mal, não era nada. O almoço foi ótimo: prato de entrada, espaguete, bife com batatas fritas. E enquanto a nave andava eu observava os gaviões, a costa azul, e fazia o primeiro reconhecimento, são quase todos imigrados que passaram as férias na Itália. Que belos tipos são os cinco companheiros de viagem: formamos uma

verdadeira família. Fomos levados à cabina e imediatamente o coadjutor ancião, senhor Bolonha, me deu uma pequena aula de português. Às 17:00, tinha a missa vespertina e na espera fomos até a proa da nave para sentir o vento e cantar o Hino Nacional do Brasil. As pessoas que estavam ali começaram a rir ao ver o bom humor que tínhamos. Às 18:00 jantar: ótimo também este. Depois do jantar fomos até a popa para bater papo com o senhor Bolonha porque ele esteve em Manaus e me deu muitas coisas que naturalmente não conhecia. Depois, à noite rezamos todo o rosário pelos defuntos como é costume nos colégios salesianos e na vigília dos mortos. Também alguns imigrantes se uniram a nós. As práticas de piedade são feitas todas ao aberto inclusive a Santa Missa. Improvisadamente pegamos os banquinhos e a igreja está feita. Eram 21:00 quando entramos no Golfo do Leão famoso por ter sempre movimentos bruscos. Eu estava na cama e balançava um pouco, porém adormeci logo. Esta manhã me senti mal algumas vezes. De fato às 05:00 via ao meu lado “os restos da antiga moeda do Reino de Nápoles”. Que belo sol visto do mar: tinha um brilho de cristal de uma grande laranja maravilhosa.

E assim Barcelona apareceu em meio à neve, já faz meia hora, e estamos nos aproximando cada vez mais do porto. Estou feliz, coragem papai, viajar é simples e voltarei logo...” (Barcelona, 02.11.62)

“Caríssimos, a poucas horas entramos no Atlântico está calmo e silencioso. A nave desliza veloz e tranqüila. Em Barcelona fizemos escala por duas horas. Vimos um monumento a Cristóvão Colombo, depois de metrô fomos até Soria. A cidade estava cheia de carros Fiat, vespas e lambretas: Parecia ser a Itália meridional. Depois o retorno às pressas porque estávamos atrasados. As primeiras aulas de Brasileiro começaram: um passo por sua vez. Vimos os golfinhos acompanharem a nave, o Estreito de Gibraltar com as fortifi-

cações Britânicas. A bordo cantamos sempre, os imigrantes lembram os cantos da Primeira Guerra Mundial. Um garçom francês disse-me que o italiano é triste no coração, mas ri com o canto. Também eu canto apoiado nos bancos, olhando o mar. Nos dias 7 e 9 cantarei para você papai e mamãe porque será o aniversário de vocês. Sinto-me muito próximo dos dois...” (Lisboa, 04.11.62)

São as 07:00 da manhã. É a última noite que passarei no mar antes de chegar a Recife. Vou descrever um pouco a última parte da viagem. Quando entramos no Tejo, depois de alguns quilômetros aparece à nossa esquerda a cidade de Lisboa, muito longa. Descemos e com o táxi fomos à parte alta da cidade onde se encontra um instituto salesiano. Todas as igrejas têm dois sinos; quanto ao carro este é um oásis alemão: Mercedes, Volkswagen, Opel. Depois a partida para a Ilha da Madeira. A nave não parou no porto porque era pouco profundo, parou fora. Um grande número de pequenos barcos veio ao nosso encontro. Em cada um tinham dois rapazes: um remava e o outro gritava aos passageiros da nave que jogassem uma moeda no mar, pois assim mergulhavam e as pegavam debaixo da água. Portanto a nave foi literalmente circundada com apreciadíssimos trabalhos de bordo. O desnível era de pelo menos 7 metros e o preço havia sido combinado com os passageiros ao som de gritos. Da pequena barca era lançada uma cordinha à pessoa que pagava, essa pessoa puxava a mercadoria comprada e da mesma forma enviava o dinheiro. Com pouco dinheiro se obtinham trabalhos preciosos. Mais tarde atravessamos as ilhas de Cabo Verde, passando próximo à Ilha do Fogo, verdadeiramente queimada pelo sol, e Ilha do Sal.

Terça-feira fizemos a festa do equador: desfile de Netuno e as ninfas do mar, discurso de Netuno, encenações cômicas e brincadeiras; depois um mergulho em uma das piscinas.

Neste período a nave se tornou uma praia balnear: muitas

são as pessoas que tomam sol passeiam no seu interior como de costume. Sobretudo os italianos, os espanhóis e os alemães chamam a atenção. Já os 400 portugueses são irrepreensíveis. A partir da Ilha da Madeira passamos a viajar em primeira classe porque não tem mais lugar para os últimos que subiram a bordo. Estamos próximos do sala e da mesa com três capuchinhos. A uma certa hora eles tiram fora garrafas, panetones e biscoitos e fazemos festa. No restante do tempo estudamos português, que acho muito fácil, batendo papo, cantando e olhando os peixes-voadores.

Vejam que belas cores tem o mar e o céu: quantas graduações de cores, do alaranjado a todas as tonalidades do azul.

Durante a Santa Missa penso em cada um de vocês, lentamente, recordo como os vi pela última vez. Coloquei na minha carteira a fotografia de todos. Como são orgulhosos. Nos veremos em breve. Lembrem-se que com 10.000 liras se vai e se volta de avião a Portugal...

Às 18.00 eu já estava no jantar com os salesianos de Recife, onde tem um grande colégio com 1500 alunos. Um acolhimento primoroso, afetuoso. Ótima cordialidade, come-se bem, não tem vinho, mas em compensação tem bastante bebidas e frutas melhores que as da Itália. As bananas aqui não temem confrontos.

Entrei em contato também com os garotos do colégio no pátio: eu os entendia pouco e eles pouco me entendiam, por isso ríamos como loucos. Quando se tratou de ir ao cinema o meu grupo de garotos ficou comigo porque nos divertíamos demais". (Recife 11.11.62)

"Caríssimos, estou em Natal ao longo da costa norte de Recife, porque daqui partirei para Belém. Vocês gostaram da fita que enviei? Já se passaram 27 dias desde que parti e me parece uma eternidade. Antes de começar a escrever vi que na estrada tem um poste de luz igual àqueles que temos na Itália. Gostaria que vocês estivessem aqui para ver porque temo que

vocês façam uma idéia errada. Vocês talvez pensem que esse primeiro período seja cheio de sacrifícios, de sofrimentos, de incompreensões, pelo contrário não é nada disso. Vejam o que me aconteceu: sábado fui a Jaboatão, no noviciado; domingo ao aspirantado de Carpina a cerca de 60 quilômetros de Recife. Aos garotos reunidos no teatro foi mostrada a abertura do Concílio Vaticano segundo, mas depois do primeiro momento de interesse os garotos começaram a entediarem-se. Um clérigo, meu companheiro de viagem, insistiu para que eu cantasse. A minha subida ao palco foi acolhida com aclamação. Porém, devido à minha presunção e ao violão desafinado que me deram a execução foi medíocre. Todavia gostaram “mamãe” e “peixinho vermelho”.

Depois pegamos um avião para Natal: eu, aquele sacerdote que vocês viram em Gênova e um coadjutor. Esses iam direto para Fortaleza. Eu não, era “filósofo” para o primeiro vôo, mas, mais que qualquer outro estava curioso para experimentar a emoção. Enquanto esperávamos o avião, me pesei na balança que pesa as malas e com surpresa vi que tinha emagrecido muito: 95kg ! Os outros riram estrondosamente, mas eu expliquei que tinha os ossos pesados! Logo veio o anúncio de que o avião tinha chegado. Nos colocamos na fila. A escadinha foi preparada e na entrada o serviço de bordo nos desejou boa viagem. Dentro, pegamos os lugares como na camioneta. Fomos lá para a frende encima das asas. Eu estava na janelinha. Sobre a minha cabeça tinha um escrito luminoso em várias línguas que dizia para apertar os cintos e não fumar. Uma voz no alto-falante anunciou que a distância até Natal seria percorrida em 40 minutos com uma velocidade de 600 km por hora. Eu observava tudo atentamente e esperava com ansiedade o momento da decolagem. Quase sem perceber veio-me uma leve impressão de ter subido e depois pareceu estar parado. O mar, as casas, a cidade estavam abaixo de nós e pareciam miniaturas. As nuvens brancas pareciam flocos de neve. No entanto o serviço de

bordo passou com uma bandeja oferecendo a todos algodão para os ouvidos e chocolatinhos. Depois um copo de suco de frutas e dois pãezinhos embrulhados. O avião tocou a terra sem nenhuma sacudidela. O lugar era isolado da cidade de Natal. No furgão que nos levou até os salesianos estávamos em 15. A cidade tinha ruas muito longas e de mão dupla. As casinhas com um átrio bem iluminado tornavam as ruas belíssimas. O acolhimento na casa salesiana foi cordial. O diretor é um trentino e os demais salesianos são somente 5, com 600 alunos, e além disso ficaram só quatro pois um deles veio nos fazer companhia. Pela manhã visita à cidade; lugares encantáveis, entre a enseada do mar e o rio arejado. Do hospital que ocupa a parte mais alta tem-se uma vista fantástica: nunca mais viria embora dali.

Na catedral ao lado do Vicariato Geral fui diácono, do lado de fora, na pracinha tinha uma Imagem de Nossa Senhora, sobre um Jeep, repleta de flores. Em torno alguns galinhos brancos e crianças vestidas de anjinhos. A banda militar tocava a marcha. As pessoas não ficam em fila como nós, mas em torno à imagem e caminhávamos por aquelas imensas ruas como uma falange. Na catedral a bênção solene ao ar livre num altar de lenha elevado o máximo, sob o qual se refugiavam os anjinhos em contínuo movimento. De modo que, quando elevaram a hóstia branca parecia suspensa sobre uma nuvem de anjos.

O Diretor apresentava-me a todos como o missionário do Rio Negro e apresentou-me também a uma senhora que era chamada a mãe dos Salesianos. No dia seguinte veio entregar-me uma caneta esferográfica e 500 cruzeiros: era o sinal do afeto daquela senhora.

Como estamos próximos do fim do ano escolar, ajudei a bater, à máquina, a lista dos nomes para as premiações finais. O diretor convidou-me a ficar mais uma semana porque tinha a festa final. Sem querer disse que sabia tocar violão: logo fui encorajado! Chega Sábado à noite. Nos car-

tazes o meu nome e o programa. Estariam 500 pessoas nos degraus da quadra de basquete. As autoridades à frente, na primeira fila. Em nenhum teatro vi uma disposição tão feliz. Comecei com “mamãe estou tão feliz”. Cantei forte e com muito sentimento. Esperei para iniciar a segunda estrofe porque não me lembrava mais as palavras. Essa foi interpretada com comoção e no fim veio um aplauso formidável. Aqui as pessoas se encantam ao ouvir a limpidez da voz. Depois, “Sinos de Monte Nevoso” e “Boa Sorte” completaram a estréia. Conclusão: fui inscrito também para a Segunda-feira seguinte, na presença da máxima autoridade da cidade. Entendi que aqui o povo gosta da voz forte e aguda com tons mais altos. Na Segunda de manhã uma senhora me veio trazer um litro de Cinzano, para que eu bebesse antes do concerto!

Tinham 600 jovens com parentes e a banda da aviação militar. Depois do discurso de abertura era a minha vez. O microfone deixou minha voz muito boa. Cantei “Uma casinha no campo” com o final altíssimo. Gosto. O Presidente da Associação de Pais e Mestres levantou-se e pediu que eu cantasse: “Santa Luzia”. Eu respondi que cantava somente canções novas que não conheciam. Mas depois chega um telegrama na mesa, das autoridades, e fui obrigado depois das premiações a cantar “Santa Luzia”, depois foi a vez de “Nossa Senhora de Milão”, Minha Romana”. Enquanto cantava me dei conta que o violão tinha uma tonalidade diversa, ainda bem que não se percebia!...” (Natal 27.11.62)

Um bilhete interessante escrito às irmãs Antônia, Giovanna, Ermínia.

“Queridas irmãs casadas, conservo a fotografia na qual estão vocês três em fila: parecem três legionárias. Penso sempre em vocês em meio às preocupações cotidianas. Vocês se lembram de pedir, de vez em quando, aos filhos de vocês para rezar pelo tio missionário? Eu também estou fa-

zendo minha viagem de núpcias muito interessante. As mães aqui são muito boas: todas elas têm 5 ou 6 filhos...” (Natal 29.11.62)

“...Minha nova casa é um aspirantado próximo à cidade de Belém. É uma casa muito pobre no limite da floresta. Os aspirantes, quase 200, desviaram o curso das águas e fizeram uma piscina rudimentar. A localidade se chama Ananindeua, com uma paróquia aos cuidados dos salesianos. Muito diferente daquela de Pádua! São todas casas de lenha ou de palha situadas em meio à vegetação. Aqui não é fácil, para cada igreja católica existem três capelas, sete igrejas protestantes e um centro espírita. Assisti a uma procissão espírita, as pessoas tinham coroas de ramos na cabeça, e tinha um guia que marcava o tempo e excitava ao entusiasmo. Levam a imagem de uma santa, parece a Virgem, mas não entendi bem. Visitei Belém e as suas periferias: meio milhão de habitantes. A única indústria é o contrabando. Aqui não se tem a idéia do que seja organização: em toda a cidade não tem sinalização das vias. Numa rua, de três anos, tem um buraco tão grande que impede o trânsito. No quarteirão de Sacramento um salesiano construiu um oratório e está fazendo uma escola profissional. Ali eu vi a verdadeira miséria. Mil garotos, sem camisa, descalços, sujos, porém muito calmos e obedientes. Desta forma era como estavam durante a Santa Missa! No quarteirão de Sacramento são cerca de 20.000 sem um médico. Uma vez na semana chega, de um outro lugar, um médico: vejam que fila para comprar os remédios e depois não tem dinheiro. No nosso instituto tem aula de manhã, à tarde e à noite e só tem um salesiano.

Falei com o inspetor: o meu destino ainda está incerto. Entretanto vou para Manaus substituir um padre que fará seus exercícios espirituais. Estou procurando aprender bem a língua para assim ser útil...” (Belém 7.12.62)

Finalmente recebi a primeira carta de vocês. Senti bater o

coração de papai que com poucas pinceladas delineou-me a situação da família e a marca que deixou tudo aquilo que escrevi. Não sei como exprimir os sentimentos que experimentei em receber aquela primeira resposta de vocês. Desejo ver a assinatura de todos, ter impressões, pensamentos de todos...

Estou aqui há uma semana sozinho com um clérigo espanhol que chegou um mês primeiro que eu com mais vinte garotos. Os colegas foram fazer os exercícios espirituais. Seirei o pároco, diretor e ecônomo porque temos alguns operários que estão fazendo o muro do edifício.

O problema é o domingo com pregações, batismos e o meu português incerto. Não fui a Manaus porque o Inspetor mandou um outro.

Aqui faz muito calor. Fiquei alguns dias com a veste preta, mas sempre procurava a sombra para não suar. As irmãs não tinham tecido branco para fazer a “batina”, a veste. Então fui ao baú de um missionário que está visitando os parentes em, sua pátria, forçaram a fechadura e agora tenho três vestes brancas de tal modo leves que me parecem camisas...” (Ananindeua, 01.01.63)

“...hoje um ajudante trouxe-me de Manaus todas as cartas de vocês. De uma só vez, estando no jeep, consegui todas elas, resistindo para não chorar, porque não queria estragar a alegria dos outros.

A carta de papai ainda estava cheia de emoção. Ele me exprime sua dor e o desejo de que eu não esqueça a família. Parece-me que daqui de longe o afeto e a saudade aumentam ao invés de diminuir. Todas as manhãs ao levantar-me vejo a constelação do “Pequeno carro”. Límpida, claríssima. Ela me recorda o hemisfério norte e todos vocês, e o meu pensamento vÔa direto a vocês.

Mamãe está muito mais calma e controlada, parece contente.

A notícia mais dura é aquela da morte de Angelo De Pie-

ri, exatamente nos dias em que parti. Sempre me recordo dele em todas as missas...” (Ananindeua 08.01.63)

“...hoje chegou um padre missionário de Barcelos e me disse que fui destinado às missões do Rio Negro. Toda semana as missões são visitadas por um avião militar, um hidroavião. Se não tem um hidroavião se pula na água: isso não é problema.

As missões são assim: um colégio para garotos com os Salesianos, um colégio para as garotas com as irmãs. Em geral são dois padres, um letrado e um coadjutor. Junto à missão tem uma paróquia, um hospital e o missionário itinerante que circula dentro do vilarejo levando os sacramentos e dando a catequese. Uma vez por mês ele volta para fazer o reabastecimento de combustível, remédios e o retiro com a comunidade. Eu certamente serei destinado para trabalhar com os garotos. Até agora gostei de todos os lugares. Tem um grande espírito de família, somos poucos mas um só coração. Agora devo organizar o meu tempo para ler alguma coisa e para a oração, fazer um horário para mim...”

(Ananindeua, 15.01.63)

“Recebi a carta de Natal: fez o giro do mundo! Foi à Argentina, a Belém na Palestina, aos Estados Unidos, à Venezuela e depois a Belém. Vocês por acaso não colocaram o endereço. Sejam também generosos com os selos, basta a metade!

Ontem, domingo, estive a trinta quilômetros daqui para a festa de São Sebastião. Celebrei a missa e o batizado de 38 crianças durante quatro horas: com naturalidade! Recebi a minha obediência definitiva. Peguem a Atlante e venham a Manaus, depois sigam o Rio Negro, depois um belo traçado à esquerda onde está o Rio Içana, voltem a subir e onde o rio faz uma curva ali está a nossa missão. Somos três padres e um coadjutor. Tem um colégio em construção para 50 pessoas na parte de trás. Deverei aprender a língua deles. Ago-

ra para ser um verdadeiro missionário falta-me somente a barba...” (Ananinideua, 21.01.63)

“...estou no reino do verde. Depois de duas horas de bi-motor, sobrevoando o Rio Amazonas cheguei a Manaus. Já comprei o bilhete para Mercês e de lá em dois dias, de lancha, chegarei em Içana. Aqui todos me dizem que falo bem o português e me perguntam se venho do sul do Brasil. Estou contente porque já penso em português e não cometo o erro de tentar traduzir. Devo somente enriquecer o meu vocabulário. Se tivesse um mês de tempo seria bom.

Manaus é uma cidade com um terço de casas e dois terços de fazendas. Oferece a possibilidade de se viver bem mas falta estímulo para melhorar. Aqui se une pecado e virtude, a Virgem com enfeites indecentes...” (Manaus, 25.01.63)

“...aqui em Manaus estou circundado de gente boa que me quer bem, que cede o lugar ao “Padre” aonde vou. Além disso são todos cordiais, também os pobres, coisa que não vemos na Itália. Existe muita união entre irmãs e salesianos no trabalho missionário e elas são como muitas mães que não deixam faltar nada...” (Manaus, 08.02.63)

“...hoje é festa de São Valentino e enquanto escrevo, aí já devem ser três horas da tarde. Certamente já devem ter tido um bom almoço. Ontem à noite enquanto recitava o rosário pensava em vocês e procurava pensar intensamente tentando provocar o fenômeno da telepatia para fazê-los sonhar com o meu quarto e com as muriçocas. Vocês diriam que sou sentimental, mas é para fazê-los sentir a paz e a alegria que eu experimento aqui.

Vocês me perguntariam porque ainda não estou em Içana. Vejam: aqui não é como na Itália onde se pode pegar o trem em muitas horas do dia. Aqui podemos viajar com a aviação militar uma vez por semana e quando tem lugar. Corro o risco de deixarem-me aqui porque está faltando pessoal apto.

Eu ainda não sou conhecido e por isso todos me estimam, quero ver se será ainda assim depois que me conhecerem!

Estou numa paróquia com 10.000 habitantes simples e ignorantes, numerosíssimas famílias são sem casa e luz elétrica. Os homens trabalham e as mulheres permanecem todo o dia olhando quem passa na estrada. Caso eu ficasse por aqui tentaria resolver esses problemas sociais. A coisa mais importante parece ser o carnaval. A rádio não para de tocar músicas de dança dia e noite. Dessa forma o povo esquece os verdadeiros problemas e não muda. Aqui bastaria coragem e idéias.

Já me ambientei com o clima quente e úmido...” (Manaus, 14.02.63)

“...gostei muito de falar das missões. Todos aqui querem ir às missões. Não sei como se comportarão diante da realidade. Estou bem com o Bispo de Rio Negro, Dom Marchesi, que foi feito bispo antes do Concílio, mas trabalhou por 40 anos entre os índios e conhece bem suas tradições. Amanhã eu e mais três irmãs e um coadjutor, todos velhos de profissão, partiremos com o hidroavião...” (Manaus, 18.02.63)

“...três horas de avião! Não se via uma cabana, só as missões ao longo do rio. Chegamos a Mercês. Ali estava me esperando um índio de Uaupés com uma barca a motor. Começamos a subir o rio rico de cataratas e perigoso. Aos lados tinha somente floresta impenetrável. Depois de uma hora e meia chegamos a uma embarcação de transporte e ali passamos a noite cantando e dormindo encima de uma maca. De manhã cedinho voltamos a subir por três horas e meia até chegar a Uaupés. Toda a missão estava na praia porque estava chegando o Bispo, que fazia o seu primeiro ingresso, acompanhado de dois clérigos.

Dentro de poucos instantes parto para Içana. Será uma hora de avião. Mas já vi que a vida da missão é fácil e simples. Um abraço, seu filho Antônio “. (Uaupés, 27.02.63)

Atualmente não se vai mais às missões com as naves. Os deslocamentos aéreos são mais velozes e mais freqüentes. A própria língua se aprende primeiro. Certamente aquilo que mais toca nessa narração é o fascínio da viagem e a progressiva introdução no mundo da floresta. Na prática era uma forma de inculturação: perdia-se os próprios hábitos e assumia-se a mentalidade da nova terra. Progressivamente e não por partes como é hoje com o turismo.

Dois meses muito importantes nos quais Padre Antônio fez as contas consigo mesmo e o novo ambiente brasileiro. Mediu por assim dizer suas capacidades, descobriu que podia criar muita comunicação através dos cantos e do violão, com o trato gentil e paciente. Agora, porém, se encontrava na floresta amazônica e devia fazer as contas com uma cultura ainda diversa.

Terceiro Capítulo

A MISSÃO DE IÇANA

A 1.400 quilômetros de Manaus, a capital, em plena floresta amazônica, as únicas estradas são os rios, única conexão a rádio e um hidroavião militar uma vez ao mês. É a experiência de missão de Padre Antônio: três anos, 63 - 65. Entretanto na Itália morre o Papa João XXIII e vem eleito Paulo VI; casam-se Maria Valentina, Giovanni em Chiampo constrói a sua casa, Gabriela termina os estudos, Atílio fica noivo, nascem sobrinhos. Do oásis primitivo Padre Antônio permanece unidíssimo aos seus através das cartas e gravações. Tem quase trinta anos: ambienta-se, aprende as línguas locais, supera o sentido da solidão, adquire a arte de fazer-se amar, coloca em prática o seu método pastoral de forma concreta e com bondade, reflete e sente a necessidade de estudar.

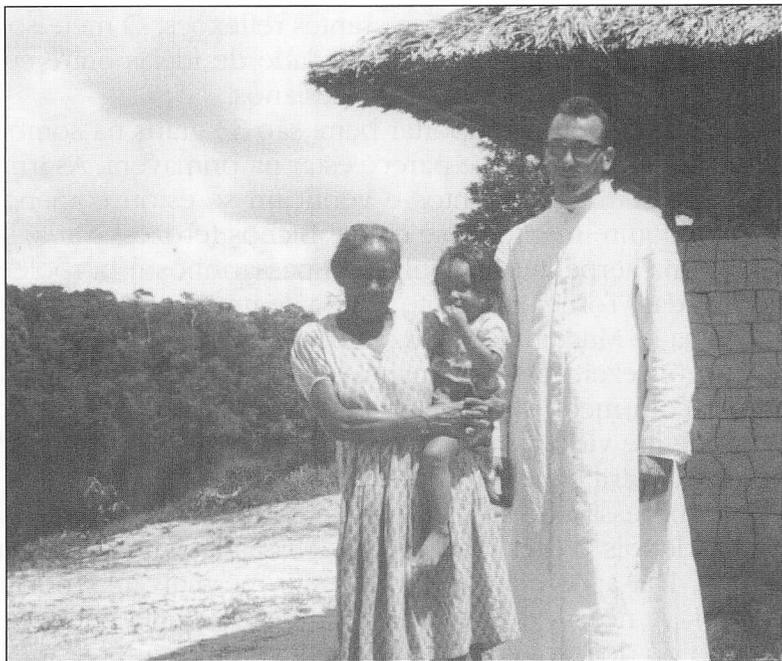
“As primeiras impressões não são desmentidas. Içana é um ambiente calmo e sereno, à nossa frente passa o rio ao largo de 3 a 400 metros e na margem oposta existem muitas casas de índios que vêm trabalhar para nós. A missão é formada por uma repartição de irmãs com o colégio feminino, pela Igreja e por uma repartição para nós onde temos os garotos internos. A nossa casa é feita de paus em pés e transversais preenchidos com barro.

Os muros são em zig-zag, mas, sólidos. O teto é uma chapa de zinco. Quando chove que barulho! A minha jornada tipo: o levantar às 4:30, meditação no quarto, depois acordar os garotos no dormitório, às 6 santa missa, depois o café da manhã e a limpeza da casa. Das 8 às 9 os garotos vão trabalhar no campo e eu fico livre para rezar com o breviário. Às 9

café da manhã e depois escola até as 11:00, às 11:30 assisto o almoço dos garotos (usam prato, colher, copo tudo de lata). Depois vem a recreação quando o sol é muito forte e só resta sombra debaixo dos sapatos! Das 13:00 às 15:00 escola (ler, escrever e matemática) depois merenda. Até às 16:30 trabalho no campo com os garotos e depois os acompanho ao rio para tomar banho. Às 17:00 jantar, às 18:30 um pouco de estudo pessoal. Às 19:30 todos a dormir. Enquanto os garotos dormem posso estudar português e língua geral, a única falada pelos garotos... Devo estudar para poder falar com eles. Quando chega a noite estou suficientemente cansado, porém o clima da noite é ótimo, dorme-se bem. Durante as férias, que aqui são em dezembro, janeiro e fevereiro vou dar uma volta com Padre Alfonso, que é itinerante para as várias aldeias... (Içana, 10.03.63)

“...aqui é como se estivesse sozinho. porque o Diretor deve pensar em todas as pessoas adultas, o senhor José, coadjutor, tem os trabalhadores índios que o mantém ocupado e eu estou todo o dia com os garotos, mas não posso ter comunicação de afeto ou troca de idéias com eles.

Vêm à missão acompanhados por seus pais, aqueles que tem, com a rede debaixo do braço, uma camiseta e alguns calções. De nós eles recebem um uniforme verde escuro que serve para ir à missa pela manhã, mais duas camisas para o trabalho e alguns calções de banho. Sapatos nem sequer a sombra. Há três dias me veio uma mãe com um menino e me disse: “não sabe fazer o sinal da cruz porque sempre estivemos na floresta”. De fato, na Igreja parecem marionetes, fazem todos os movimentos de maneira desajeitada, repetindo aquilo que fazem os maiores... Devo aprender depressa o nhengatú para falar com eles. Não sabem correr são como muitos pés chatos, na água porém, são como peixes que adquirem o seu brio natural... A solidão me fez mais meditativo. Certas palavras da escritura que antes não me tocavam, agora quando as leio, aqui,



Antônio na missão de Içana

Rei Leopoldo, da Bélgica e Padre Balduino, em visita à missão



me dão argumentos para interessantes reflexões. O meu isolamento depende também da diversidade de idéias entre eu e todo o procedimento de velhos salesianos.

O calor eu consigo suportar bem: são 33 graus na sombra. Quando o sol desaparece parece estar na primavera. As irmãs preparam bem os alimentos e verificam se estou comendo: aqui se adquire méritos e se come! Bichos ferozes? Nada, somente uma serpente. Maravilhosos passarinhos e borboletas sarapintadas. Tornei-me muito amigo de um inseto que não se vê, chama-se Mucuin, e produz muito comichão. Hoje é dia de São José e rezei por você mamãe. Você é sempre a mesma, sempre com medo de que me falte alguma coisa: pensando que pode me vir o remorso porque a vida de um missionário não custa sacrifício...” (Içana,19.03.63)

“...a impressão de solidão parece correr em minhas mãos; porém, depois de ter celebrado a Missa não me sinto mais sozinho. Dia após dia começo a sentir-me mais feliz por estar aqui. A nossa vida é bela quando se pode reassumir, num ato de doação, como esse que viveremos agora na Páscoa. A minha doação é dirigida a 50 garotos de várias idades e línguas: olhamo-nos sem entendermo-nos. Passo todo o dia com eles e à noite não tenho forças para estudar, somente para dormir. Com o catecismo faço assim: digo uma frase em português, um garoto me traduz em nhengatú e um outro em baniwa. Devo acostumar-me a ser contente com pouco... Agora já são as 2:00 da manhã e não quero exigir muito do meu sono...” (Içana,6.04.63)

“...termino agora de ler 20 cartas que me chegaram nesta semana. Amanhã o avião volta para Manaus e se conseguir me livrar do sono quero escrever para vocês. Uma coisa que me comove é ver como vocês me sentem próximo. Quando me escrevem parece que falam comigo aí presente. Eu tenho a mesma impressão... pouco a pouco começo a compreender esses ambientes que me fascinam cada vez mais. Não tanto pela vegetação, mas porque vejo as necessidades des-

ses lugares. Muitos irmãos protestantes, poucos católicos espalhados aqui e ali que não sabem nada. As mulheres me impressionam. São de grau inferior a respeito dos homens, sempre tímidas e resguardadas, trabalham com os filhos sentados na anca do lado direito. Quando conseguem pegar algum peixe levam-no para o filho que estuda na missão. Esta missão está no início e necessita ser bem delineada. Estamos pensando em fazer uma residência mais ao norte entre os Baniwa. No final do ano espero já está falando bem a língua deles...” (Içana, 20.04.63)

“...que dizer de mim? Faço sempre o propósito de melhorar e depois meloro pouco. Às vezes sou como o tempo: inconstante. Porém penso que me encontraria mal em Cro-sare porque estou me habituando aqui. Os garotos agora são 60, mas estou mais livre porque tem um irmão leigo que me ajuda. Vejo que tenho facilidade de comunicação e com 4 palavras baniwa me faço entender. Preciso um pouco de espírito empreendedor. Durante as férias quero conhecer de perto os protestantes. Estou preocupado com a formação dos garotos. Eles não têm força de vontade, só instinto. No ambiente são bons, fora são ainda selvagens. Como vêm o meu mundo é pequeno, mas me mantém bem ocupado. Sinto-me feito para este mundo simples... (Içana, 23.04.63)

“...até agora não sofri sombra de doença, o que é mais duro é despertar de manhã e sentir-me cansado à noite: efeito do clima. Estamos na estação das chuvas. Vem todos os dias como névoa intensa e não deixa ver nada, porém não é névoa mas gotinhas. O ar é cheio de umidade. Estou preparando alguns garotos para a primeira comunhão e a crisma. Virá o Bispo, Dom Marchesi. Há dois meses eram ignorantes, agora conhecem o catecismo. São muito inconstantes e habituados a ser independentes. Os pais não mandam e dizem sempre: “se ele não quer”. Com o Dom da fortaleza e Jesus na alma se tornam mais homens. No domingo a missa

é em nhengatú. O povo canta na sua língua e eu os divido em vários coros, mas de maneira muito simples...” (15.05.63)

“...a minha vida é como a de um colégio, estou sempre ligado aos garotos... A missão é organizada assim: tem um grande campo desmatado: o povo vem de várias partes do rio para trabalhar: ficam um, dois ou três meses e por pagamento recebem vestidos, tecidos, espingarda, sabão, panelas como eles pedem. Todos os dias se faz o catecismo e assim todos se ajudam materialmente e espiritualmente. Com os frutos do campo se mantém um colégio para os garotos e um para as garotas. Eu estou com os garotos, o Diretor com os trabalhadores, o itinerante Padre Alfonso gira ao longo do rio, as irmãs com as garotas...” (Içana, 31.05.63)

“... o meu trabalho deve ser paciente, porque aqui o cristianismo começa agora e para vocês já há 2000 anos. Também os meninos que vêm aqui para estudar vão bem devagar. No primeiro ano sabem somente comer, pensam somente em coisas materiais. No segundo ano começam a fazer mortificações e a viver na graça de Deus. Passar de uma mentalidade natural para a cristã é um salto muito grande. Quando voltam para casa vivem em meio a famílias que ainda são pagãs apesar de serem batizadas...” (Içana, 1.06.63)

“...o trabalho com esses garotos está cada vez mais difícil: cerca de 7 deles fugiram. Às vezes não sei de que forma mantê-los. Procuo somente conservar-me otimista. Como vêm em qualquer lugar temos que lutar. O paraíso é um prêmio, não um presente!...” (Içana, 5.06.63)

“...estive uma semana em excursão com os garotos próximo à Venezuela. Estava muito preocupado, mas constatei a simplicidade das pessoas e como é simples fazer o bem. A gente era quase toda protestante, mas falei na língua deles e vieram felicitar-se. Depois quando viram os garotos cantarem felizes ficaram tocados...” (Içana, 21.06.63)

“...já são nove meses que estou no Brasil e ainda não chegou o baú que deixei em Recife. Aqui estou no fim do mundo, o único contato é um avião que passa 15 minutos aqui uma vez por mês. Estou privado de muitas coisas, como por exemplo o violão, mas não desejo nada demais. O sol sempre me encontra em pé e contente...” (Içana, 6.07.63)

“... hoje me chegaram os dois baús. Erraram de rio e os baús tinham ido para Humaitá. A primeira coisa que eu olhei foi o álbum das fotografias, mas exatamente ontem se rompeu o gerador com a energia, por isso não posso ouvir nem mesmo a fita com as vozes de vocês.

À noite vou tomar banho no rio e sou o único salesiano que sabe nadar. A água do rio afasta qualquer cansaço. Começo a ser velho de ambiente e a mover-me com mais agilidade entre usos e costumes do lugar...” (Içana, 17.07.63)

“... nesses dias vi e revi muitas vezes as fotografias e os rostos de vocês. Quantas recordações! E tudo permanece fixo na memória!

Aqui não tem estações. Passaram as chuvas e o sol queima forte, mas tem um pouco de ventilação. A minha vida é regular, sempre com os garotos que não me dão trégua, mas estou contente porque sentem prazer de estar missão. Alegro a vida deles com os cantos italianos. Ontem escutaram as vozes incisivas de vocês na fita: para eles parecia impossível!...” (Içana, 26.07.63)

“... as pessoas que vêm à missão me olham com admiração. Quando na Igreja falo na língua deles, cometo muitos erros mas me perdoam tudo. As garotas que estudam com as irmãs dizem que sou um santo: é porque não me conhecem! No dia da Assunção inaugurei o violão elétrico na academia de Nossa Senhora. Imaginem cantei “Uma casinha no campo”, basta muito pouco para essa gente... Temos notícias confusas da eleição do novo Papa. Esperamos a fotografia nos jornais... Com o afeto de vocês me ajudem a não sentir-me isolado.

Começo a penetrar esse mundo e a compenetrar-me. Busco permanecer unido a vocês escrevendo. Ontem completei 28 anos e exatamente ontem partiu para o paraíso uma mulher que era protestante. Chegou ao hospital da missão grávida de 5 meses, gravíssima e as irmãs mandaram me chamar. Não queria saber de catolicismo. Então eu disse a ela que Nossa Senhora nos amava como filhos seus, como a Jesus, e ela aceitou a bênção. Voltei com frequência para ver como ela estava. A irmã lhe pediu para fazer a confissão. Eu a tomei pela mão e a ajudei com o mesmo afeto com que teria usado com mamãe. Depois lhe levei Jesus. Ela tinha medo do pastor protestante. À noite estava grave e lhe dei a extrema unção. No entanto tinha pedido para chamar um feiticeiro, mas não o encontraram. Antes de morrer deu à luz um menino de 5 meses, que não conseguimos mantê-lo vivo. Por toda a noite os parentes choravam e gritavam. Com a aurora cessaram os gritos. Espero que esteja no céu com o seu filhinho...” (Içana, 19.08.63)

“... não aprendi bem o português, não sei bem o nhengatú e ainda não abri um livro. Passo meses lendo só a meditação e a leitura espiritual. A minha jornada é de 18 horas e mais. Os 50 garotos me absorvem totalmente de maneira que à noite quando eles vão dormir, eu estou cansado a ponto de não poder nada... agora por exemplo são 23:30 e amanhã devo levantar-me às 4:00 ... porém com esses garotos é mais fácil do que com aqueles da cidade, gostam de mim, agora todos sabem o português, mas no início não se entendiam nem mesmo entre eles... Durante as férias vou a Manaus para estudar didática e ensinar a ler e escrever aos meus índios...” (Içana, 25.09.63)

“... neste mês o evento principal foram as votações: Deviam votar para três candidatos à prefeitura de Uaupés. Em todo o rio tinham somente 44 pessoas, incluindo as irmãs, que sabiam escrever o próprio nome. A propaganda é feita

com a cachaça. Organizam festas em dois ou três lugares, à noite, e se embriagam todos...” (Içana, 20.11.63)

Do mesmo dia tem uma carta endereçada à tia Irmã Erminia.

“tia, saiba que constato a eficácia das suas orações e de todas as irmãs no sacerdócio. Às vezes sinto uma segurança que não vem de mim, mas do ânimo sacerdotal de vocês. Tenho alguns exemplos: um doente no nosso hospital que consegui atendê-lo em confissão e a casar com sua concubina depois de muita resistência. Depois morreu em paz. Da mesma forma uma mulher que vinha do protestantismo: foram as suas orações a mandá-la para o paraíso. A luta maior não é com o ambiente externo, mas contra nós, para viver como Jesus...” (Içana, 20.11.63)

“...já é o segundo Natal que passarei aqui no Brasil. Reunimo-nos todos os salesianos para preparar o povo. Esperamos uma boa afluência. No nosso hospital tem um feiticeiro, um “pajé”: tem sete grandes bolinhas no corpo. Diz que já foi batizado e que nunca matou ninguém. Parece-me que 80% da nossa gente morre envenenada. A venda entre eles é uma coisa normal. E depois não sabem dizer a verdade. Tem quem dá a filha e a mulher em empréstimo, por um certo tempo, para pagar os débitos. O Natal chegará da mesma forma nesses corações crus. Não sentirei certamente o frio de Belém, mas terei ao meu lado a simplicidade dos pastores...” (Içana, 11.12.63)

“...Caríssimos estou de volta de Manaus. Devia ter ficado 2 meses para fazer o curso de didática e pastoral, mas o Inspetor me disse que foi suprimido. Então retornei a Içana. Pela primeira vez irei sozinho visitar as famílias nas aldeias por uma semana. Não me mandempacotes porque a taxa da alfândega é duas vezes o valor da mercadoria...” (Içana, 11.12.63)

“Tenho que contar a vocês a minha experiência como iti-

nerante. Saí no alvorecer com uma canoa a remos e três rapazinhos. A primeira noite passamos na floresta. Às 16:30 chegamos a um aldeia: 5 cabanas e uma igrejinha protestante. Ao ver-me todos fugiram para suas habitações, somente a mulher do chefe ficou para conversar comigo, depois chegou o chefe e pastor de nome Filipe. Deu-me um barracão para dormir com os três remadores. Disse-lhes que poderia rezar com eles. No jantar estava todo mundo junto, cada família trazia alguma coisa. Depois o mais velho tocou o sino e fomos rezar. Filipe me disse para pegar a Bíblia em português. À luz da lamparina a óleo leram o capítulo 20 de Lucas, em língua baniva. Num ângulo lá no escuro, tinha um homem que seguia com um livro pequeno. Emprestei-lhes a minha pilha de livros e me dei conta que tinha o livro de cabeça para baixo. Fizemos orações espontâneas às quais pude entender. Depois a oração de Filipe. Ao todo durou uma hora. Por fim escutaram a mim. Cantei algumas músicas acompanhadas do violão e falei a eles de Nossa Senhora e da Eucaristia mostrando alguns quadros catequéticos da LDC. Enfim concluí cantando na língua deles, em português e em italiano. Não paravam mais de me pedir cantos. Convidei-lhes no dia seguinte para a missa, mas no outro dia ficaram me olhando de longe. Na hora da partida nos saudamos como amigos. Filipe me deu bananas e papunha e eu o agradei com sabão e biscoitos.

A Segunda aldeia era de 10 famílias com duas igrejinhas, uma católica e uma protestante, mas católico não tinha mais nenhum. O chefe Mariano e sua filha passaram ao protestantismo por culpa nossa, porque por meses e meses ninguém lhes foi fazer visita. Eu ainda o repreendi um pouco, mas passei boa parte do tempo na rede por cansaço: de fato faziam 36 graus na sombra. À tarde chegaram os demais habitantes que estavam nos campos e na pesca. Chegou também Cecílio que se uniu a uma mulher protestante sem o rito religioso. Fui ao porto para ajudá-lo, bati a mão em seu

ombro e uma hora depois estava na sua cabana dando-lhe catequese, mas sua mulher não quis participar. Depois do jantar fui à casa do chefe para beber caxibé, uma bebida não alcoólica. Levei o violão e alguns quadros da catequese, mas o chefe não me deu a palavra. Sentei-me com eles e falei de minha viagem, da Itália, de muitas coisas. Quando percebi que estavam dispostos e calmos falei que os apóstolos faziam a ceia recebendo Jesus naquele pedaço de pão e que Maria Santíssima nasceu sem pecado original. Escutaram-me. Pela manhã celebrei a missa com os três remadores e Cecílio. Na partida o chefe me deu uma tartaruga e eu lhe dei biscoitos. Depois de uma hora de rio encontramos uma cabana de protestantes. Procurei brincar, falar do mais e do menos, tornarmo-nos amigos para tirar deles a má imagem que têm do Padre Missionário católico.

Meia hora depois outras duas barracas. Os homens estavam no trabalho. Tinha somente uma mulher com um menino pequeno que estava mal. Dei remédios e leite em pó. Depois de uma hora de rio uma outra casa com uma família protestante. Estavam contentes pela visita e me acolheram bem. Mais adiante uma outra aldeia com duas igrejas. Algumas mulheres chegaram correndo para pedir remédio pois havia uma outra que estava mal. Fui visitá-la e à noite já estava melhor. A igreja protestante estava abandonada porque não se encontravam mais para rezar. Então as encorajei, para que retomassem a oração juntas. No entanto reuni católicos e protestantes para a catequese. À noite estive com o chefe Ermínio discutindo sobre vários pontos e isso serviu para tirar as idéias erradas a nosso respeito. Saudamo-nos como amigos e ele me fez as honras de hóspede agradável. No dia seguinte missa e comunhão aos poucos católicos, depois partida para Iuacaná. Lá são todos católicos mas não sabem rezar porque só se passa em cada 5 meses. Então inventei o rosário simples: um canto e dez ave-marias, o mesmo canto e mais dez ave-marias. Espero que Nossa Senhora

não se lamente por tantas mutilações! Fiquei três dias para ajudá-los e me fizeram prometer que continuaria com cada família. Naqueles três dias nasceu um menino. Depois de dois dias de viagem estava em Içana. Entendi uma coisa: a simplicidade é fonte de felicidade. Aqui a gente não é complicada, mas criança. São muito obedientes porque se sentem inferiores aos brancos. Eu ao invés brinco com eles e não sinto nenhuma dificuldade. As irmãs me dizem que sou muito virtuoso porque como a comida deles e não percebem que sou guloso e gosto!

Peço desculpas a vocês, porque pela carta parece que eu seja um missionário esperto, não conheço nem as primeiras armas!

Poucos entendem a necessidade de instruir-se e o valor da missão. Nestes dias ficamos um pouco desconfortados porque numa aldeia todos se embriagaram. Dançam à moda européia e se deixam levar pelos maus procedimentos, coisas que não estão em suas tradições, porque suas danças são puras e têm o hábito de não olhar com malícia as garotas. Nós, salesianos, com a desculpa do colégio dos garotos e garotas, descuidamos das famílias e da vida normal. Resulta difícil educar, porque corremos o risco de viver num ambiente falso, artificial. São bons para nos agradar e não por convicção interior. Quando voltam para casa perdem em dois dias o trabalho de dois anos. É difícil entrar na alma deles. Só os meninos não respeitam as regras, riem e comentam sempre com firmeza: assim eu vou descobrir tudo...

O ano passado me disseram para estar atento porque as pessoas são muito maliciosas e interpretam mal tudo aquilo que fazemos. Desde então eu me mantive sempre mais reservado. Agora porém mudei de sistema: brinco com todos e com todas, faço-os rir e fico com eles sem pretensões. Vejo que é melhor, abrem-se mais e às vezes vêm à noite se confessar. O povo tem um grande afeto pelo Padre Schneider, que fundou a missão porque ele era “ilaitú”, bom...” (Içana, 14.02.64)



Os garotos da Missão de Içana

“Recebi 5 números do L`Osservatore Romano, de Domingo. É realmente uma satisfação recebê-lo. É a única janela sobre o mundo. Aqui a única paisagem que não muda é o verde escuro da floresta...” (Içana, 20.07.64)

“...é preciso muita paciência. O povo é católico até que não passe nenhum comerciante com a cachaça! Do matrimônio nem mesmo a sombra: ontem mesmo um garoto e uma garota, educada pelas irmãs, foram viver juntos...” (Içana, 21.07.64)

“... completei 29 anos e me sinto um menino: certos dias desabafo, corro, me ponho a rir e a brincar. Com os vendedores de cachaça deveria ser muito severo, mas sou estrangeiro e devo ser prudente. Procuo me adaptar a tudo sem criar problemas e dificuldades. Está certo que o trabalho do missionário é também sujar as vestes, bater prego, ocupar-se da meteorologia, dar trabalho aos índios, negociar... muitas vezes as ocupações materiais ocupam um mar de tempo, demasiado!...” (Içana, 19.09.64)

...por sorte chegou a lancha com as provisões que nos permitirão ir adiante até o final do ano escolar. Fizemos várias escolas de arte, música, e teatros e eu tive que transcrever todos os textos. Os rapazes estão felizes e prometem passar as férias sem beber cachaça e nem fazer as festas européias. Quem sabe se recordam dos propósitos, vamos esquecê-los também nós!...” (Içana, 14.10.64)

“...a nossa lancha não funciona, o avião deixa a desejar. Iniciei as férias de dois dias e tornei-me agricultor. Os rapazes durante o ano plantaram muitos feijões e agora devem colher os grãos. A colheita para nós é longa porque continuam a reproduzir-se. No mês de dezembro estarei aqui na missão sozinho porque o Diretor, juntamente com Padre Alfonso, devem ir a Manaus. O meu trabalho é variado: trator, motores, roça, oficina, bodega, paróquia e catequese. A nos-

sa atividade é substancialmente sócio-religiosa. Estou um pouco desconcertado porque a nossa influência é pouca. Acabei de encontrar o responsável pela organização de uma festa que durou algumas noites onde todos se embriagaram. Não faltou nenhum dos nossos garotos e garotas e nós só viemos saber um dia depois. Fazem as coisas entre eles sem dizer nada. Às vezes me pergunto o que fica de cristianismo, mas com a ajuda de Deus venceremos...” (Içana, 4.11.64)

“...fiquei sozinho para comandar a missão. Querido papai, não sei nada do Brasil e da sua política. Estou dentro da floresta e não escuto o rádio. Pode acontecer qualquer coisa no mundo e nós não sabemos nada... Estive no hospital e tinha um menino com febre alta. Dei a bênção ao menino e no outro dia ele estava melhor. A mãe me agradeceu por ter-lhe tirado a febre. Pensam que a bênção sacerdotal é semelhante ao que fazem os bruxos que sugam as doenças...” (Içana, 23.12.64)

Queridos Francisco e Silene, a felicidade matrimonial de vocês me faz pensar como é possível que aqui as pessoas se casem sem se falar e sem se conhecer. Já há duas semanas estou conversando separadamente com dois jovens. Fui conversar com as irmãs e pedi que chamassem a jovem esposa para que falasse com o rapaz. Ensinei a ambos como devem viver inclusive pensando na vida futura...aqui precisamos iniciar pela família. Muitos são os perigos para mim: primeiro o da solidão, a falta de um amigo com o qual falar, a necessidade de esvaziar-se sempre. O único amigo é Jesus que sabe preencher uma vida.” (Içana, 24.01.65)

“...Aqui mamãe você estaria bem porque os índios cultivam as galinhas mas não se alimentam delas, as vendem. Seria menos trabalho para você. E papai? Muito trabalho com o gado, aqui também se pega a espingarda para um passeio na floresta e se mata dói-dói. E você não sabe o quanto é boa a carne de puma ou de leão, como também a de veado! Os pombinhos são pequenos demais não sei por que as pessoas

desperdiçam uma munição que chega a custar 400 libras. Os passarinhos daqui são maiores que as galinhas e se chamam “jacu”. Eu experimentei atirar em alguns passarinhos em vôo, mas eles nem mesmo se assustaram. E a minha vocação de missionário caçador terminou ali...” (Içana, 25.01.65)

“...Hoje é o dia do meu aniversário: 30 anos! Estou preparado para a missão neste rio mas preciso ter visões mais amplas. Estou ocupado todo o dia em coisas que não exigem nenhum esforço mental. Temo tornar-me cada vez mais ignorante...”(Içana, 26.08.65)

“...voltei dos exercícios espirituais e entendi que aquilo que nos torna grandes é a obediência. As obras de Jesus são grandes porque Ele fez somente a vontade do Pai. As nossas obras se divinizam quando seguem a vontade de Deus. A obediência é fonte de calma, serenidade, santidade...” (Içana, 19.11.65)

“... Quero contar-lhes os últimos dias de Içana. Vou dizer isso para deixá-los contentes e torná-los partícipes nas minhas consolações, não por vaidade. O povo gostava muito de mim e quando soube que eu tinha sido transferido para uma outra missão, ficou triste.

Naquela primeira noite depois da notícia cantei no microfone. Tem um auto falante na praça e se ouve também ao longo do rio. Durante o canto todas as irmãs e as garotas índias choravam, também nas cabanas. No dia seguinte todos me paravam e perguntavam: “Por que você vai para longe?”. No dia da partida tive que me despedir rápido e sorrindo, porque estava se tornando um pranto geral. Recordo-me o pranto de Irmã Inês, a mais idosa, que cuidava das minhas coisas como uma mãe. Vejam como me querem bem! É isso que devo fazer na próxima missão em Pari Cachoeira: ser bom, só assim se pode fazer o bem.

Seu filho Antônio, missionário inexperiente”. (Manaus 16.01.65)

Quarto Capítulo

DIRETOR EM PARI CACHOEIRA

Este período é realmente importante. Pe. Antônio está na flor da idade e no esplendor físico. Era alto 1,86, chegou a pesar 100 kg, um grande trabalhador. Talvez o mais jovem dos diretores da Amazônia, mas com uma acentuada propensão para a organização. Foram 6 anos importantes: os frutos do Concílio e a atualização na Igreja trazem uma reviravolta às missões, a situação política do Brasil, a relação com os governos militares causam algumas tensões, a fugaz visita de Pe. Antônio à Itália em 69, as dificuldades gerais e as modas, os primeiros voluntários leigos nas missões, os primeiros catequistas indígenas, os novos meios audiovisuais para a catequese, a promoção humana das tribos, os cursos de civilização dos indígenas.

“...Ser diretor sem ajudantes válidos é uma coisa que pesa, mas estou sempre feliz. Deverei servir-me muito da noite para os trabalhos de escritório. Agora não posso fazer muito pelo povo, porque não conheço a língua e os costumes, mas se afeiçoam rápido e basta fazer alguma coisa por eles para que logo te queiram bem. Veja, Erminia, esta é a minha grande família, devo amá-la e ajudá-la...” (Pari Cachoeira, 24.02.66)

“...estou bem de saúde e vivo bastante feliz, mas no fundo sinto uma grande tristeza, pois estou vivendo num lugar muito imoral e baixo. Ontem à noite, por exemplo, fizeram uma orgia. Deverei rezar muito mais. Tenho medo de tornar-me muito severo com esta população ladra e mentirosa. Ajudem-me para que possa animá-los ao bem...” (Pari, 12.03.66)

“...Me custa muito ser superior: ter responsabilidades de tantas coisas e não gozar férias. Custa decidir sempre e ter a última palavra em tudo. Os superiores estão muito contentes comigo, mas vejo que não tenho o Dom de ser superior. Os outros dizem que sou prudente, mas digo que sou mole. Não sei se a paternidade virá com os anos. Sou um ótimo administrador, mas não sei tratar bem e compreender os irmãos. Às vezes, falta-me a coragem...” (Pari, 20.06.66)

“...sinto que Gabriela conserva sempre seu ideal missionário. Deus ama verdadeiramente nossa família. Este desejo de oferecer a própria vida pelas almas e pela Igreja só pode vir de Deus. Procurem não obstacular o plano do Senhor com receios e tropeços, mas devem fazer o possível para ser colaboradores. Gabry deve ser a expressão missionária de toda a família. O seu desejo deve ser o desejo de todos, que ela seja a sua enviada, a sua representante. Ajudem-na a vencer as dificuldades. As obras e as pessoas valem pela generosidade e o altruísmo não pelo bem estar e a comodidade. Gabriela colheu, talvez, a flor mais bela da nossa família e a está guardando em seu coração, não a desprezem. Aconselhem-na para que esse ideal seja levado adiante da melhor maneira, não para que tudo caia...”(Pari, 17.08.66)

“...a diretora se chama Irmã Elza Ramos. Costumo chamá-la minha estrela. É de tudo exagerada nos cuidados que tem por mim...” (Pari, 17.08.66)

Falta um ano de correspondência: as gravações de áudio se perderam ou se intensificaram?

“...Há três dias escutei a fita com a voz de vocês. Fiz um esforço para não me comover, pois a alegria me fazia descer as lágrimas. A caixa de som as reproduziu muito fielmente. Eu queria escutar um pouco do dialeto vêneto, mas todos se tornaram professores e me falaram em italiano. Vou guardar com cuidado e voltar a escutar muitas vezes... estou muito

bem e me sinto ainda muito forte. Não me canso de trabalhar com esse povo de Deus, porque os quero muito bem. Quando se ama não se sente o peso... Não pensem que eu faça coisas extraordinárias, faço aquilo que faziam os meus predecessores e até menos. O Senhor me ajuda muito. Por exemplo tem uma igreja que está para cair: as colunas estão marcadas e ela teria o direito, porém não cai porque Deus não o permite. Verei o que fazer. Vocês me pedem sempre para retornar. Deixem-me terminar o sexto ano e então pedirei para fazer-lhes uma visita...” (Pari, 22.05.67)

“...acho que não existem muitas pessoas alegres como eu, mesmo que seja difícil viver com esse povo. Hoje por exemplo vieram dois homens pedir trabalho. Pedi a eles para carregar lenha até quando quisessem. Foram embora enraivecidos porque o Diretor não lhes deu trabalho. Quem é que sabe o que saíram pensando?!

Quando me fizeram Diretor da missão eu pensava que não ia acostumar-me com esse papel, porém agora me sinto mais seguro, inclusive, nas decisões. O bem que nós fazemos aqui é muito limitado, mas a nossa dedicação não deve ser limitada...” (Pari, 19.04.67)

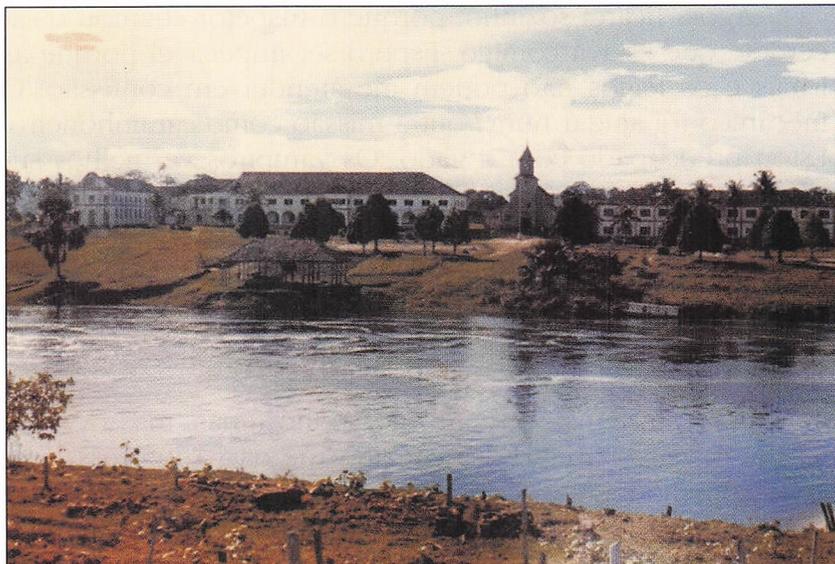
“...caro Atílio, tenho uma lista de coisas par fazer, todas necessárias, já sei não conseguirei fazer muitas, mas mesmo assim mantenho-me contente e calmo. Estou com o outro Diretor e devo consolar e ajudar os demais salesianos. Todos se preocupam excessivamente com um aspecto da missão, então devo encorajá-los ou contê-los. Por isso devo estar calmo e alegre. Guiar uma missão aqui, nos confins do mundo, longe de todas as cidades, é uma coisa difícil. São muitos os momentos que poderiam me desencorajar, mas com frequência vejo a mão do Senhor enviando aquilo que nos falta...” (Pari, 24.04.67)

“...Valentina querida, soube que vocês estão com 2000 pintinhos... aqui não é fácil fazer um galinheiro, por causa

dos morcegos que chupam o sangue. O galinheiro deve ser arejado mas sem buraquinhos: basta uma pequena abertura e no dia seguinte encontramos as galinhas mortas. Mataram-me 12 porcos. Chupam o sangue das pessoas, mas nós dormimos com uma lamparina acesa e os morcegos nos deixam em paz...” (Pari, 24.04.67)

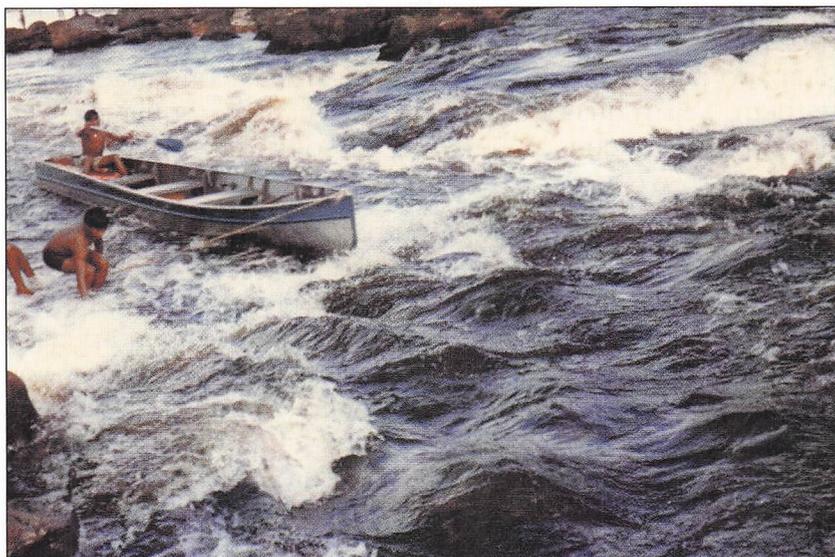
“...hoje é festa de Santo Antônio. Queria que vocês tivessem estado aqui para ver com quanto amor os alunos, as alunas e o povo me festejaram. Foram as irmãs que prepararam a mobilização. Introduziram cantos novos na Missa e depois no pórtico do colégio fizeram algumas encenações em minha homenagem. Por fim me cobriram a cabeça de flores como é costume no Brasil, e trouxeram um bolo de três andares com 31 velinhas. Em sinal de amizade cada um comeu uma fatia do bolo. Depois, no refeitório, encontrei uma verdadeira exposição de presentes, e em seguida o almoço com flocos de neve! À tarde eu não sabia como agradecer, então fui ao colégio das irmãs com o violão e improvisei, pela ocasião, um canto “O mar”. Graças a Deus aqui somos muito unidos e nos ajudamos sempre.

Na semana passada recebemos um General da aviação. Essas recepções nos fazem perder muito tempo porque a hora da chegada é sempre incerta. Os pilotos nos dizem que Pari Cachoeira é um dos lugares mais difíceis pelas condições atmosféricas e pela longitude. E nós esperamos um dia após o outro, às vezes até semanas. Qualquer pequeno rumor nos coloca em alerta. Enquanto esperávamos o General, um menino soprou numa garrafa vazia. Isso pareceu o barulho do avião, correram para pôr o vestido da festa. Ao invés de nos enraivecemos começamos a dar risadas... Quando chegou o avião entreguei uma carta a um menino para que levasse ao piloto. Depois que o avião tinha partido o menino me vem, todo sorridente, com a carta em mãos...santa simplicidade!...” (Pari, 19.06.67)



Missão de Pari Cachoeira

Cascatas próximas à missão



“...Agora ficarei sozinho, porque o Inspetor chamou o sacerdote que estava comigo. Espero ser impecável porque as irmãs e os leigos não podem me atender em confissão! O mecânico foi ajudar numa outra missão como caminhoneiro. Estou preocupado com o gado. Os vampiros vermelhos sugam o sangue: por causa disso morreu o touro, um bezerro e outros 7 porcos. Procuramos defender os animais com uma forte iluminação noturna. Há três meses estou trabalhando com os garotos para fazer um campo de erva para os ingênuos...falam-me que voltam, mas acho que será difícil, senão impossível, por este ano” (Pari, 31.07.67)

“Querida Ermínia, eu aqui não tenho férias, mas o verde da floresta e o barulho das cascatas me dão a impressão de estar continuamente de férias. Aquilo que mais me dói é a falta de tempo para ler e para me comunicar com novas pessoas. Estou imerso no meu mundo indígena e começo a conhecê-lo melhor. O cristianismo é para eles algo secundário, os costumes pagãos são uma forma de relaxamento do cansaço. Vivem em desconfiança recíproca e no ódio. Basta um nada... ontem por exemplo um garoto foi mordido por uma cobra. A mãe se separou imediatamente do marido porque tinha mandado o jovem pegar lenha e, portanto, era culpado pelo ocorrido. Por sorte o garoto ficou curado e está bem. Vejam qual lógica têm esses meus paroquianos? Mas Jesus os ama e eu também. Não posso cansar de ajudá-los...” (Pari, 31.07.67)

“... A minha agricultura parou porque não temos sol o bastante para queimar o pedaço de floresta que foi roçado. É preciso pelo menos 6 dias de sol contínuo para secar as folhas e os ramos e depois queimar. Imaginem só, este ano o pedaço de floresta que roçamos é maior que a roça de Crosare. Vou plantar erva para o gado: será destinada completamente para pastagem. E as capelas? Papai me pergunta sempre. Bem, já recebi cimento para três, mas o rio está em alta e alagou a re-

gião onde se faz tijolos. Aqui estamos na cabeça do mundo e se faz tudo como os egípcios... O mês no qual eu teria mais liberdade seria janeiro, sei que para vocês faz bastante frio. Verrei se é possível estar aí em 69. Estaria 15 dias no máximo e depois retornaria: é somente um projeto. A viagem seria evidentemente de avião...”(Pari, 28.08.67)

“...Como vocês sabem fiquei sozinho na missão essas semanas, mas o Senhor é bom e manda de vez em quando alguns missionários para me visitar. Eu sou um homem e não uma mulherzinha tímida. Se escuto as irmãs não posso colocar o nariz no sol porque é perigoso, não posso tocar numa pedra porque me canso, se jogo futebol com os garotos dizem que sou louco... mas eu sinto que é uma atividade que liberta e faz bem à saúde. Além do mais não existe comparação entre a minha força e a dos homens da cidade: eles não conseguem levantar nem ao menos 50 quilos! Hoje por exemplo fui com os garotos puxar a lancha que estava na areia. Puxei tão forte que fomos parar no rio, mas um banho não faz mal!... Dom João Marchesi veio me fazer uma visita, não é mais o meu bispo, já foi consagrado o novo: Dom Michele Alagna, de origem siciliana. Não mandem fitas gravadas por meio dos salesianos, mas via aérea, pois seguramente me chegarão em 10 dias. Durante as férias vou construir as capelas nas aldeias...” (Pari, 28.09.67)

“... Tenho inveja de vocês porque são unidos no trabalho, eu pelo contrário me encontro sozinho e não sei quem procurar para me ajudar. Parece-me que a nossa prelatura está sendo provada por Deus. Os sacerdotes vão embora e somos cada vez menos. Tenho um irmão leigo que está doente em Manaus, outros são jovens e de pouco valor. Ouvi dizer que alguns estão pensado em ir para uma outra diocese: boa viagem e viva a generosidade! Houve um período em que essas missões tinham 4 ou 5 sacerdotes, com clérigos e salesianos leigos. Agora estou sozinho e todas as missões estão sem clé-

rigos. Em outras os padres são 2, mas 1 é doente ou idoso. A verdade é que o nosso trabalho entre os índios é enervante. É fácil até quando se trata de ensinar e batizar, mas quando se trata de educá-los e de acompanhá-los rumo à conversão... Os poucos que ficam devem estar unidos e solidários. Prometi a vocês que vou em 69, mas se perceber que os missionários estão desencorajados remarcarei a viagem. O Senhor precisa fazer milagres porque das cidades chamadas decentes, onde existe o bem-estar, não vêm vocações, das cidades subdesenvolvidas não podem vir porque estão na ignorância e na pobreza... Agora está na moda o apostolado dos leigos e isso é uma boa coisa, mas não é boa se desvia a vocação de quem se sente chamado a uma vida de consagração. O apostolado dos casados na missão é limitado na sua duração. Somente quem é solteiro e ligado a uma grande família, como uma congregação, pode estar completamente à disposição da igreja e das almas. Por isso amo a pobreza e a simplicidade das missões. Hoje veio no avião um comerciante e me mostrou um rádio toca-discos a um preço rasgado, mas eu não o comprei. Prefiro não me deixar seduzir pela mania de novidade..." (Pari, 23.10.67)

"...Depois da Páscoa irei a Manaus para os exercícios espirituais com os outros Diretores e depois me empenharei para aprender a língua tucana... Não precisava ter me apresentado um relógio, já estava acostumado, de qualquer forma obrigado..."(Pari, 30.10.67)

"...tenho aqui como meu hóspede o ex-Rei da Bélgica, Leopoldo, que me pediu o frete de uma lancha para dar um giro por esses rios: deve pegar alguns tipos de peixinhos colorados para um museu. Com ele falamos em italiano..." (Pari, 4.12.67)

"...eis que me encontro em Manaus. Fizemos as reuniões dos Diretores e os exercícios espirituais. É a primeira vez que me encontro com todos os diretores da região norte do



Equipe de futebol da missão

Irmãos salesianos leigos em Pari Cachoeira



Brasil: tinha a impressão de ser um pintinho, novo e incapaz entre tantas pessoas de experiência! Fui ao dentista e à mercearia para comprar aquilo que é útil à missão: olho o preço, olho os bolsos e depois pego o produto. De fato estamos acostumados a comprar sem olhar! Temos conosco o novo Bispo, Dom Michele. Vejamos se somos capazes de acompanhá-lo em todas as inovações que quer introduzir. É muito fervoroso, mas não conhece ainda a nossa realidade. Acho que este ano será mais duro, para mim, ser Diretor, pois terei Padres com diferentes idéias para estarmos unidos. Se levo tudo com calma e alegria facilito as coisas. Dos exercícios vim com a idéia de que devo estar mais próximo aos índios para que se sintam mais amados e que cada contato os torne melhores. O espírito do Concílio é o amor que serve aos outros...” (Pari, 8.01.68)

“...este ano virão algumas senhoras leigas da Colômbia para trabalhar na missão de Içana, para melhorar o nível de vida dos índios e dar a catequese. Também virão três jovens de Milão para dirigir uma escola de mecânica aqui em Manaus. Dessas duas experiências veremos em seguida suas conseqüências. A missão de Içana, onde trabalhei, será fechada: ficará só o sacerdote itinerante...” (Manaus, 13.01.68)

“...Parece-me que este ano estarei mais livre porque não deverei ter aulas de português e nem matemática, assim vou estudar a língua tucana. Já são três domingos que damos catequese para as várias categorias de pessoas. Por agora vou falando com o intérprete. Quando voltei estava faltando mantimentos, mas eu estava bem abastecido. Depois fui passar três dias na floresta, ao longo dos atalhos, caminhando até mesmo 7 horas de fila. Fizemos o percurso num tempo precioso. Um macus (índio da floresta) que me guiava tinha o passo ligeiro, mas depois de uma subida também ele estava cansado. Vim para dar a unção dos enfermos a três doentes graves. No segundo dia fui a uma aldeia onde nunca um mis-

sionário tinha colocado o pé. Batizei uma velha de 60 anos e meio cega: vocês precisavam ver a felicidade daquela pobrezinha. Na volta senti saudade do trabalho itinerante, pois como Diretor devia estar na missão...” (Pari, 13.02.68)

“...a experiência dos anos passados está me ajudando e me sinto mais seguro. Vejo que muitas dificuldades foram facilmente superadas. O Senhor faz quase tudo: quando não sei mais o que fazer ele me apresenta soluções inesperadas. Não sabia onde encontrar um alfaiate para a escola dos garotos e ontem voltou um ex-aluno alfaiate. Sua esposa faleceu e, no entanto, está aqui e vai me ajudar. Faltava alimento na dispensa e Deus nos mandou uma caça que nunca se viu! Ontem o mecânico se foi me deixando o motor desmontado. Reclamei todo o meu orgulho e em duas horas funcionava, então com os homens transportei troncos de árvores, alguns troncos pesados. Como de costume os civilizados ficam olhando os índios trabalhando. Trabalhei com eles e percebi que diziam que eu era bom e diferente dos outros. Sou também o mais robusto dos missionários, porém essa noite não fechei os olhos de tão cansado. Quanto ao alimento: eles comem com muita pimenta: devem ter a língua em chamas! Nós devemos comer diversamente. Eu os trato bem, mostro estima por eles, mas devo ter os olhos sempre abertos. Esse povo aos poucos se transformará...” (Pari, 24.02.68)

“...agora somos três sacerdotes e posso descansar mais. Estudamos o modo mais eficaz para converter esses indígenas. Tradicionalmente são todos batizados, mas de fato, apesar de acreditarem não deixaram o culto pagão. Quando vão trabalhar nos campos pedem a Ganche, quando vêm à igreja pedem a Jesus. Quando estão sãos ou doentes celebram os ritos antigos, quando estão graves chamam o sacerdote. Domingo os meus *bovai* fizeram greve como acontece aí. Então depois da Missa fui ordenhar a vaca: meio balde de leite. Depois de 25 anos da fundação dessa missão só agora

se pratica a ordenha, porque antes se deixava o leite para o bezerrinho. Eu, ao invés, dou leite em pó ao bezerrinho e o fresco fica para nós. Fiz um plano para a fazenda e lentamente estamos colocando em prática. Em poucos dias terminaremos o galinheiro dividido em 8 partes. Quero que tenhamos ovos para todos os alunos. Mais uma vez os vampiros me fizeram jogar algumas galinhas fora, mas agora coloquei uma rede super fixa e 150 tábuas de lenha. A produção do arroz foi suficiente, a de milho, zero. Como vêm nas minhas preocupações o material e o espiritual se associam. Nisto segue o espírito do Concílio que quer a evangelização e a promoção humana. No outro Domingo reunimos os índios mais influentes, mais civilizados e com eles escolhemos aquilo que é mais urgente para melhorar a vida deles. Os projetos, portanto, existem mas as distâncias e a lentidão dos transportes torna tudo mais difícil. Quando chegou o cimento para as capelas, faltava a vontade dos índios. Então dei cimento e tijolo a Dom Marchesi para fazer a sua igreja...” (Pari, 9.04.68)

“...Esperamos o novo Inspetor. Padre Luciano está visitando as aldeias e ficará fora por 20 dias. Quero retomar o projeto das capelas. Vejo que todos me escrevem e sentem o desejo de rever-me. Ofereçam ao Senhor o sacrifício da separação, pelo bem das missões...” (Pari, 8.05.68)

“...notei que a vida de todos os homens é feita de um pouco de intermitência: alguns dias se vive com entusiasmo e outros com o moral no chão. É preciso um motivo grande e belo que sempre nos acompanhe e nos dê força. Acho que esse motivo só pode ser o amor de Deus. Eu, graças ao bom Deus vivo muito contente mesmo nas dificuldades. Às vezes desejo mudar de trabalho, mas ficando alguns momentos diante do tabernáculo retorno à minha calma e serenidade. Entendi o que quer dizer ser pai de família. Eu também, Valentina, tenho uma grande família e tenho problemas econô-

nicos. Por exemplo: antes éramos ricos porque as nossas missões usufruíam de uma contribuição governamental e podíamos ajudar todas as aldeias do rio, agora nos tornamos mais pobres e não conseguimos nem mesmo sustentar o colégio dos meninos. Hoje, Segunda-feira, vieram muitas mulheres índias, pobres, pedir trabalho, são habitantes internas da floresta, mas não pude contentá-las e não posso lavar as mãos e dizer que o governo não nos ajuda...” (Pari, 1.07.68)

“...passei o dia do meu aniversário com muito fervor e um pouco de medo. Tinha uma jovem muito boa que todas as noites, por duas horas, sofria ataques e convulsões. Não sabíamos se tratava-se de ação demoníaca ou de histerismo. Passei a noite do meu aniversário próximo a ela com duas enfermeiras e duas irmãs. Eu rezava, fazia o exorcismo e ajudava a mantê-la quieta. Agora se acalmou. Nem sempre as coisas vão bem entre a população indígena: são muitos os litígios entre parentes. Venho a saber somente depois e não me dizem a verdade. O perdão para eles é uma coisa interna, na consciência e nem sempre arrisco intuir. Existem também graves casos de imoralidade mas não posso agir porque os interessados não tem a coragem de falar. A religião não é uma investigação policial, mas uma adesão livre. Sem essa não posso fazer nada, só rezar. Ajudem-me.” (Pari, 28.08.68)

“...nos dias passados eu estava carregado de preocupações, mas com os outros procurava ser alegre, fazê-los rir e ter um tom otimista. Vejo que é necessária muita força de vontade para ser superior. Deste modo porém, se faz um grande esforço...” (Pari, 19.09.68)

“...estou tão satisfeito aqui que talvez não me habituaria em nenhum outro lugar. Sei estar sozinho, converso com o Senhor. Se às vezes me desencorajo é porque vejo que entre nós sacerdotes faltam idéias claras, não tem unidade de ação e por isso nos falta a eficácia entre os índios. Alguns a chamam “preparação à fé” outros, “superstição”. Olha, Ermínia!?

Porém tu deves saber que o espírito de mamãe (Sira) me ajuda a superar as dificuldades. Entendo cada vez mais que o Senhor quer uma resposta de fé cem por cento, se não a damos aqui a vida está perdida...” (Pari, 11.11.68)

“...O inspetor me prometeu que após a chegada do Padre Luciano, de Roma, onde foi para estudos, poderei fazê-los uma visita. Vocês me pagarão a viagem como prometeram... eu estou bem de saúde e ainda quero trabalhar nestas terras. Agora tenho idéias novas, muito bonitas e preciso atualizar-me. O hábito dos sacerdotes não é mais a veste, mas só calções e camisas de qualquer cor e moda. Lá na missão usamos a veste mas aqui na cidade estou uniformizado como os outros e hoje estive na cidade com calça azul e camisa clara. Devo acostumar-me. Por isso em agosto preparem-se: verão chegar um jovenzinho sem cruz e distintivo. Não pensem porém que, Toni, tenha deixado a veste de lado, porque o sacerdote ficou dentro. Vejo tantas coisas novas aqui na cidade! Lá na missão não sabíamos nem ao menos das olimpíadas e da nova encíclica do Papa. Se Gianna e Nando, que são espertos, me mandassem qualquer livro sobre a história da salvação, mas, pós-conciliar, ficarei muito contente...” (Manaus, 18.12.68)

“... do Brasil ouvirão dizer que o governo colocou na prisão governadores e deputados. Não se preocupem, está tudo normal, o que houve é que esses roubaram demais e o governo não podia fingir que não via. Porém aqui na floresta não tem nada o que temer. Terminamos hoje de bater à máquina o Evangelho de Marcos, em língua tucana. Primeiro colocamos numa matriz e depois numa impressora a álcool: só 13 cópias porque acabou o papel. Com o próximo dinheiro que tivermos tiraremos mais 100 cópias. Fiz uma viagem a três aldeias. Comi a comida dos índios com as mãos: voltei morto de fome e com um desejo tremendo. Porém, gosto de tudo. Imaginem que a bebida “casciri” é mas-

tigada pelas mulheres para apressar a fermentação. Eu nem penso e já como e bebo tudo. Quando vêem que aprecio a comida deles continuam a trazer mais! Domingo à tarde entrei com a lancha a motor num rio da floresta para celebrar uma Missa em uma pequena aldeia. Lutamos contra a correnteza e os troncos que tinham caído no rio por cerca de duas horas. Suados e cansados amarramos a barca na margem e continuamos a pé na floresta. Quatro horas depois estávamos na aldeia. Logo tivemos a Missa e já tinha escurecido. Com a lanterna pegamos a estrada novamente para casa mantendo-nos distantes das cobras que a essas horas estão todas circulando. No rio os meus amigos enxergavam o suficiente para evitar os troncos, depois paramos na aldeia São Domingos para passar a noite e enxugar as roupas no fogo. Pela manhã retornamos debaixo de chuva. Viajar é a minha vida...” (Pari, 13.02.69)

“...não sei o que se pensa na Itália do nosso Brasil, com o parlamento fechado, a prisão dos Bispos e governantes. Tá certo que é um momento de confusão: são atingidos aqueles que roubaram os caixas do estado, aqueles que têm idéias comunistas e também aqueles que trabalham por uma justa reforma social, como certos bispos. Quando se fala de direitos ou de reforma agrária os militares fazem passar por comunista. Aqui na floresta não tem nenhum perigo! Temos notícias só através da Rádio Moscou e a “Voz da América”: não se sabe qual preferir! Uma noite escutei a Rádio Moscou que anunciava o discurso de Fidel Castro, por ocasião da inauguração do hospital. Dizia que a mortalidade tinha diminuído e aumentado os lugares nos hospitais. Imediatamente depois escutei a “Voz da América” e dizia que Fidel Castro no seu discurso tinha anunciado uma diminuição de açúcar e tabaco. Como você vê Atílio, todos vivem da propaganda um pouco suja! Aqui em toda a América do Sul se sente forte a presença dos Estados Unidos. Gostariam de libertar-se mas se desprendem e caem inevitavelmente nos braços de uma outra

potência porque sozinhos não conseguem ficar em pé. Aqui na América do Sul estamos acostumados a receber ajuda de todos e nos tornamos dependentes. Eu também entrei nesta mentalidade e quando o meu Bispo me deixa sem as coisas necessárias reclamo fortemente. Agora por exemplo me encontro numa situação difícil porque não posso sustentar um colégio e uma paróquia, grande como a diocese de Verona. Fiquei sem dois jovens salesianos e tenho três assistentes índios com mais de 100 garotos. Tem um padre que chegou da Itália mas ainda deve aclimatar-se e conhecer os costumes. A missão é como uma cidade em construção. Para dizer a verdade não me entrego diante das dificuldades. No que diz respeito à administração, nós Scolaro temos uma inteligência prática muito acentuada. Para mim o difícil é a luta pela evangelização. São tantas reformas: litúrgicas, pastorais, mas tudo isso vale sobretudo para vocês. Eu devo adaptar tudo isso à linguagem indígena. O sacerdote compra na cidade o novo missal com todas as variações e basta ler, já tem tudo. Mas eu aqui devo traduzir do português para o tucano e traduzir em termos compreensíveis para os índios os conceitos abstratos, não é brincadeira. Eu sinto que os modos devem mudar e não são mais aqueles de antes, mas onde encontro o tempo para organizar-me? Preciso ler muito, confrontar-me. Acho que um pouco de férias na Itália me farão bem...” (Pari, 20.02.69)

“...Penso no meu próximo retorno. Em sete anos muitas coisas mudaram e não sei como vou encontrá-los. Tenho uma boa saúde e estou lutando para resolver as dificuldades desta região. O Padre italiano não tem saúde, passa três semanas na cama e duas em pé. Recordo-me dos meus primeiros meses de Brasil: cheios de entusiasmo mas sem prática. Ele tem saudades dos seus e espera sempre alguma carta. Faz-me muitas perguntas sobre tudo. A irmã superiora caiu de um muro e agora está no hospital. A diretora da escola está doente. Eu devo partir para as aldeias porque eles precisam da presença do missionário. Em algumas aldeias

me disseram que se embriagaram e ficaram estendidos no chão, inconscientes por bastante tempo. Ocorreram muitos litígios, cabeças cortadas, sempre por causa do álcool. Deveria multiplicar-me. Veio aqui um jornalista do “Gazzetino padano” ele fez muitas fotografias, levarei para vocês. Em maio espero fazer os documentários para a Itália. Falei com o comandante da aviação militar do norte do Brasil, que passou a nos visitar, talvez me dê uma passagem gratuita para Lisboa...” (Pari, 12.04.69)

Julho e agosto de 1969, Padre Antônio voltou pela primeira vez à Itália com muita alegria e deixando uma lembrança de simplicidade. Acostumado a dormir na rede teve dificuldade para adaptar-se às nossas camas. Foi embora contente, mesmo nos amando muito, e sem saudade de casa. Esteve 4 dias em Roma, na casa da tia, Irmã Massimina. Depois tomou o vôo para o Rio de Janeiro, que visitou pela primeira vez, e ali comprou uma bomba que lhe serviria na missão. Visitou às pressas Brasília, mas não via a hora de retornar a sua Pari Cachoeira.

“...agora me encontro em São Gabriel, sede do Bispo, onde padres e irmãs estão reunidos para discutir o que fazer nas missões e na Inspetoria. Padre Luciano está comigo e estaremos juntos. Programamos um belo trabalho para o bem das tribos: trabalho religioso e social. Os ensinaremos a fazer óleo e sabão...” (São Gabriel, 16.11.69)

“Querida Gabry e querido Piero... passamos 15 dias em reuniões entre sacerdotes e irmãs das missões. Não existiram meias palavras e os superiores escutaram e discutiram conosco. Todos sentimos a necessidade de ser mais testemunhas, mais generosos, de viver mais com o povo. Sentimos muito a necessidade de famílias exemplares que façam o apostolado do exemplo. Isso especialmente vizinhos aos centros: nos ajudaria a formar movimentos de famílias e co-

munidades de base. Queremos formar comunidades cristãs que se organizem sozinhas, que sejam o fermento na massa. Falamos dos missionários leigos e eu pensei em vocês...Aqui estão os dois voluntários e estão muito bem. Quando pela manhã vão todos os dois à comunhão causam uma grande impressão às famílias daqui..." (Uaupes, 6.12.69)

"...encontro-me de novo na sede central com todos os diretores e diretoras das várias missões, próximo ao Bispo. Essas reuniões são muito úteis porque se faz um exame das atividades desenvolvidas e escutando aquilo que fazem os outros se aprende muito. Está presente a missão de Jauareté, que é um modelo e todos nós queremos imitá-la. A minha missão é um pouco particular: por isso devo escolher e aplicar aquilo que é o melhor. Ao voltar estou pensando em organizar pequenas escolas nas aldeias, sustentadas pelos próprios habitantes, além de pequenas indústrias locais para o progresso das aldeias. Gostaria que em cada aldeia tivesse uma fazenda com vacas para o leite e o adubo. Com este propósito escrevi para a Alemanha e Estados Unidos, pedindo um financiamento do projeto. Aqui uma bezerra custa 45 mil libras, mas o problema é o transporte. Dia 27 de janeiro faremos a inauguração da primeira igreja, fruto das ofertas de vocês. Estou querendo neste ano terminar mais 4 ou 5.

Mandei para a Alemanha, à Adveniat, o projeto da serração que o Nando me deu para fazer a rota de ferro. Mas, a coisa principal é a formação moral e religiosa. Um curso bíblico para catequistas: eram cerca de 180 os exercícios espirituais para o povo...estou estudando bem o tucano..." (São Gabriel, 6.01.70)

"...aproveitei de um missionário que estava de passagem para ausentar-me da missão e fazer uma viagem de uma semana. Desci com a lancha no rio Tiquié, até a confluência do Castanho. Deixei uma lancha e com os dois montamos na outra a motor. Na primeira viagem ajudei o cacique Gabriel a fa-

zer a farinha de pupunha. No dia seguinte a Missa e as várias cerimônias. Mais 4 horas de viagem e já estava na casa de Albino, um viúvo que se uniu a uma outra viúva sem o casamento. Então durante toda a tarde e noite pude prepará-los para depois fazer o casamento. Descobri que ele era tuberculoso, e pensar que comi no mesmo prato. Dei-lhes os remédios necessários. No outro dia fizemos o casamento. A zona estava invadida por grandes moscas que chupam o sangue. Voltamos a subir o rio e depois de 4 horas e meia chegamos à aldeia do Trovão. Uma viagem impossível porque o rio é uma grande curva cheia de árvores caídas. Para cada árvore caída de travessa era preciso levantar o motor. A aldeia estava em festa: todos pintados da cabeça aos pés, sobretudo as mulheres. Era a festa da troca de presentes entre uma aldeia e outra. Danças tradicionais muito bonitas. Durante a Missa, no fundo da barraca, veio à luz uma menina. Aqui o povo é numeroso. O projetor de filmes que eu trouxe da Itália funcionou maravilhosamente. Depois fui ao encontro de um velho, dentro da floresta, que diziam está com lepra. Uma pequena cabana de palha e uma ferida fedorenta. O mal lhe havia levado a mandíbula superior, o nariz e a parte dos zíngomos. Fiz-lhe a medicação. O odor me fazia vomitar, devia prender a respiração e de vez em quando sair para pegar um bocado de ar. Depois o confessei e o dei a extrema unção. Também o convenci a vir ao hospital da missão. Seus amigos me disseram que mais adiante tinha um outro homem com uma ferida na perna. O motor não queria funcionar, remamos contra a corrente por três horas. Encontramos 4 famílias, fiz a catequese mais animada de toda a viagem, porque os maridos e as mulheres estavam muito consciente! O dia seguinte era o Domingo, depois da Missa da manhã iniciamos a viagem de retorno, tudo a remo passando por cima e por baixo dos troncos, carregando os doentes que tínhamos visitado, inclusive o homem da ferida. Às sete da noite, com a lanterna, chegamos à casa de um certo Lourenço: cáímos es-

gotados sobre a rede e não conseguia me virar de tanto que os músculos do espinhaço me faziam mal. Numa curva do rio surpreendemos um belo veado vermelho, mas eu estava sem fuzil. No outro dia depois de duas horas de trabalho fizemos o motor pegar e chegamos à foz do rio onde nos esperava a lancha, com mais sete horas voltamos. O porto dista um quilômetro da missão e o velhinho não conseguia caminhar. Levei-o nos braços, vencendo a repugnância, até o hospital. A irmã enfermeira disse que não se tratava de lepra mas de câncer. Agora devo ir próximo à fronteira com a Colômbia para visitar aquelas aldeias. Precisaria de alguém para me ajudar...” (Pari, 9.01.70)

“...ontem assisti a um casamento entre um garoto de 16 anos e uma mulher de 27. Veja, Ermínia, que ainda estamos longe de um afeto e da amizade ideal. Não consigo passar o conceito cristão de família. Ainda não tem uma família que reze reunida...” (Pari, 29.01.70)

“...há mais de um mês estou aqui com 140 alunos e 110 alunas. A experiência de fazer tudo com os índios, ao invés de com os salesianos, está indo bem. Na realidade estou sozinho, mas estou calmo, quando não consigo prever as coisas, confio-me à inventiva do momento. Está comigo um salesiano já velho, barbudo, que vive se lamentando porque nada está bom. Eu canto de alegria. Quando tenho coisas demais para fazer espero uma noite agradável e despacho as coisas, depois vou brincar com os garotos. Este ano quero levar os garotos e o povo a seguir Jesus, a religião no espírito de liberdade, estando detrás dos bastidores. Isso me custará muito porque é preciso seguir um por um. O povo por si mesmo responde bem, mas esquece rápido e precisa ter a paciência de recomeçar do zero...” (Pari, 20.03.70)

“...fiz uma plantação de jaca e de pupunha, veremos se enraízam bem porque darão frutos que pesam 4 ou 5 quilos. Aquilo, porém, que me preocupa Valentina, é a plantação

espiritual. Tenho uma vinha de 140 garotos para podar e fazer germinar. Ontem vi um pequenino que, saído da escola, corria à igreja para visitar Jesus. Antes era sempre o primeiro a pegar a bola para a recreação. Agora chega por último porque vai à igreja por um tempinho. Veja, essa é uma pequena planta que vem sendo enxertada em Jesus. Mas existem outras plantas que têm doenças e precisariam de verdes ramos. Na semana passada eu levei de volta da missão a amante de um comerciante branco e lhe trouxe a sua jovem esposa que estava separada dele. Agora estou indo à procura da segunda mulher de um índio batizado. O mundo é diferente e espero que surja, no fim, um mundo novo também aqui...” (Pari, 7.04.70)

“...Amanhã deveria partir para uma viagem de 7 horas, mas estou sozinho na missão. Então fiz assim: mando um índio preparado com os esquemas das lições que lhe dei, o gravador com os cantos que deve ensinar e a filmadora a gás que eu trouxe da Itália. Depois de oito dias eu chegarei para a conclusão com a santa Missa. É a primeira experiência que faço e espero que funcione.

Vivemos um momento delicado por causa de uma epidemia: fortes dores de estômago e diarréia com sangue. Morreu uma menina no colégio e duas na região. Os pais estão assustados e eu também estou preocupado. Ontem eram 11 os meninos que estavam com essa disenteria. Mandeí chamar os pais de um que era o mais grave de todos. Não sabemos o que seja. Rezamos para que passe...” (Pari, 18.05.70)

“...a epidemia continua infestando: 9 meninos pequenos morreram, consegui salvar 3 nas últimas. Os remédios e a bênção de Nossa Senhora venceram. Passei por uma pneumonia, depois o fígado fez greve e o bÍlis deu uma volta pelo corpo, fiquei amarelo. Tudo passou. Quando for a Manaus vou fazer um exame geral de saúde, mas não tenho tempo de parar porque estou sozinho. Tenho dois catequis-

tas índios que percorrem o rio ensinando. O sucesso deles são os filmes que levam. Todos são atraídos por eles e isso ajuda a recordar. Eles gostariam de ter outras máquinas a gás como essa. Quanto às lanternas a gás, me faltam as ca-beças para trocar...” (Pari, 28.06.70)

“...fizemos as crismas com o Bispo: há dois anos ele não passava. Depois parti para visitar as 6 aldeias do rio Umarí, mas ouvi o barulho do avião e voltei para trás. Fiz toda a viagem de 4 dias remando. Acho justo viajar como os po-bres, sem fazer alarde de motores...” (Pari, 30.07.70)

“...Hoje é o dia 26: completo 35 anos. Sinto que devo ini-ciar a segunda metade da minha vida com mais empenho. Vejo que o bem está com quem investe toda a vida, com quem tem coragem e sabe sacrificar-se. Ontem mesmo, na meditação, percebi que nós Salesianos não temos práticas de piedade ao longo do dia, mas só pela manhã e à noite, pois a nossa vida não está desligada dos irmãos, mas desde a manhã ela começa com a força de Deus e continua ao lon-go do dia fazendo o bem aos outros...”(Pari, 26.08.70)

“...graças ao céu estou bem também do fígado. Vivo entre dificuldades e incertezas mas já estou acostumado. Aquilo que é preciso aqui é a paciência de Jó e a fé de Abraão, por-que fazemos muitos projetos e antes que se realizem passa a eternidade. Imaginem que nos encontramos no pondo mais distante do mundo civilizado. Há 4 meses comprei telhas e até agora não existe a possibilidade de transportá-las para cá. Espera e espera! Muitos perdem o ânimo assim. Depois de dez dias marchando na floresta chegou aqui um capitão de um regimento de soldados que não entende como nós podemos viver aqui sem nenhuma recompensa humana. Procurei fazê-lo entender que a nossa moção é a fé e que is-so é mais forte que dinheiro: olhou-me com dois olhos!!” (Pari, 28.08.70)

“...dizem que a Itália tem um outono quente com muitas greves, aqui tem sol quente sem greves. O povo terminou a construção do centro social e mostrou disponibilidade em trabalhar, dois dias por semana, para a comunidade. Querem fazer grandes plantações e renovar as habitações. Vários índios estão voltando das plantações da seringueira, na Colômbia, porque não rendem mais e devemos inseri-los nesse projeto para que vivam com dignidade em sua terra. A coleta em dinheiro que vocês fizeram nos ajudará muito. Espero que Ângela tenha mostrado as fotos ao seu grupo. Eu tenho ainda um chumbinho, aquele das cabras. Parece-me que na Amazônia elas não existem. Porém aqui seriam muito úteis para o leite e fáceis de criar...” (Pari, 18.09.70)

“...a minha dificuldade é de afrontar as coisas, mas depois me vem muita inventiva para resolvê-las. A constância me custa muito. Ouvi dizer que estive aí um clérigo falando de mim para vocês, parece que ele exagerou. Sempre quando se fala aos parentes se diz coisas exageradas. Na verdade muitos tem estima por mim porque sei me expressar bem nas pregações e sei cobrir bem os meus defeitos. Da mesma forma na missão mais distante, que goza de péssima fama, me estimam mais ainda. O povo gosta de mim porque sou calmo e sempre falo com eles, mais o Senhor sabe como estão as coisas! A Inspetora me pediu para pregar os exercícios espirituais às irmãs, eu disse que não, depois cedi à insistência. Perdi uma semana para preparar 26 pregações e agora me restam 8 dias para visitar as aldeias, ainda devo ir à Bolívia, depois os exercícios para o povo e a seguir a semana com os catequistas. Não sei como será isso...” (Pari, 17.11.70)

“...estive em Manaus e preguei para as irmãs, fiquei contente apesar de ter falado o português da floresta. Fui ao dentista e depois ao médico para os remédios do figado. Aquilo que tive durante o ano era simplesmente uma hepatite! (Manaus, 19.12.70)

“...eu me sinto contente pela vida e por ter pego somente o Senhor como companheiro de marcha. Os afetos familiares são sensíveis e mais fáceis, porque se vê, se sorri. O afeto com o meu Amigo, o meu Tudo é fruto de um esforço, porque não o vejo, não o sinto, não vejo o seu sorriso. Ou melhor, Ele me ama de tal modo que é fácil não vê-lo, é fácil que passe inobservado. Com frequência me acolhe nas dificuldades, e quando entendo que é Ele, o sinto fonte de felicidade... Eu também sou pai de muitos meninos e meninas. Os índios freqüentemente colocam em meus braços seus filhinhos e me dizem: “Foi você que salvou”, porque nas visitas entendi a doença. Neste ano de 71, eu gostaria que cada família tivesse uma vaca para o leite dos filhos: morrem demais por desnutrição! O meu cérebro está imaginando o que fazer para o transporte, a aquisição, a instrução aos índios... quero ver se consigo...”

Durante as festas de Natal organizei, pela primeira vez, uma gincana e depois uma regata de aldeias: foi um sucesso!” (Pari, 14.01.71)

“...preocupa-me o fato de que os jovens não absorvam os bons ideais, penam para ter convicções interiores, e são facilmente inclinados ao vício. Certas vezes dá a impressão de que quanto mais se dá piores se tornam. É preciso tempo para renovar os costumes. Na educação se não há um ambiente favorável se torna difícil...” (Pari, 24.02.71)

“...os índios jovens são ainda sensuais, à noite assediam as garotas. Quando se fala com eles parecem cordeiros, mas quando estão entre eles são como selvagens... Nestes dias chegam as notícias de transferências dos Salesianos. Mudou o assistente dos garotos, acho que para melhor. As aldeias são visitadas pelos melhores índios; neste momento são 4 chefes nas aldeias, próximo à Colômbia. Para a iniciativa do gado vou esperar abril, quando muda o governo. Vou pedir um empréstimo e os militares já me disseram que transpor-

tarão os bezerros com o avião grande. As irmãs estão diminuindo. Irmã Elza Ramos está doente.” (Pari,22.02.71)

“...Este ano o meu Inspetor, Daniel Bissoli, irá a Roma para o Capítulo Geral dos salesianos. Ele estará de maio a agosto com um outro sacerdote aqui da Amazônia... Tenho um humor constante, mas às vezes me pego com um pouco de tristeza porque vejo que as coisas não vão bem. Sinto maior relutância pelas orações tradicionais que fazemos o povo responder, sem nos preocupar-mos com o entendimento deles. Queria mudar muito, mas ao mesmo tempo devo respeitar as iniciativas dos outros...” (Pari, 12.03.71)

“...hoje é o aniversário da morte de Dom Pio Baldisserotto, invoquei dele a fidelidade ao meu dever de sacerdote. Finalmente me mandam um outro salesiano, o meu velho diretor de Içana. A minha vida mudará: vou poder girar pelas aldeias, organizar melhor a paróquia, aprender melhor a língua, estar mais em contato com o povo. Com o dinheiro que veio da Itália comprei duas lanchas a motor, uma de 8 e uma de 6 cavalos para mim e para as irmãs que vão às aldeias vizinhas. Comprei também telhas de alumínio para cobrir 15 igrejinhas, 8 das quais estão em construção. O povo coloca o resto com o próprio trabalho. Mandarei as fotografias. Escrevi ao governador do nosso Estado para que me ajude no projeto gado, vejamos o que me responde” (Pari, 6.04.71)

“...o nosso trabalho agrícola é plantar pastagem para os animais, porque já temos 60 cabeças de gado. Finalmente chegou o ajudante salesiano, Padre Ezequiel, assim vou me dedicar a visitar as aldeias. Estou bem de saúde e creio que a vida ao ar livre me faz bem...” (Pari, 27.04.71)

“...eis a viagem que fiz em 13 aldeias de língua tucana. 5 grandes cascatas esbarravam o rio: tive que transportar a canoa nas mãos sobre as pedras. Tudo é simples nas viagens e quando se chega, te fazem festa. Na aldeia que está mais a

norte, que se chama Popunha, moram 6 famílias juntas numa casa chamada Maloca. Vocês não imaginam quão grande é a casa: duas filas de quartos para famílias e os hóspedes em meio a um corredor de 12 metros que mais parece uma quadra. Têm um acervo de objetos ornamentais para a dança e o folclore. Vivem em comunidade como uma única família: é a forma ideal do cristianismo. Mas esse tipo de construção foi suprimido por culpa dos primeiros missionários, como aquele que veio me ajudar. Por isso não o deixo visitar as aldeias do norte. Durante a minha permanência era o tempo da fruta *avogado* que contém muito ferro. Os índios fazem uma bebida muito boa que me provocou disenteria: da próxima vez estarei mais atento. Cada dia numa aldeia: Santa Missa, confissões, catequese sobre batismo e Nossa Senhora. Aproveitava para verificar a escola, dar conselhos aos professores e material didático para dois meses, ao catequista as explicações necessárias. Também fazia visita aos doentes e bate-papo com as pessoas. Muito importante porque se cria familiaridade e assim fico sabendo como estão as coisas nas outras aldeias e quando chego já sei onde está a praga. Gostam muito de mim porque os trato com familiaridade e participo das suas brincadeiras. Às vezes adio a leitura espiritual para estar com eles. Eles tem o método, sobretudo os não batizados, de roubar as mulheres. Vou lhes contar uma: Uma família composta de marido, mulher e criança de braço voltavam para sua casa. Durante a viagem ficaram gripados. Pernoitaram numa casa onde tinha um menino que havia contraído o resfriado e morreu. À noite o pai do menino morto tomou a mulher do hóspede para estar com ele por um ano a fim de lhe dar um outro filho no lugar daquele morto. Mas, pela manhã conseguiram fazer um contrato com uma outra família da aldeia: ao invés da mulher iria a sua filha. Porém, quando a garota soube não aceitou ir com o pai do menino morto. Então o homem se enfureceu com a família hóspede, que já havia partido, e a seguiu.

Vocês se dão conta daquilo que deve fazer um missionário? ...Durante a viagem perdi um sapato numa cascata: uma onda me roubou!”(Pari, 14.05.71)

“...cheguei ontem da visita dos Dessani, e agora volto a partir por mais 20 dias. Estou com um dedo meio quebrado. Foi na cascata de Carurú. No dia 11 de maio morreu um companheiro de Roma, Padre Luigi Di Stefano: ataque cardíaco enquanto tomava banho na missão. Desde aquele dia sinto mais medo também por mim, o fim pode estar próximo. Ontem andando numa vereda pisei perto de uma cobra venenosa e Don Bosco me defendeu...”

O que é mais difícil para mim é a comida e o frio úmido da noite. Os Tuiuca me oferecem a comida deles, eu aceito e gosto, mas depois me vem a febre e a disenteria. Chegaram os projetores a gás. O governador me respondeu que vai ajudar no projeto do gado. Já fiz muitos slides, colocarei em ordem com as explicações e depois os enviarei...”(Pari, 1.06.71)

“...as pessoas gostam de mim e querem que eu fique sempre com elas. Quando vou às aldeias me dão alimentos à vontade e fazem a maior festa. Recebi os 160 dólares de vocês, servirão para a saúde dos meus salesianos. Comunicaram-me que morreu repentinamente Padre Luigi De Stefani, tinha dois anos a mais que eu e estava tomando banho no rio. Já somos poucos e estamos indo rápido...” (Pari, 1.06.71)

“...amanhã vou a Jaguaretê, para trocar um programa com o Padre Giuseppe Dalla Valle, depois sairei novamente em viagem para as aldeias. As viagens me fazem emagrecer. A periculosidade está nas cascatas e na variação do nível do rio. No mês passado fiz mais de 100 quilômetros remando porque o motor caiu na água e estragou o gerador de corrente. Fiquei com o pé inchado, com febre e não sei o porquê? Os feiticeiros queriam que eu participasse da cerimônia deles, mas eu tomei antibióticos e continuei o percurso...” (Pari, 7.07.71)

“...de fato é verdade que o tempo passa e precisamos fazer logo o bem porque depois não se poderá mais. Estou preparando o povo para a festa do batismo. Queria fazer uma visita às aldeias, mas o Bispo nos quer numa reunião lá em baixo. Fui muito perto de uma cascata com o rio. As ondas eram violentas demais. Lembrei-me dos conselhos de mamãe e voltei para trás. Preciso preparar as instruções para os catequistas das aldeias. Só trabalhando assim se cria um ambiente, porque aqui não sabem o português. Claro preciso trabalhar. Fiz um canto em tucano que é o resumo da doutrina do batismo. O povo está feliz por cantar em sua língua e entender o significado. Também por isso gostam de mim. Quando voltei da cascata foi também pelas invocações do povo que tinha medo de me perder. Quero incrementar a produção das cebolas e do arroz. Gostaria que comessem um belo arroz branco, como vocês aí na Itália”. (Pari, 20.07.71)

“Queridos papai e mamãe, soube que vocês me viram na filmagem feita pelos nossos aí de Turim. Então voltei outra vez para visitá-los! Como estava: forte, gordo, magro? Eu não o vi mas sei que fala das nossas missões. Todos vocês passaram um período de férias: uns no mar, outros nos montes, outros nos lagos e quando alguém vem passar as férias na Floresta Amazônica ? Amanhã parto para visitar 14 aldeias. O rio está na seca e não tem mais perigo. Aumenta a tuberculose, ontem morreu uma mulher. Fiz um apelo a três organizações sanitárias com esperança de que me mandem um médico. Também estou tentando plantar cacau aqui...” (Pari, 23.09.71)

“...voltei ontem de uma longa visita às aldeias do rio Castanho, empreguei 11 dias, bem corridos, para estar na missão na festa do diretor. Estão faltando outras 7 aldeias, no rio Tiquié, espero fazer em uma semana. A visita que estou fazendo está concentrada sobretudo na catequese sobre o matrimônio. Os esposos brigam muito porque não conhe-

cem os deveres recíprocos. Não me canso nas viagens e o motor que comprei, logo que voltei da Itália, vai que é uma maravilha. Caro Papai, agora é o tempo oportuno para que você se afaste das coisas e preocupações deste mundo e se prepara para aquele do céu. Quando estamos com força devemos trabalhar e progredir, porque quem não trabalha, nem mesmo come, mas passada essa necessidade, devemos nos entregar à contemplação das coisas divinas... Na antigüidade os Reis, nos últimos anos de vida, retiravam-se do comando e iam passar o tempo que ainda tinham num mosteiro, para pensar no Senhor. Agora o Senhor te diminuiu a vista e a escuta para te ajudar a viver mais em união com ele. Seja alegre e viva com gratidão... Eu soube que aí na Itália são freqüentes os atentados e assaltos armados: podem me traçar um quadro da situação?..." (Pari, 17.10.71)

"... A última carta que mandei a Papai foi um pouco forte, espero que tenha se sentido encorajado. O aniversário de vocês foi nos dias 7 e 9. Ouvi um disco italiano "Al di là" e o aprendi: acima de todas as coisas estão vocês! Preciso que rezem por mim para que eu seja mais ágil no caminho de santidade. Os garotos foram para casa passar as férias. Junto com duas irmãs, daqui a pouco vou encontrá-los em suas aldeias. Como está a exposição dos nossos trabalhos artesanais em Montagnana? As pessoas se interessam e compram? É a primeira experiência dessa natureza e para o futuro precisamos refletir antes..." (Pari, 12.11.71)

"...gastei duas semanas e meia levando um salesiano co-adjutor e duas irmãs às aldeias. Levamos muito entusiasmo para o povo. As irmãs se esbanjaram ao passar pelas cascatas e sentiram o que quer dizer viajar no rio. O que mais cansa é o isolamento e a lentidão com a qual se resolvem as questões. Mamãe, sei que você voltou a sentir dores nas pernas: quantas operações! Chegou o lucro da venda das redes e outras coisas. Fiquei muito contente também pelas

ofertas que me mandaram. Pude pagar a minha dívida das telhas de alumínio. Já terminamos 10 capelas e outras 6 estão em construção...” (Pari, 12.12.71)

“Gabriela e Pierangelo, vocês são verdadeiros missionário no ambiente em que vivem. Agradeço muito pelo trabalho que tiveram para vender os nossos tapetes. Parece-me que como iniciativa não funciona, os objetos não interessam. Mas, todavia gostei de ver que todos os parentes e amigos se interessam pela missão de Pari-Cachoeira. Fiz as contas com o ecônomo da inspetoria, que é meu procurador e tenho a disposição 7.000 cruzeiros. Essa soma me permite comprar 17 bezerras. Vou bater em todas as portas para que alguém me traga gratuitamente de Manaus até aqui. O povo se sentirá animado porque se desencoraja quando vê que as promessas não se realizam. Quase todas as aldeias já tem a sua igrejinha por inteiro, que serve também de escola e de sala de reuniões. Será o verdadeiro centro da aldeia. A criação de gado e a procura de novos cultivos completam o projeto. Preocupa-me, ao invés, a generosidade de vocês, não devem exagerar. Eu tenho muitas outras pessoas que me ajudam. Sim Gabriela, o ideal de simplicidade e de generosidade requer sempre nova força. Já faz um bom tempo, eu estava sem entusiasmo e me dei conta que amava pouco a Jesus. Quando resgatou dentro de mim o desejo de amá-lo, tudo se tornou fácil e alegre. Só o amor é a força para recomeçar. Seria uma boa coisa fazer dez minutos de meditação por dia, a meditação nos faz amar as coisas difíceis. Gostaria que fôssemos sempre unidos no esforço de subir o monte da perfeição... Agora tenho um outro projeto: um motor de trinta cavalos para a lancha do centro social, mas custa um milhão e meio. Chega de projetos!” (Pari, 23.01.72)

“...tem muitos jovens leigos que vêm aqui como voluntários, mas quando se apresenta a oportunidade de ganhar, casam-se com uma garota e perdem o ideal inicial. Gregó-

rio, você que sabe fazer vinho me mande umas instruções, porque aqui tem uma fruta que se assemelha à uva. Se conseguíssemos conservá-la seria uma riqueza para a região...”(Pari, 27.01.72)

“... esse ano assumi o propósito de não criticar, mas, de fazer suprir sem demolir. Isso de lamentar é típico de nós missionários devido à enorme paciência que precisamos em todas as coisas. Por exemplo estamos sem arroz, farinha e feijão a duas semanas da chegada dos garotos para as aulas. A propósito fui a Manaus antecipadamente, comprei e expedi via aérea. Fiquei contente por ter resolvido um problema. Chego aqui e não encontro nada: o avião encontrou um temporal e retornou à base. Agora não sabemos se vem e quando vem. E tudo isso está na ordem do dia, administração ordinária! Falar de progresso como se fosse tic e tac é tempo perdido! Quero aproveitar dessa situação para me tornar um homem sereno que conquistou a calma, o que não quer dizer desinteresse!...” (Pari, 10.02.72)

“...Encontro-me em Manaus, em companhia de 35 técnicos para fazer um curso de dois meses. estou aprendendo muitas coisas e vivendo noite e dia com eles, estou me civilizando. Sinto que esse curso é estimulante para a missão... Esses senhores passam o Sábado nos salões de dança e voltam às três da manhã, assim também é o Domingo à noite. A missa é somente aquela breve cerimônia. Envolvem também a nós sacerdotes. Nesse ambiente tem uma união maravilhosa, gostam de nós e existe uma abertura com todos os Homens e mulheres. Quando são organizadas dinâmicas de grupo e festas do curso participamos todos. Eu também dancei com companheiros e companheiras com a mesma fraternidade com a qual se festejava entre irmãos e irmãs em Cro-sare. Ontem fizemos a corrida dos sacos rindo como crianças. Estava vencendo mas cai. Alguns dos meus sacerdotes vão com simplicidade aos banhos de mar e às danças

fora, na cidade, mas eu sou mais prudente também porque uma colega manifestou a mim um pouco de perplexidade. Eu passo parte da noite em oração, vivo a minha união com Jesus na missa, procuro viver a minha missão, rezar pelo mundo. Sem condenar aquilo que não é mal, prefiro permanecer no meu lugar e na minha conduta. É verdade, porém, que aqui se vive uma fraternidade e uma simplicidade mais bonita que aí na Itália. A saudação da paz, na Missa, é muito genuína, todos: crianças, homens, mulheres, sacerdotes se abraçam com muito sentimento como é típico aqui no Brasil. Tem uma espontaneidade que encanta. Jesus também aqui é tratado de maneira mais familiar. A velha Europa está cheia de tradições e etiquetas que tiram a espontaneidade.

Aos domingos alguns companheiros meus não sabem o que fazer. Eu vou para o outro lado do rio dar uma mão a uma irmã de Trieste, que tem um grupo de pessoas emigradas, também japoneses que fazem plantações de pimenta. Gasto 45 minutos de barco a vapor: o rio é imenso e na metade chega a ter ondas de dois metros como o mar. Está se aproximando o 46º aniversário do matrimônio de vocês. Mandem-me uma fatia de bolo pelo correio!” (Manaus, 26.03.72)

“O curso chega ao fim. Éramos um belo grupo, unido e nos gostávamos. Agora é difícil a separação. Querer-se bem é bonito! Na missão nos esperam as costumeiras lutas. Vou contente e espero que cada coisa dê frutos. Infelizmente os vãos se tornam cada vez mais raros porque os militares estão perdendo muitos aviões: são velhos, ainda da última guerra... Estou pedindo ao Senhor que tire de uma vez a dor de cabeça da Gabriela, e não mande mais os cálculos a Pierrangelo...” (Manaus, 21.04.72)

“...no nosso território temos muitas aldeias que vivem comunitariamente. Há alguns dias todos os chefes índios se reuniram para escolher os seus representantes. Escolheram 7 membros que formam a presidência e entre esses o candi-

dato às próximas eleições municipais. Imaginem, um índio membro do Conselho, são grandes conquistas! Eu os estimei e sustentei. Celebrei a Missa de início dos trabalhos, mas depois me retirei de propósito para que fosse uma coisa deles. Vejo que são muito empenhados e unânimes. Recolheram 3.000 cruzeiros para a lancha, e dessa forma, livrar-se das fraudes dos comerciantes. Falta para eles 10.000 cruzeiros, mas conseguirão...” (Pari, 28.08.72)

“...a minha região, o Tiquié, está se transformando numa pequena república. Agora tem os dirigentes eleitos pelo povo. Esse progresso porém não é como na Itália, onde cada um pensa em si, mas aqui é visto como crescimento comunitário. Progridem muito lentamente, mas não egoisticamente. Na religião eles encontram uma força a mais para amarem-se e o progresso não é a lei do mais esperto. Eu sou o animador desse mundo em fermento, mas não sou digno de viver aqui: muitas vezes eles tem um modo comunitário de viver que supera a minha mentalidade ocidental. Gosto muito disso, mas nem sempre vivo aquilo que prego...Mudando de assunto devemos matar todas as patas porque perdemos um ano de milho...” (Pari, 21.08.72)

“...esses últimos dias foram cheios de eventos tristes. Numa aldeia, de Macus, explodiu uma epidemia de sarampo. Estive com eles por uma semana e levei remédios. Até a minha volta tinham morrido 10 crianças e uma mulher. Percebi que o contágio ataca outras aldeias. Pedi com urgência a vacina para as aldeias ainda imunes. Aqui as doenças que para nós brancos não são perigosas, fazem muitas vítimas. Vou passar o dia do aniversário de vocês entre os doentes...” (Pari, 27.10.72)

“...Daqui a alguns dias vou a São Gabriel, onde se encontra a sede do Bispo, para os exercícios espirituais e uma semana de programação pastoral. Depois voltarei para o curso dos catequistas. Estão decidindo as mudanças para o próxi-

mo ano. O meu período como diretor termina, porém como pároco o meu mandato não tem limites. Veremos como será. Eu sou do parecer de não aceitar os dois encargos juntos, estar na missão e também andar pelas aldeias. Lutarei por isso sempre no espírito de obediência. Vindo um outro salesiano podem fazê-lo diretor e eu serei o pároco. Então a minha vida seria toda um andar pelas cascatas e florestas. A propósito de língua indígena e de cultura, aqui estamos em dificuldades para definir a linha justa. O Concílio diz para enxertar o Evangelho na cultura dos povos, mas aqui as tribos são uma minoria e o governo quer que todas as escolas sejam em português. Muitos missionários dizem que não há vantagem celebrar a liturgia em língua indígena. O Bispo também é desse parecer. Eu pessoalmente promovo a tradução da Bíblia em tucano e uso todos os meios da tradição indígena. Quando vou celebrar numa aldeia estou mais atento à utilidade do povo que às disposições do Bispo. Isto é, sigo uma forma mais livre e menos oficial para tornar o povo partícipe. Os salesianos “os velhos” são contrários a mim e me criticam muito. Mas, o Padre inspetor na sua última visita aprovou o meu modo de fazer... Com o dinheiro de vocês gostaria de renovar a cabana dos Macus. Eles são selvagens na floresta e vivem escravos dos Tucanos. A aldeia São Francisco é feita por Tucanos mas querem reparar o erro e civilizar também os Macus. Mas aqueles da aldeia de Maracajá, a 3 quilômetros, não querem e se enfureceram porque para eles, continuar submissos está muito bem. Estourou uma grande briga que, por sorte, se concluiu com socos e ponta-pés. Os Tucanos da aldeia São Francisco prometeram para sempre que farão escola e belas cabanas para os Macus. Será que eles não merecem uma igreja nova e uma ajuda com o dinheiro de vocês?... Aquilo que vocês fazem com um telefonema, eu aqui faço num ano. O tempo amadurece as pessoas...” (Pari, 8.11.72)

“...Agora me encontro em Manaus para o Capítulo inspetorial: somos 50 salesianos. No ano passado em Roma ficaram 7 meses para adequar as regras da congregação ao Concílio. Agora devemos aplicar essas regras no nosso ambiente. Vi que quanto mais se tem coragem mais se faz. Também as pessoas que tem limites e dificuldades fazem muito bem às missões. Já faz duas semanas que trabalhamos, discutimos, votamos as decisões. As reuniões vão desde cedinho até as 10 da noite. Estamos cansados, mas vamos terminar essa noite. Nesses dias se discutiu também sobre os destinos dos missionários. Com toda probabilidade fui confirmado por mais 3 anos em Pari Cachoeira, mas teremos duas pessoas a menos: paciência! Não protestei porque vi que nas outras missões a situação é pior. Aqui me estimam mais que mereço. O inspetor me queria em Roma e depois mestre de noviços, nas votações alguns me queriam como Diretor do estudantado de Belém. Eu porém nesses dias em Manaus, tenho a cabeça na missão porque estou lutando para desenvolver a nossa região. Consegui um milhão de liras para os centros sociais, comprei duas máquinas para tratar a mandioca, duas máquinas de costura para as mulheres dos clubes de Maria, onde aprendem a confeccionar hábitos, comprei panelas e caçarolas para que aprendam a arte da cozinha. Com o dinheiro de Papai comprei 380 telhas de alumínio para o curral novo, que acabamos de fazer em Pari, porque agora temos 80 cabeças de gado, que viviam ao ar livre. Em poucos dias chegarão outras 16 vacas, que vou mandar para as aldeias quando estiver pronta a pastagem nos campos. Soube que as tias me mandam dinheiro através do banco. Aqui em Manaus tem mais de 40 bancos, pois, é uma zona franca. Estou fazendo contatos para que o nosso Centro Social seja inscrito no registro nacional e possa gozar dos subsídios. A Instituição que me havia dado um milhão não nos ajudará mais porque estamos longe demais, dessa forma eles não podem fiscalizar se estamos gastando bem. Eu precisaria de um agrônomo e de um

veterinário para acompanhar os índios nas plantações e na criação... A maior parte dos missionários são velhos e eu estou entre os mais jovens. Para nós não existe férias ou aposentadoria. Temos o livrinho do trabalho e a previdência em caso de doenças, mas, não as férias! Ontem escutei a voz de vocês, na fita que a Ângela gravou. Fiquei comovido, não chorei porque tinham outras pessoas escutando comigo. Mas, o nó na garganta foi muito forte. Também eu espero mandar uma. No próximo ano talvez eu dê uma escapadinha para fazer-lhes uma visita...” (Manaus, 24.01.73)

“...encontro-me na aldeia de Santo Antônio, são as 22:30. Dois jovens da missão me trouxeram a notícia de que Papai está grave. Foi para mim uma martelada na cabeça. Não esperava isso porque as últimas cartas eram otimistas. Estou rezando e também os índios. Lá no porto quando os jovens me trouxeram a notícia o povo que escutou disse que a nossa situação é muito difícil porque estamos distantes dos familiares. É verdade, nesses momentos sentimos muito forte o sacrifício da distância que nos separa. Estamos próximos espiritualmente, mas gostaria de estar também fisicamente. Quanto a ir à Itália imediatamente não posso. Em poucos dias será o início do ano escolar e nos primeiros dias de março a visita do Governador da Amazônia. Talvez daqui a um mês eu possa. Caso Papai não melhore mandem-me um telegrama...” (Santo Antônio, 12.02.73)

De fato, Antônio fez uma viagem à Itália, em abril e maio de 73, e por sorte o vovô Valentino se recuperou. Entretanto Gabriela, que era casada com Pierangelo tinha amadurecido a idéia de experimentar dois meses com Padre Antônio no Brasil. Então partiu de avião com ele. Da permanência de Padre Antônio na Itália e da experiência de Gabriela temos dois testemunhos específicos.

“...Estamos a um mês e dez dias da partida com Gabriela. Visitamos a paróquia e preparamos o povo para a abertura

do ano santo. Durante a visita às aldeias Gabriela fez injeções e deu vermícida a muitos. Os insetos sempre picavam suas pernas. Ela se encontra serena e está bem e acompanha as irmãs nas visitas. É verdadeiro prazer tê-la comigo. As pessoas gostam dela e quando vou a uma aldeia ela sempre quer ir. Quando voltar para casa vai contar tudo a vocês. O tempo que passei aí em casa com vocês foi breve, mas suficiente para deixar-me uma grande saudade. Penso sempre em vocês. Gosto das fotografias que fizemos antes da partida. Olho-as com prazer...” (Pari,15.08.73)

“... recebi a bonita e comovente carta que Papai escreveu sentado na cama. Os casamentos de Paulo e Gregório. Peço sempre por vocês. Vocês me manifestaram o desejo de rever Gabriela: ela está se preparando para a partida. Foi um tesouro para mim e para a missão. Suscitou admiração. Estou feliz por ter uma irmã tão sensível e querida. Vai conhecer Brasília e o Rio de Janeiro, e espero que sábado ou domingo esteja com vocês...” (Manaus, 17.09.73)

“Querida Gabriela, imagino você feliz ao lado do seu suspirado Pierangelo... eu não pensei que a sua partida fosse me custar tanto. Quando você entrou no avião me invadiu uma grande comoção. Nesses dias senti uma espécie de solidão, isso logo depois que voltei para a missão. Agora porém estou voltando a acostumar-me. Estou contente por ter te conhecido de perto. Acho que também você pôde ver os meus lados negativos, a minha pobre humanidade; que isso te sirva para poder me acompanhar em suas orações...” (Pari, 26.09.73)

“...quero visitar as aldeias do norte, perto da Colômbia. Está chovendo há alguns dias e os rios estão um pouco tumultuosos, mas serei prudente. Sei lá o que a Gabriela contou a vocês...” (Pari, 6.10.73)

“...em cada avião espero notícias de papai e mamãe e estou preocupado com a saúde deles. Várias vezes ao dia rezo

por eles e estou unido espiritualmente. A lembrança deles me faz chorar. Neste momento sinto demais a distância... Sábado fui para as aldeias do norte. Na primeira tinha um menino em agonia. Morreu meia hora depois. Próximo à grande cascata encontrei uma família em lágrimas: de 5 filhos 3 morreram em poucos dias... Hoje à tarde chegam 5 militares para instalar uma rádio no campo de aviação. Vai acabar o nosso isolamento..." (Pari, 10.10.73)

"Queridos como estão? Tenho notícias bem positivas de pai e da perna de mamãe. Faltava só a perna do Paulo para completar a série! Visitei 11 escolinhas das aldeias com a diretora e uma voluntária para fazer testes com os alunos. Agora estou passando os meus dias na direção preparando um curso para os responsáveis e para os catequistas. O material é muito, mas deve ser organizado de maneira simples e prática: cooperativismo, organização da casa, os clubes das mães, a higiene, a prevenção sanitária, a agricultura... alguns salesianos virão me ajudar. Em Manaus se realizará o Congresso Eucarístico e portanto devemos trazer os catequistas..." (Pari, 7.11.73)

"...nesta semana passaram-se os seus aniversários. Li a carta clara e transparente de papai que foi sozinho ao café. A nossa família é realmente abençoada pelo Senhor, pois agora estamos todos em ordem. Gabriela teria dito a vocês que também o seu longínquo filho está bem e assim podem ficar tranquilos... Obrigada pelo afeto com o qual me cercaram e por terem me deixado aqui" (Pari, 15.11.73)

"...vocês que são adultos compreendem que o bem se faz errando e com pessoas não perfeitas, porque cada um dá a sua contribuição humildemente e serenamente. Vejam também as coisas positivas e belas, como o grande trabalho dos missionários e a fraternidade... Nos relatórios que se mandam para os amigos e parentes é fácil acumular uma série de impressões negativas, de escandalizar-se, porque, entre o ideal que se tem na cabeça e a realidade com que se depara, exis-

te sempre uma desproporção. Porém, deixando passar um pouco o tempo e inserindo-se no trabalho e vendo as coisas por dentro, então a visão muda...” (São Gabriel, 23.11.73)

“...aqui tem um festa com muita gente e muito movimento. Tem um fermento novo: todos têm desejos, mas não é fácil ouvir cada um. Muitos são animados. Parece-me que é bom sentir um pouco a pobreza, pois o bem-estar se apoia sobre elementos frágeis. Procurei viver o Natal mais recolhido, para refletir sobre o meu encontro com Jesus. Às vezes, nós padres mandamos ao céu os outros e permanecemos parados na terra. Tenho ainda muito a melhorar-me. Agradeço muito as orações de vocês e aquelas do papai...Estarei contente de ter por vizinhos Lella e Pilo. Com 40 anos, entro num período diferente, parece que estou menos seguro que antes. A presença de vocês será uma boa ajuda...” (Pari, 28.12.73)

“...a fita chegou a mim no dia depois do Natal e foi fascinante ouvir vocês. Em dezembro, fizemos dois cursos para catequistas (52) e chefes de aldeia (53): tivemos bom êxito. Depois, tranquei-me no quarto e preparei a explicação dos evangelhos e das epístolas dos domingos até 19 de maio. Depois, escrevi para a França, Alemanha e o Brasil a fim de obter ajudas e seguir em frente. Inventei clubes e sociedades fantasmas para melhorar a alimentação dos alunos...” (Pari, 1.01.74)

...”estou esperando Pierangelo com ansiedade. Será uma felicidade porque com ele vocês estarão próximos a mim...” (Pari, 16.01.74)

Padre Antônio, em fevereiro de 74, foi chamado pelo inspetor de Manaus a desempenhar o cargo de diretor dos aspirantes e encarregado da formação dos estudantes. Entretanto, Gabriela e Pierângelo concluíram a preparação do CEIAL, em Verona, e decolam como voluntários para a Amazônia. São destinados a São Gabriel, sede do bispado. Permanecerão lá três anos.

Testemunhos

ANTÔNIO NA ITÁLIA

De sua Amazônia, Pe. Antônio veio na Itália duas vezes. Em 69 pela primeira vez, retornou à casa em Montagnana, onde estavam ainda o seu pai, Valentino, e a sua mãe, Sira. A segunda vez em 73, quando o seu pai estava muito mal.

Escreve Nando: “Meu filho Paulo, estudante do liceu dos salesianos foi internado no hospital de Pordenone, devido a um bloqueio intestinal, com febre muito alta. Os médicos não entendiam bem a causa e depois de alguns dias decidiram tentar a operação. Eu estou fora da sala operatória e espero o êxito de tal operação. Há alguns dias eu vinha cuidando do meu filho, Paulo, e estava um pouco esgotado pela preocupação. Exatamente na manhã da operação, apresenta-se Pe. Antônio que acabava de chegar ao Brasil, depois de visitar sua família. Para mim foi um anjo enviado pela bondade do Senhor. Eu estava muito contente porque a operação teve sucesso, e não havia perigo algum. Fui surpreendido quando Pe. Antônio disse-me: “agora você pode voltar para a sua família e levar as boas notícias; eu fico aqui alguns dias para dar uma assistência a Paulo”. Tudo isso disse-me com um sorriso de santidade que me marcou profundamente. Queria resistir à sua oferta, enquanto devia estar com os seus que por tanto tempo não via, mas no fim de tudo aceitei sua proposta até porque Paulo estava amadurecendo uma vocação salesiana, como a de Antônio, e esta era uma ocasião para que tio e sobrinho tivessem uma relação de amizade”.

Sobre aquela experiência escreve Paulo: “O tio Antônio cuidava de mim todas as noites. Ajudava-me quando eu queria tossir. Recordo-me uma noite na qual eu não conseguia dormir,

ele me fez uma pergunta: “Quem é para você Nossa Senhora?”. Fiquei surpreso e sem voz. É verdade que desde menino eu rezava para ela com a ave-maria, mas ele perguntava-me qual relação pessoal tinha minha vida com ela. Não respondi. Depois que fiquei curado, pensando melhor naquela pergunta, me veio na alma uma resposta: “Neste momento Maria é você porque está dando a vida para mim, você me está amando”. Era talvez a ressonância do Evangelho: “Quem faz a vontade de Deus é meu irmão, irmã e mãe”. De modo doce e simples tinha acolhido em tio Antônio este seu “ser Maria”, essa atitude de dar a vida, de fazer-se mãe para os outros”.

Mas escutemos Nando: “Desde a última vez que Pe. Antônio esteve com sua família, ele não nos comunicava somente as grandes dificuldades e incríveis incômodos da sua vivência ao longo da floresta Amazônica, mas também a alegria de oferecer a vida por estes marginalizados. O mais interessante é que ele envolveu a nós todos na missão. A mim, por exemplo, pediu um projeto de serraria a moinho com transmissão de engrenagens a madeira, com o intuito de construí-lo, no local, com meios rudimentares. E assim outros irmãos, irmãs e amigos segundo os seus hábitos próprios. Porém a recordação mais viva que trago foi uma feliz combinação que me levou a viver muitos dias com ele. Na ocasião ele tinha vindo do Brasil pela segunda vez e queria visitar os parentes de muitos irmãos e irmãs missionários com ele na Amazônia. Em sua casa todos estavam ocupados por motivo de trabalho, ou de família. Então tive a idéia de pedir à Enel (Companhia de eletricidade da Itália), dez dias de folga. Foram-me concedidos e trabalhei como taxista para Pe. Antônio. Nessa ocasião tivemos bons momentos de diálogo. Cada dia que passei em sua companhia tomava consciência da sua espiritualidade serena e otimista. Quando ele encontrava as pessoas, e naqueles dias foram tantas, sabia colher sempre em cada uma delas o lado bom e perspectivas de esperanças para o melhor.



Dois gêmeos diante das irmãs e da voluntária leiga

Os irmãos e irmãs das missões, tanto superiores como colaboradores, eram pessoas muito boas. Os índios, mesmo quando não correspondiam às suas expectativas, eram por ele justificados e estimados, dignos de confiança.

Quantas vezes pensava comigo mesmo: “Como é ingênuo!”, mas eu era sempre desarmado pelo seu sorriso e pelo seu olhar, que sabia, era de santidade. Assim pouco a pouco comecei a entender que talvez fosse eu que visse mal os outros. De fato, naquele período eu estava em crise em relação aos meus cinco filhos, todos com sessenta e oito anos, orientados à contestação global explícita ou de *sottobanco*. A minha presunção de ser marido e pai exemplar não dava frutos. Era baseada sobre o voluntariado. Sentia-me um pouco derrotado, seja em campo profissional como em campo religioso. Eis o interessante. Com o passar dos dias como taxista Pe. Antônio destruiu em mim o pessimismo e me plasmou com o seu modo simples de ver as pessoas e as coisas. E isso ele fez com a conversação e mesmo com o seu modo de ser. Cada momento tivemos num Instituto salesiano ou numa família o acolhimento foi maravilhoso. Não era algo triunfalista, porque o seu prestígio era a humildade, a sua cultura era a simplicidade. Narrava as dificuldades daquela gente, mas percebíamos muito bem que era feliz ao dar a vida por eles. Todos aqueles diálogos que tínhamos no carro, de um lugar ao outro, posso resumir em três aspectos essenciais.

Da concorrência à colaboração. Estávamos nos tempos do Concílio Vaticano II e no clima de abertura e de diálogo. A boa notícia evangélica e a orientação ao Deus de Jesus daquelas populações indígenas era perseguida por cristãos de várias confissões. Os predecessores de Pe. Antônio não foram além do compromisso de dividir o território, como havia sido feito no norte da Europa com os Luteranos. Pe. Antônio sabia, que inclusive a Cúria Romana, havia dado passos positivos em relação ao ecumenismo. Creio que, hoje, no Paraíso, ele está realizando esse sonho.

O verdadeiro desenvolvimento econômico é acompanhado por aquele espiritual. É esta a sua segunda idéia-força. Regressando à Itália, Pe. Antônio, mesmo sendo profundamente otimista intuía a decadência dos valores no nosso mito do bem-estar. O aumento do desejo de ter não era proporcional ao de dar a quem passa necessidades. Nesta corrida pelo ter vinha sacrificado também o amor recíproco dentro das próprias famílias. Hoje este fenômeno está sob os olhos de todos, mas já então, Pe. Antônio havia dúvidas sobre a civilização ocidental comparada àquela que ele tanto amava e queria tirar miséria. O bem-estar aparente era, segundo ele, um profundo mal-estar.

Pe. Antônio era forte e decidido nas iniciativas pelo seu povo porque concebia o desenvolvimento global da pessoa, tanto material como espiritual. Depois da sua morte eu também visitei as missões da Amazônia e vi que o mesmo perigo que corremos aqui também eles correm lá, e assim entendi ainda mais sua luta.

A unidade entre ação e oração. As nossas conversas no carro eram horas serenas de Paraíso, mesmo quando falávamos de alguns problemas sérios. Porém, de vez em quando, colocava as mãos nos bolsos e dizia: “Nando, você se incomoda se rezarmos um pouco?”. Era o seu costume. Quando estava na Missão o fazia à noite, quando estava em visita aos lugares rezava durante os viagens. “Quanto mais adquiro experiência tanto mais convenço-me que rezar é um tempo produtivo porque algumas coisas impossíveis tornam-se possíveis. Pude comprovar isso durante a minha doença nas pernas, onde tive que diminuir a minha atividade. Porém talvez tenha realizado mais atividades ainda. Sabe, é tão belo rezar e meditar, pois naqueles momentos, enquanto rezo sinto-me com vocês, com todos os meus familiares!”.

Nando conclui o seu testemunho dessa forma: “Foi um período de vida em comum com o Pe. Antônio, que converteu-me à esperança no futuro e à alegria. Ele raciocinava co-

mo um sábio e vivia como um santo. Os seus ensinamentos eu os extraía mais pelo seu comportamento que pelos seus discursos. Ele que tinha tanto o que contar, quando visitava os outros preferia escutar. Seu olhar penetrava o outro com doçura e sempre deixava traços divinos”.

Testemunho

VIAGEM DE SUA MÃE, SIRA, À AMAZÔNIA

A mãe Sira dizia sempre: “O Senhor “pegou-me” pela palavra. Ele acolheu a oferta que fiz de Antônio quando este nasceu”. A mulher era muito generosa e de visão ampla. Tinha conselhos para primos e parentes com franqueza e muita instrução. Era orgulhosa de ter onze filhos e trinta e cinco netos, sobretudo um filho missionário de Don Bosco na Amazônia.

Naquele tempo, estamos no ano 1975, Gabriela e Pierangelo encontravam-se exatamente naquelas terras como voluntários leigos nas missões do Rio Negro.

Em fevereiro de 76, Atilio e Maria Rosa respondem às solicitações de Gabriela e movimentam-se para organizar uma viagem na Amazônia, para rever Pe. Antônio e os “milaneses”: vôos aéreos, percurso, despesas, riscos. Uma noite Atilio e Maria Rosa vão a Montagnana e comunicam o projeto à avó Sira, a qual surpresa pergunta: “Gostaria de saber se irão também Filippo e Milva? Se eles, que são tão pequenos forem, eu também vou!”. E disse isso com ar de decisão, quase de desafio: “Tenho 75 anos e sou um pouco velha, o joelho já me dói, mas não tenho medo da viagem”. Não tem problema. Ela imediatamente se comunica com Antônio e Gabriela que mostram-se entusiasmado com a idéia. A avó era emocionada e alegrava-se com a possibilidade de poder abraçar o filho Antônio, a filha Gabriela e Pierangelo e a pequena Sira, que tinha um ano, nascida no Brasil.

Quanta alegria, quanto entusiasmo! Fixa-se a viagem para os primeiros dias de março. Atilio adquire as passagens em Verona, com linha Milão-Paris, Paris-Recife, depois um vôo

interno ao longo do Rio Amazonas até Manaus. Para Maria Rosa, os filhos e a avó era a primeira vez que viajavam de avião. Saíram bem cedo para o aeroporto de “*Malpensa*”, em Milão. No avião a avó dizia: “viaja-se bem. Parece um ônibus de luxo”.

Falava com as aeromoças e as pessoas vizinhas em dialeto vênето, muito desembaraçada, sem nenhum problema. Além do mais as pessoas que estavam em torno de nós estavam felizes de ver uma senhora anciã tão tranqüila, que contava a todos que tinha um filho missionário, e uma netinha, Sira, que deveria ver pela primeira vez.

O jumbo 747 da Companhia Brasileira tinha partido de Paris e chegava em Recife depois de ter sobrevoado todo o Oceano Atlântico. Depois de algumas horas de espera no aeroporto todos os cinco embarcaram num pequeno avião que os levaria a Manaus. Fizeram escala em cada cidade ao longo do grande rio Amazonas. Do alto se via o verde da floresta, plantações, curso de rios e regiões áridas.

Todos desejavam que a viagem da avó Sira fosse confortável e serena. Ela estava serena como se fosse acostumada a longas viagens e no seu coração esperava o grande abraço do filho Antônio, de Gabriela e Pierangelo. Então, eis que o capitão de vôo anunciou: “apertem os cintos, estamos pousando em Manaus”. Alguns pequenos solavancos, depois a caminhada até a alfândega e em direção ao numeroso público que esperava. Os olhos de todos procuravam na multidão as fisionomias conhecidas: eis Pierangelo, Antônio e Gabriela!! Um acolhimento de festa indescritível! Um abraço que não terminava mais! Não existem palavras para descrever a emoção, a alegria, a felicidade de todos.

São hospedados no Patronado Santa Terezinha, no centro de Manaus: ladeados de muitos salesianos e irmãs com um calor humano que é típico do Brasil. Depois de alguns dias de visita à cidade tiveram o primeiro encontro com as favelas, os barracos, mas, substancialmente, a vida dos turistas. Depois

finalmente a partida com Pe. Antônio e os “milaneses” para as missões de Jaguaretê, no Rio Negro, com um avião militar. A avó e Gabriela partem antes com um avião de 15 lugares, colocado à disposição pelo Brigadeiro Protásio, exatamente por causa da mãe de Pe. Antônio Scolaro. Fizeram escala em cada missão salesiana: Barcelos, Santa Isabel, São Gabriel onde pernoitam como hóspedes das irmãs, que colocam a disposição o melhor quarto das mesmas: uma espécie de sótão, com vigas e telhas transparentes, dez camas bem arrumadas rodeadas de um mosquiteiro branco. A noite quente era acompanhada pelo barulho das águas do Rio Urupês, nas proximidades da missão. Tudo resultava maravilhoso e assustador para os nossos cinco novos exploradores. Depois das vinte e duas horas se desliga o gerador e a missão fica iluminada por uma lanterna a óleo. Os meninos como sempre são os mais espontâneos e entusiasmados. A Sirinha está feliz pela avó e brinca com Filippo que é afetuoso. Milva, ao contrário, observa em silêncio, vê que tudo é diferente da Itália, percebe as dificuldades do novo ambiente. Depois de um dia de descanso partiram com um hidro-avião “catalina” para Jaguaretê, a missão onde Pe. Antônio é o diretor responsável. O avião parte pela pista de terra vermelha com muito ruído, e depois de uma hora e meia chega à parte de cima do Rio Tiqué, afluente do Rio Negro. Um denso grupo de pessoas os esperava, com faixas que saudavam à mãe do Pe. Antônio. Ali também estava o Bispo, que dirigia um trator com reboque leve: era o ônibus que o levava à missão. Depois dos abraços de boas vindas, o próprio Dom Alagna transportou os passageiros especiais à missão. Incrível: todos os alunos da escola estavam bem enfileirados para acolher a mãe do missionário. Cerca de 800 rapazes e moças bem uniformizados: cantos, música, flores, festa... emoção e alegria que não é possível descrever. Pe. Antônio estava no meio deles. O trator estava posto exatamente no meio da esplanada. As crianças trouxeram flores e declamaram poesias para a mãe do missionário.



Hidroavião Catalina, de partida para São Gabriel

O centro da festa era a avó Sira. Depois o almoço com os salesianos; o prato típico daquele povo: mandioca branca, feijão e carne seca na brasa. À noite dormiram numa espécie de celeiro com camas e, o que não podia faltar, mosquiteiro.

No dia seguinte Pe. Antônio dedicou todo o tempo para nos mostrar a missão: o colégio, a igreja de madeira, o oratório, os quartos, a pequena gruta de Nossa Senhora de Lurdes, o rio estava cheio de pequenas cascatas. Depois o curral com vacas e porcos, o pequeno hospital com as irmãs, entre elas Irmã Maria Badini e as outras religiosas.

À tarde era um encanto. Pe. Antônio, depois de ter terminado suas obrigações, pegava o seu violão, e com sua voz melodiosa nos comovia a todos. A avó com muita dificuldade segurava as lágrimas. Estava orgulhosa por ter um filho tão bom e amado por todos”. Ficaram em Jaguaretê quatro ou cinco dias fazendo visitas de canoa a alguns lugarejos vizinhos, enquanto a pé foram visitar a cooperativa de vendas idealizada e encorajada por Pe. Antônio. Depois de uma hora de caminhada encontraram o santuário de Nossa Senhora da Floresta. Ao longo da estrada encontraram algumas mulheres que transportavam uma carga de mandioca nas costas. Pe. Antônio as conhecia e pediu para levar aquele peso. Via-se que o seu trabalho era promover o relacionamento humano e a organização dos índios para a negociação com os brancos. Visitaram uma serraria e uma rudimentar fornalha onde se faziam os tijolos cozidos ao sol. Todo dia havia chuvas breves ou fortes, e depois um sol fortíssimo.

A umidade era de 90% e a avó Sira foi bem forte ao suportar todos os inconvenientes, não obstante a idade.

Depois de cinco dias Atilio e sua família viajaram de avião para visitar a missão onde estavam Gabriela e Pierangelo. Uma casinha muito pequena de quinze metros quadrados, mas muito alegre pela presença de Sirinha que já passeava pela praça do lugarejo.

Chega porém o tempo de retornar: um pouco de lágrimas

e sorrisos forçados. A despedida é sempre dura. Saudaram Pe. Antônio e embarcaram no bimotor para Manaus. Eram ao todo trinta e três passageiros. Repentinamente o avião dá um problema e se sente o impacto deste com a água do Rio Negro. Lentamente o avião afunda. Todos procuram salvar-se nadando em direção à margem. O capitão vê a avó Sira que serena ainda estava no seu lugar. A água já chega à cintura. Quem é que sabe o que passou pela sua cabeça naquele momento? Talvez o seu coração de mãe estivesse tão cheio de felicidade por ter visto seus filhos que não lhe importaria morrer ali naquela inesquecível terra amada por Pe. Antônio. O capitão a resgata juntamente com os documentos. Ao mesmo tempo os outros vêem o “Catalina” desaparecer dentro do rio. Todos salvos do perigo, porém amedrontados. Atílio e sua família foram hospedados pelas irmãs de Maria Auxiliadora.

No dia seguinte com um Douglas – avião militar – para transporte, com bancos de ferro, depois de quatro horas de vôo chegaram agitados em Manaus: estavam sãos e salvos. Em Recife tiveram de comprar algumas roupas, pois haviam perdido tudo no rio. Depois aterrissaram em Milão “Malpensa”. Por fim chegaram a Montagnana e a Chiampo, em casa e seguros, mas no coração uma aventura inesquecível.

Depois de anos Atílio e Maria Rosa conservam vivas as recordações e as emoções daquele encontro de alegria.

Ninguém suspeitava que aquele seria o último encontro com Pe. Antônio.

Quinto capítulo

ENCARREGADO DAS VOCAÇÕES

Nos anos de 1974 e 1975 Pe. Antônio permaneceu em Manaus como vigário da casa e responsável pelos jovens que se preparavam para uma vida salesiana. Neste período chegaram à missão Gabriela e Pierangelo e nascerá a Sira. Antônio participa em Lima de um importante congresso latino-americano, mas logo depois será enviado à missão de Jaguaretê.

“...Em Manaus tudo é diferente. Dou aulas de religião para 600 jovens. Saí de uma missão para vir a uma outra mais vasta e necessitada. Vejo que em cada lugar tem muito trabalho para os sacerdotes. Aqui em Manaus dá prazer ser sacerdote porque se é procurado. Vê-se que sem a religião tudo vai “por água a baixo”. Quem resolve os problemas da sociedade é somente Cristo e a sua doutrina de amor. Seria necessário muitos sacerdotes...” (Manaus, 5-05-74).

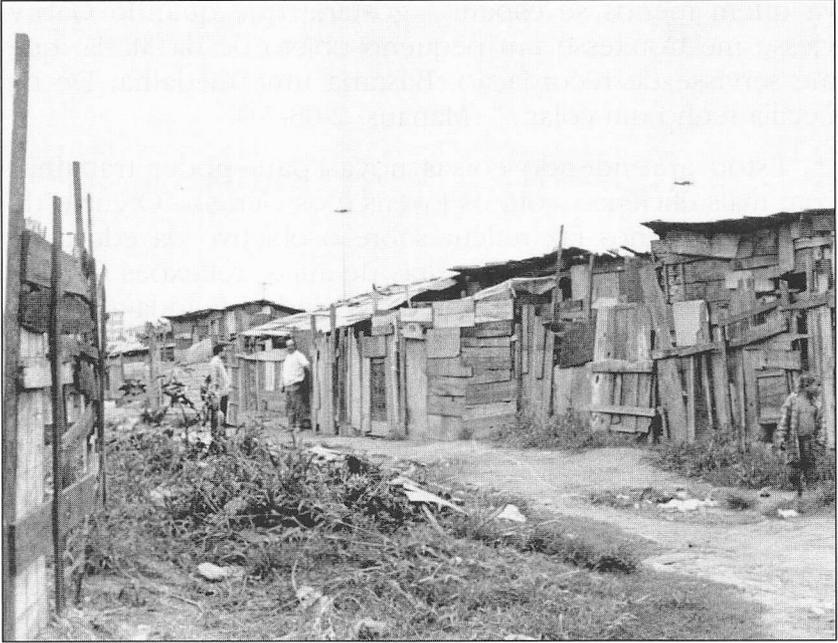
“...Obrigado pelos 600 dólares de vocês, servem-me para comprar lençóis, fronhas, toalhas, louças e cadeiras para os estudantes salesianos. Estou contente por este ambiente porque existe muita pobreza. Nas missões as irmãs sabiam fazer milagres e coisas belas, aqui somos somente homens e não cuidamos de muitas coisas. O inspetor nomeou-me vice-diretor desta casa conjunta: paróquia, centro de catequese, escola com 1100 alunos, filosofia para clérigos... agora enquanto escrevo, na Itália estão se realizando as eleições para o divórcio. Aqui os jornais falam muito da propaganda dos partidos e dos atentados...”(Manaus 12-05-74).

“...Parece-me um sonho que papai vá à missa sozinho, espero que seja verdade e que continue bem. Recordo-o

sempre nas minhas orações. Gostaria de ver ainda a sua caligrafia ou ao menos a assinatura: nós fizemos tantas quando fomos ao tabelião!

Terminei a Páscoa dos alunos do turno da noite de uma escola aqui vizinha. A diretora elogiou-me porque soube captivar a simpatia do grupo. Hoje trabalhei com a vassoura para arrumar os quartos para os coadjuutores da inspetoria que chegarão dentro de alguns dias. Depois deverei pregar um retiro às noviças das irmãs. Em agosto farei uma viagem aos “*Appennini nos Andes*” em Lima, para um encontro da Pastoral da Juventude. Pouco a pouco estou inserindo-me cada vez mais no ambiente de Manaus...(Manaus, 10-07-74).

“Lella e Pilo (Gabriela e Pierangelo), estou contente porque virão. Vejo que são generosos e que fundamentam a vida de vocês de acordo com o Evangelho. Não é mérito de vocês, é um dom (carisma), é uma vocação. Quando se segue um chamado (um convite) a começar um caminho mais próximo Dele, é também um estar mais perto da cruz. Somos conduzidos a uma doação por um impulso divino, digo divino porque, às vezes, surgem algumas dificuldades que a fé e as esperanças humanas não suportam. O voluntário Paulo contou-me dos momentos muito difíceis, e de como se sustentaram ele e sua esposa Rocio, e que agora vão adiante, no caminho de fé. Ela se encontra agora sem emprego e se sente só. Vejam que o bem é recompensado, mas é no sacrifício que se vê o amor. Quando passo algum momento com Paulo e Rocio parece-me pegar um trecho do evangelho: os dois têm uma espiritualidade muito profunda e prática. O trabalho de vocês será mais definido e vocês terão dificuldades de outra natureza. Estou contente pela vinda de vocês entre dezembro e janeiro; assim posso passar os primeiros dois meses com vocês em São Gabriel, pois os jovens só iniciarão as aulas em março. Dentro de poucos dias partirei para Lima...” (Manaus, 17-07-74).



Barracos de Manaus, periferia

“... Inesperadamente Atilio mandou-me um telegrama com o anúncio da morte de tia Maria. Não esperava, realmente. De fato é realmente verdade que a morte brinca e leva quem menos se espera... gostaria que quando Gabry viesse me trouxesse um pequeno objeto de tia Maria, que me servisse de recordação. Bastaria uma medalha. De tia Cecília tenho um colar...” (Manaus, 2-08-74).

“Estou aprendendo coisas novas para poder trabalhar com mais eficiência com os jovens e os clérigos. O curso de três semanas nos faz refletir sobre o objetivo da educação dos jovens. São jornadas inteiras de aulas, reflexões de grupo, troca de experiências. Somos 64 vindos de toda a América Latina, do México até a Argentina. Somos alegres. Há alguns missionários de Pádua.

Fiz a viagem de Manaus a Bogotá, capital da Colômbia. É um lugar de altitudes sem ondulações, circundado por montanhas. No meio está o aeroporto e a cidade. Têm grandes avenidas repletas de carros e mensageiros, poucos semáforos porque as estradas uma sobre a outra, não tem cruzamentos. Aquilo que imediatamente chama a atenção são as pessoas que vestem a “ruana”, isto é, uma coberta de várias cores com uma abertura no meio para se colocar a cabeça. Os mensageiros são de várias cores. Nos espaços livres vemos muitas vacas pastando. As casas são quase todas de tijolos vermelhos, belas e com um estilo característico. Os habitantes são de baixa estatura. Fui muito bem acolhido no colégio salesiano e logo ajudei a desmontar uma sinuca que deveria ser transportada. Depois o diretor mostrou-me o centro de Bogotá. As igrejas são de estilo colonial com as paredes e altares de madeira com baixos-relevos, e as imagens banhadas a ouro. É uma arte um pouco barroca, mas perfeita e bela. Já que faz frio comprei um casaco de lã por 4 dólares. No outro dia estive com os salesianos passando uma jornada de repouso nas terras quentes a 100 km da capital, na casa de um amigo. A estrada desce dando giro nos

nossos Alpes, mas os vales são mais amplos. Há regiões de floresta e casas espalhadas com pessoas a cavalo. Muita poesia. Na metade do caminho nos detivemos para fazer uma refeição rápida na escola agrícola salesiana. Lá tem uma peregrinação primaveril: estamos a 1600 metros de altura em região equatorial. Pode-se semear em qualquer mês, a terra produz de tudo. Percorridos os 600 metros chegamos a uma cidade turística com muitas piscinas e ali passamos a jornada. O dia seguinte era domingo e sozinho fui ao santuário de **Maiserrate** que está sobre um monte a 3200 metros. O santuário é dedicado a Jesus flagelado. Pude ver a devoção popular: sobem de pé descalço rezando e depois colocam dinheiro diante da imagem pelas promessas feitas e acendem velas. Rezei por vocês. A igreja estava cheia de gente, mas ninguém era alto como eu. O monte é cheio de bancas com pobres que vendem comidas e lembranças. Eu estava sem relógio e sem dinheiro porque em Bogotá tem muitos assaltantes. De fato, quando descii com o teleférico a polícia tinha perseguido a todos.

Depois visitei outras duas obras salesianas muito bonitas que estão na região pobre. Ali os ônibus funcionam assim: o motorista é também o cobrador, o que faz com que em cada parada se perca muito tempo. À noite peguei o avião para Lima, onde me encontro agora. Aqui não chove. As montanhas são somente pedras e areia. As plantações precisam ser sempre irrigadas. Enquanto escrevo a terra está tremendo sob os meus pés, pois estamos numa região sísmica”. (Lima, 08-08.74)

“...Aqui em Manaus agora é o período de maior calor, vive-se sempre molhado de suor e em casa me acostumei a ficar sem camisa. Lá nas missões o calor era menos intenso. Porém estou bem, e estou muito gordo, quase 100kg. O trabalho é intenso: hoje fizeram a primeira comunhão mais de 100 alunos da 4ª (elementar) e dentro de uma semana 90 da média farão a crisma. As missões estão passando um momento difícil. Existe uma espécie de hostilidade entre os ín-

dios com relação às missões. As irmãs sofrem muito. Espero que tudo se restabeleça na paz...” (Manaus 27-11-74).

“...aqui em Manaus há famílias mais pobres do que lá na missão... Agora encontro-me em companhia de Pierangelo e Gabriela. Passaremos o Natal juntos... Dentro de 15 dias vai se realizar o capítulo dos salesianos com novas obediências: talvez eu volte para as missões. Vivemos um tempo de mudanças por causa da chegada das estradas na Amazônia. É difícil prever o caminho seguro. Trata-se de entender e enfrentar com coragem também essa situação. Também as missões estão expostas a muitos riscos porque são mal vistas pelas organizações governamentais. Conduzir uma missão hoje é uma grande responsabilidade... (Manaus, 26-12-74).

“...Creio que vocês sintam muito a falta de Gabriela e Pierangelo, eles são muito capazes, aqui encantaram a todos com a simplicidade e generosidade deles. Serei destinado para o lugar do Pe. Dalla Valle, em Jaguarê, a 70 km de Pari Cachoeira, e ele virá para o meu lugar...” (Manaus, 2-01-74).

“...acho que hoje terminará a reunião dos salesianos da Amazônia. Há uma semana estamos estudando o melhor modo para cumprir o nosso serviço em meio aos pobres da região. A cada semana recebo notícias dos “milaneses” que estão em São Gabriel com o bispo e as irmãs. Pierangelo trabalha muito e quando chega de noite está cansado. Parece que Pierangelo e Gabriela não sentiram o isolamento que sentiram os voluntários de Belém, porque são tratados como se fossem de casa, da família... No final de fevereiro vou a Jaguarê: pena que não estamos na mesma missão!” (Manaus, 20-01-75).

Em fevereiro nasce Sira e Pe. Antônio vai encontrá-los na sua nova missão de Jaguarê que o absorverá bastante.

Testemunhos

OS “MILANESES” NA AMAZÔNIA

“Padre Antônio Scolaro, assim o chamo com nome e sobrenome, como sempre o chamaram nas Missões. Sou a nona filha de 11 irmãos, dos quais Antônio é o sexto. Existem apenas 6 anos de diferença entre eu e ele, mas, são poucas as minhas recordações, de quando éramos pequenos, porque Antônio freqüentava o curso Primário no Colégio de Bevilacqua (Verona) e, depois, o Secundário em Este (Pádua). Naquele tempo, nosso meio de transporte, em casa, era uma carroça, puxada por um cavalo. Nós nos encontrávamos durante as férias de verão e nos divertíamos muito. Porém, naquele período, acontecia de dividir-nos em grupinhos, para ir à praia ou às montanhas, onde, em S. Bartolo de Arzignano, éramos hospedados pelas tias Scolaro. Por isso, quando era criança, não tinha muito tempo para conhecer bem a Antônio. Quando ele terminou o curso secundário, havia amadurecido a idéia de tornar-se religioso e, por quatro anos consecutivos, não pôde voltar para visitar a nossa família. De vez em quando, íamos visitá-lo, mas, nós irmãos, tínhamos que nos organizar em turnos, porque na “Balilla” (nosso carro) não tinha lugar para todos. Lembrome apenas da recepção que nos reservava, a felicidade e a alegria que sempre transpareciam em seu rosto; tinha um comportamento aberto e cordial, um caráter disponível e conciliador. Os superiores falavam sempre bem dele aos nossos pais: que era bom, equilibrado, esforçado, alegre.

Comecei a ter um contato mais íntimo com ele depois da minha formatura, ao concluir meus exames de maturidade artística em Veneza. Vivía num internato de freiras e, aos do-

mingos, ia a Pádua, à paróquia Salesiana onde ele ajudava o pároco. Assistíamos aos passatempos que organizava com os jovens do oratório. Ele me chamava “Lella” e era muito atencioso comigo. Perguntava como iam meus estudos, me encorajava e me dava conselhos sobre os métodos de estudo. Preocupava-se também da minha vida espiritual, me guiava nas relações com nossos pais, que nem sempre eram das melhores, procurando minimizá-las. Procurava animar-me, quando lhe expunha o desejo de partir como voluntária para as Missões.

Depois de meu casamento com Pierangelo, ele colocou-nos em contato com o Bispo da Prelazia do Rio Negro e o convenceu a insistir para que participássemos de um projeto de promoção humana entre as comunidades indígenas.

Antônio já trabalhava no Brasil, quando conheci e casei-me com Pierangelo. Quando ele voltou pela primeira vez à Itália, em 1969, ficou hospedado, por dois dias, em nosso apartamentinho de Milão. Ficou impressionado pelos 70 metros quadrados da nossa casinha, pois estava acostumado com o ambiente da floresta, mas, vendo que éramos felizes, abençoou nosso “pequeno ninho”. Desde então, ele nos deu o apelido de “milaneses” ou então “pili”. Recordo-me que, certo dia, passeando por Milão, deparamo-nos com um grupo de brigantes, com lenço preto amarrado no rosto e com cacetes nas mãos, que fugiam de um lado para o outro. Tinha sido apenas assassinado um soldado, de nome Marino, na Praça Novelli, durante uma passeata contra o Estado italiano. Ficamos muito espantados, sobretudo Antônio, que soltou a seguinte exclamação: “Vocês sempre me dizem para fazer atenção com as serpentes, mas aqui é pior ainda! Sinto-me mais seguro na minha floresta!”.

Porém, a ocasião mais propícia para conhecer meu irmão profundamente deu-se no período de verão, em 1993, em sua missão em Pari Cachoeira, no Amazonas.

Antônio voltou para casa, durante a primavera, porque pa-

pai estava muito mal. Mas, depois de quatro meses, ele recobrou a saúde. Visto que na missão estavam precisando muito dele, Antônio decidiu partir e me convidou a ir junto com ele. Pierangelo insistiu para que eu fosse com Antônio, para conhecer o ambiente, antes de começar nosso voluntariado.

Onde quer que fôssemos, Recife, Belém, Manaus, Padre Antônio Scolaro era acolhido com muito carinho por todos e percebi a grande estima que os Salesianos tinham por ele. Tivemos que esperar o avião militar por alguns dias em Manaus. Certa manhã, uma professora do Colégio de freiras precisou de um sacerdote para dar a extrema unção a seu pai moribundo. Antônio, que estava ali presente, se prontificou imediatamente e me convidou para ir também. Perto do Internato, havia uma grande ponte de ferro, sob a qual escorria um rio com peixes, cocodrilos, descarga de esgotos, ratos, minhocas, corvos. As margens do rio estavam repletas de casebres de madeira, palafitas periclitantes, com grandes rachaduras e buracos. Seguimos a senhora e entramos numa daquelas casas, por uma escada de estacas que balançava. Ali encontramos um homem grande e gordo deitado sobre um lençol, no chão, ocupando quase todo o quarto de tão pequeno. Seu respiro era agonizante e seus olhos viravam continuamente. Ao saudar a esposa e os filhos, que estavam em torno, Antônio exerceu seu ministério sacerdotal, levando a presença de Jesus. Curvou-se completamente ao lado do moribundo e, aproximando-se bem perto de seus ouvidos, disse-lhe com voz clara e suave: “Se me ouve, medite nas minhas palavras. É o próprio Senhor que lhe fala e lhe convida a pedir perdão pelos seus pecados. Ofereça-lhe toda a sua vida. O senhor sofreu tanto na vida! Jesus, bondoso e misericordioso, lhe quer bem e deseja que o senhor se salve e que se aproxime dele...”. De vez em quando, aquele homem virava a cabeça e dava fortes respiros no rosto de Antônio, que continuava a falar-lhe e a rezar.

E eu estava ali, em pé, chocada, imóvel. Nunca tinha vis-

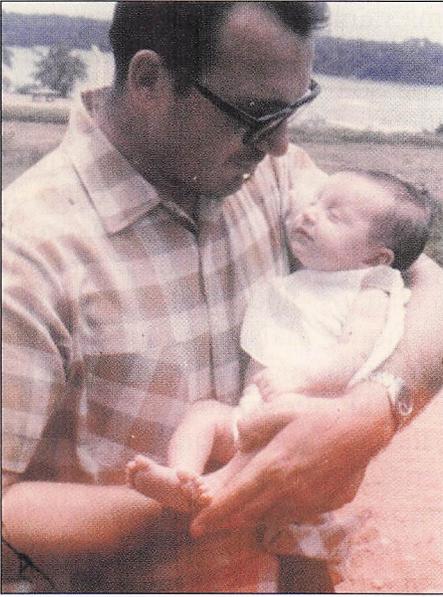
to tanta pobreza na minha vida, não obstante os olhares dos familiares, que, ao mesmo tempo, eram carinhosos e sofredores! Fiquei maravilhada da maneira com que meu irmão fazia a mediação entre Deus e aquela alma.

Quando fomos embora, notando o meu estado de confusão, Antônio procurou contornar as coisas, dizendo: “Veja, Lella, somos todos filhos de Deus, mas quanta gente vive na miséria, sem ter o que comer e sem saber como se manter!”.

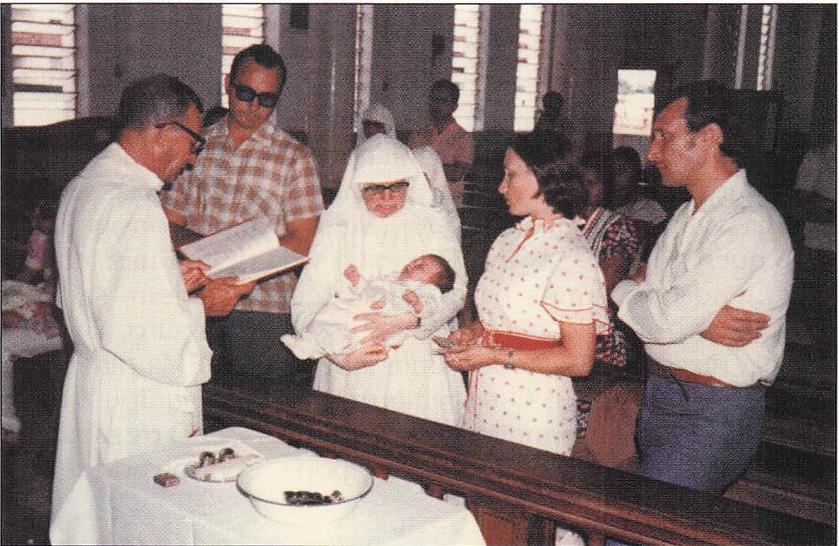
Chegou o momento da despedida. Pegamos o avião militar da FAB, para não termos que ir de barco até São Gabriel, porque seriam necessários 20 dias de viagem. No aeroporto, Padre Antônio conversa com o pessoal local, pede notícias de suas famílias, interessa-se pela vida deles e aproveita a oportunidade para pregar a misericórdia de Jesus. O comandante de “Catalina”, o avião anfíbio, é o Major Dyon, acompanhado de sua jovem esposa. Dentro do avião, nem todos os lugares, disponíveis ao longo das laterais, dispunham de cintos de segurança. As bagagens e as malas ficavam amontoadas no centro. Para deslocar-se, a gente devia pular por cima! O avião voava baixo, seguindo o percurso do Rio Negro. A gente morria de calor, sentia cheiro de cebo, de couro, de carne seca, de gasolina, a ponto de revirar o estômago. Antônio, ao meu lado, me explicava tudo e me dizia para ficar calma, fechar os olhos e rezar. Os pilotos sempre ficam contentes quando tem algum religioso a bordo, porque dizem que o avião permanece no ar somente com as orações.

Em Barcelos, tive o primeiro contato com o ambiente indígena, os índios, o calor, a pouca água e não potável, os insetos, os pernilongos, a terra vermelha, a poeira que se infiltrava por tudo: nos cabelos, nas roupas, na pele suada, provocando irritações. Porém, experimentei também as primeiras frutas exóticas, bananas, jambos, pastéis.

A segunda escala foi em Tapuruquara. Ali recebemos as boas-vindas das Irmãs, dos Padres, dos índios, com bebidas e comidas típicas para os viajantes. Antônio me apresentava



Batizado da pequena Sira Casiraghi



a todos, como se eu fosse uma rainha. Ele se sentia em casa. Depois, retomamos o vôo para São Gabriel da Cachoeira, onde residia o Bispo: uma pessoa bastante gentil e muito simples, que não usava a batina e a faixa como na Itália. Ali moravam também algumas Irmãs italianas, na casa das quais passei a primeira noite. Era um salão enorme, com chão de madeira rústica e o teto de telhas sem forro, entre as quais os morcegos se aninhavam. Durante a noite, uma sinfonia de ruídos não me deixava fechar os olhos: grilos, rãs, cigarras, morcegos que voavam. Fiquei mais tranqüila quando as Irmãs vieram dormir. Na manhã seguinte, Antônio elogiou a minha coragem e por eu não ter gritado!

Retomamos a viagem até Pari Cachoeira, onde chegamos às onze horas. O aeroporto era um simples campo, com um barracão para o abastecimento de gasolina. Fomos recebidos por um Padre salesiano e pela Diretora, Irmã Terezinha Ribeiro de Araújo. Antônio agradeceu e se despediu com grande afabilidade dos pilotos, sobre os quais pediu a proteção de Deus. Fomos acolhidos com três dias de festa organizada pelos jovens. Notei que Antônio era muito amado por todos, jovens e idosos.

Certa noite, a Diretora me mostrou que a luz da igreja ainda estava acesa: era ele que rezava até altas horas da madrugada. Durante o dia, agia sempre como se estivesse diante de Jesus: elogiava, incentivava, exortava, aconselhava com grande fé e coragem. Muitas vezes, ao ouvi-lo, eu até me emocionava e fazia um exame de consciência sobre a minha vida espiritual. Ele me levava sempre consigo, porque queria que eu visse o que era a vida de um missionário.

Quando devíamos partir para alguma viagem, saíamos bem cedo, quando ainda estava escuro. Primeiro, íamos à capela rezar; depois, tomávamos um bom café da manhã reforçado e partíamos! O trabalho era feito em equipe: a Irmã Edviges era a enfermeira; uma jovem era encarregada dos mantimentos; um rapaz ficava na popa, controlando a pro-

fundidade do rio; Antônio no leme e eu e as bagagens no barco.

Ao ouvir o barulho do motor do barco, as crianças da aldeia corriam, seguidas pelas mulheres e os homens. Reinava sempre um clima de alegria. Antônio perguntava logo se havia algum problema, brigas, doentes na aldeia, e, depois, organizava o dia da seguinte maneira: visita às famílias em suas respectivas cabanas, respeitando a privacidade de cada uma; visita aos enfermos, da qual se encarregava logo a Irmã; confissões e Santa Missa para todos. Suas celebrações eram vivas, simples, com cantos especiais em Tucano, que tocavam o coração. A seguir, ele visitava a escola, para controlar o programa e o grau de aprendizagem dos alunos; encontrava-se com os adultos, estimulando-os ao desenvolvimento e ao sustento da comunidade da aldeia. Por exemplo, plantar mais laranjas e limões, porque a *vitamina C* combate a bronquite e a gripe, ou então, pescar com isca e não com curare, para um maior respeito do equilíbrio ecológico. Ele convidava sempre os homens a cultivar mais a terra e a mandar seus filhos à escola, a fim de estarem à altura para tratar com os comerciantes brancos, sem se deixar enganar. Durante o período de epidemia da coqueluche, todos se colocavam em fila para tomar injeção no braço: nisso eu fiquei craque!

O que mais me impressionava era a maneira com a qual Antônio tratava os índios: de modo amável e delicado, mas, ao mesmo tempo, firme e decidido. Muitas vezes, a gente rezava juntos, mas, depois, ele ainda continuava por conta própria. Ele havia aprendido isso com o nosso pai, que rezava contando nos dedos, até quando ia trabalhar na lavoura.

As mulheres índias admiravam Antônio, porque era muito gentil e atencioso com elas, mas também porque era um homem alto e bonito. Para evitar de chamar a atenção delas, usava calças largas e, quando pernoitava nas aldeias, ia se lavar no rio à noite, longe dos olhares indiscretos.

Antônio trabalhava demais, sem parar. Uma vez, perto da

fronteira com a Colômbia, no segundo dia de navegação, o motor parou. Então foi preciso remar. Até eu tive que aprender a remar, sob o sol tórrido e a chuva torrencial. Mas, no final da viagem, fui promovida. E ele me disse: “Até você, Lella, já parece uma missionária. Tenho certeza que você e Pierangelo vão se dar bem aqui!”.

Ele me ensinava a não ter preconceitos diante das pessoas e a valorizar o lado positivo delas. Nas aldeias eram pobres, seminuas, sujas, com crostas nos olhos, devido às infecções, enfiavam o dedo no nariz. Antônio ia ao encontro de todos, apertando-lhes as mãos, abraçando-os com tapas nas costas, como fazem os brasileiros, e os apresentava a mim, com respeito, como se fossem autoridades. Quando me apresentava algumas velhinhas, dizia: “Esta é uma das minhas mães brasileiras”. Ao traduzir isso em Tucano, as mulheres riam e brincavam entre si, mas seus olhos brilhavam de felicidade! A alegria delas era a felicidade de Antônio.

Numa tarde, enquanto conversava com Edina, uma professora do Colégio das Irmãs, Padre Antônio apareceu debaixo do pórtico, vestido com os paramentos sagrados, recolhido, majestoso, alto, preparado para levar a comunhão a um doente grave. Ao vê-lo, Édina exclamou: “Meu Deus”! Ela teve a impressão de ter visto, por alguns momentos, Jesus em pessoa, radiante de luz.

Naqueles meses que passei em Pari Cachoeira, tive a oportunidade de ver a vida sacrificada dos missionários. Somente um nobre ideal e uma grande fé podem sustentar aqueles irmãos!

Quando regressei à Itália, não tive a coragem de decidir por Pierangelo e o convenci a ir também, por um período, constatar pessoalmente o que significa viver naqueles lugares tão distantes e difíceis.

Ele fez um acordo com a firma “Unilever”, onde trabalhava, acumulou as férias de dois anos e partiu”.

“Na infelicidade de ter perdido, prematuramente, meus pais – escreve Pierangelo – reconheço que o Bom Pai me acumulou de tantos dons na vida, colocando-me, em particular, ao lado de pessoas tão especiais, como o caso de meu cunhado, Padre Antônio Scolaro.

Lembro-me do nosso primeiro encontro em Milão, nos anos obscuros de contestação de 1969, quando ele regressou à Itália pela primeira vez. Houve logo uma relação recíproca de aceitação e simpatia, preparada por longos e intensos contatos por correspondência.

Vinha pensando, a muito tempo, no voluntariado. Depois, chegou o momento de conhecer Gabriela e de preparar-me para a vida matrimonial. Somente em 1974 pedi ao meu chefe de trabalho para acumular as férias de dois anos, como minha esposa escreveu acima. Queria constatar se, realmente, conseguia me adaptar às Missões do Rio Negro.

Depois das festas natalinas, parti para Manaus, onde era aguardado por Maria Alves dos Santos, voluntária do Estado de Santa Catarina, encarregada por Padre Antônio de acompanhar-me, com o avião militar, até Pari Cachoeira. Foram as férias mais lindas da minha vida, embora o Padre Antônio não me tenha poupado das labutas e das emoções: descarregar caminhão de lenha, que servia para cozinhar nossa comida; lavar panelões; assistir à morte de uma serpente Coral, que entrou, numa noite, em seu escritório, enquanto estávamos batendo papo; visitar malocas e aldeias, de barco a remo ou a motor, enfrentando correntezas, plantas d'água, rochas...

Ele conseguia fazer-me rezar até mesmo depois de horas de caminhada, com bolhas nos pés. Conheci o Bispo de São Gabriel, Dom Alagna, que me explicou a urgência e a necessidade do trabalho que eu devia desempenhar.

Regressei para casa carregado, cheio de entusiasmo e com uma vontade louca de voltar logo para lá. Gostava de trabalhar ao lado de Padre Antônio: ele me encorajava, me confortava. Fiquei encantado pelo verde das florestas, a te-

rra vermelha, os rios perigosos, os temporais equatoriais, o sol a pique.

Ao ver meu entusiasmo, Gabriela ficou aliviada de todas as perplexidades e me incentivou, até mesmo quando, diante da notícia da sua inesperada gravidez, o Bispo expressava seus temores pela vida do nascituro. Naquele momento, a figura de Padre Antônio foi determinante, porque dizia que lá também nasciam crianças. Fiquei mais tranqüilo com o nascimento de Sira, numa cidade subdesenvolvida, que de Flávia na Itália.

Confesso que sou mais propenso a agir que a rezar. Não obstante, Padre Antônio me fazia entender o valor da oração, quando dizia: “A sopa é mais gostosa se tiver vários temperos. Assim acontece com a ação, se for acompanhada pelo Espírito Santo”. “O pão é feito de farinha, que, sozinha, não tem gosto de nada; de sal, que sozinho não presta; da água, que não sacia. Porém, se colocarmos estes ingredientes juntos, o pão assado é outra coisa, sobretudo se for comido quentinho. Assim é a oração e a ação”.

Padre Antônio gostava de ser incentivado, jamais compadecido, sobretudo quando contava suas dificuldades em confiança. Uma vez, notando seu cansaço, insisti para que fosse repousar. “Vai para lá, - me disse - e não me escandalize. Você deve ajudar-me a dar toda a minha vida e não a poupar esforços”.

Entrementes, dispensava-me atenções fraternas. Não apenas ele, mas também os Salesianos e as Irmãs. Padre Antônio era bondoso, generoso, mas também corajoso. Empregou todas as suas capacidades à missão espiritual, à qual se sentia chamado”.

“O Bispo do Rio Negro - retoma Gabriela - era titubeante e duvidava da nossa capacidade de ambientar-nos e de colaborar com ele, como havia acontecido com outros Voluntários. Temos que agradecer a Antônio por termos consegui-

dos realizar nosso projeto, aprovado pelo Ministério tanto da Itália quanto do Brasil.

Antônio nos dizia: “Como casal sem filhos, vocês podem ser um bom exemplo para os índios, porque, aqui, o homem repudia a sua mulher se ela não lhe der filhos. Vocês podem testemunhar que o amor dá sentido à vida de casal”. De fato, estávamos casados há sete anos. Depois de assinar o contrato, quando ficamos sabendo da primeira gravidez, Antônio continuou a dizer que ainda podíamos ser exemplo de vida familiar e que não havia problema, porque as Irmãs eram especialistas em assistir a nascimentos de crianças. Ele também procurava tranquilizar nossos pais. Na ocasião, ele demonstrou ser realmente um pastor que zelava por suas ovelhas e delas se responsabilizava pessoalmente.

Pierangelo e eu não só tratávamos Antônio como irmão, mas também como pastor de almas. Em nossas relações, estas duas coisas nunca eram separadas: ríamos, brincávamos, cantávamos e rezávamos juntos, mas ele sempre se preocupava com a nossa vida humana e espiritual. Aceitou com alegria o nascimento da nossa pequena Sira: pegava-a no colo, acariciava-a, quis ser seu padrinho, mas, várias vezes ele nos falou que era chamado a ser pai de muitos filhos, filhos espirituais, pois sentia firmeza na sua vocação sacerdotal.

A nossa pequena família residia em São Gabriel, enquanto Antônio estava a cerca de 400 quilômetros de distância, em Iauaretê. Encontrávamo-nos apenas 3 ou 4 vezes por ano, por ocasião do Natal, da Páscoa ou de encontros em Manaus ou de algumas noites, à espera de um avião. Algumas reuniões de Diretores e Diretoras das Missões se realizavam na presença do Bispo. Em tais casos, aproveitávamos para ficar mais tempo com ele. Naquelas ocasiões, era uma verdadeira alegria estar juntos: trocávamos confidências sobre expectativas, esperanças, tristezas, decepções, incompreensões, entusiasmos. Antônio sempre nos ouvia com prazer e, depois, nos dava conselhos apropriados. Os mo-

mentos mais lindos eram à noite, depois da janta, quando reinava um clima de tranqüilidade, silêncio, escuridão. Então, os nossos pensamentos se voltavam para a Itália, aos nossos entes queridos, à nossa terra. Quantas saudades! Recordávamos cada um dos irmãos, irmãs, cunhados, cunhadas, sobrinhos, amigos, conhecidos, operários, parentes, e nos desabafávamos cantando com violão. Atraídos pelos cantos, alguns Salesianos ou Irmãs se aproximavam para fazer-nos companhia. Quanta paz!

A presença de Antônio nos trazia paz. Quando nas reuniões da Prelazia apareciam assuntos escabrosos, divergências, incompreensões, discórdias, Antônio, com suas intervenções simples, claras, abertas, razoáveis, acalmava as águas e proporcionava serenidade e paz aos corações. Procurava sempre o caminho do diálogo, jamais o da ruptura. Quando acabavam as reuniões, ele procurava saber dos índios, que tinham se transferido para a Missão, por motivo de trabalho, e se preocupava com eles.

Numa daquelas ocasiões, ele me levou para fazer uma visita a Cecília: era uma jovem de Pari Cachoeira, que tinha vindo a São Gabriel por ter tido um filho de um nordestino, que a havia abandonado. Antônio dizia: “Ela ficou decepcionada afetivamente e em relação ao seu futuro. Procura cuidar de seu filho sozinha, longe da família, sem trabalho e sem dinheiro. Como pode viver sem ceder aos perigos?”. E se preocupava com ela, ajudando-a materialmente e incentivando-a a dedicar-se ao ensino. Pediu às Irmãs para que a assumissem como professora, para ter com que viver e manter seu filho. Recomendava-lhe comportar-se bem, ser uma boa mãe, uma boa professora e rezar para que o Senhor a ajudasse. De fato Cecília era uma mulher corajosa e seu filho era lindo. Certa vez, durante uma grande assembléia de Comunidades indígenas, revoltadas contra a Missão, somente ela levantou a voz para defendê-la: “Se hoje podemos salvarguardar nossos direitos contra os aventureiros, devemos à

instrução e à educação que recebemos dos Padres e das Irmãs!”.

Antes de Natal, centenas de indígenas chegaram à Missão para uma semana de formação: Curso de Catecismo, Curso para Professores, Curso de Contabilidade etc. Todos os Salesianos e nós estávamos envolvidos na organização. Pierangelo desempenhou um papel importante no âmbito da contabilidade e eu me encarreguei da didática escolar. Durante aqueles dias houve animação, esportes, competições, jogos, encontros e filmes à noite. Foram dias intensos e, à noite, nunca faltavam momentos de revisão, diversão, sossego. Foi numa daquelas noites que Sira aprendeu a andar sozinha, ajudada pela Irmã Maria Badini.

Outra minha viva recordação era o amor que Padre Antônio tinha para com os enfermos. Uma vez, uma mãe com sua filha, de poucos anos de idade, foram parar no hospital por uma queimadura grave de água fervendo. Estavam aflitas, pois tinha começado a infeccionar. Mas, os cuidados atenciosos da Irmã Maria de Jesus, a alimentação substanciosa e as orações e bênçãos de Padre Antônio prevaleceram. No hospital, Antônio procurava se aproximar dos pacientes, um de cada vez, pedindo informações sobre a doença, a família deles e se tinham sido visitados ou dado notícias do seu estado de saúde. Rezava junto com eles e terminava com uma bênção. Muitas vezes, sua bênção aliviava mais que os próprios remédios. No fim, voltava para seu quarto, percorrendo o caminho mais longo, que atravessava a aldeia, com o terço na mão. Os índios diziam que sabiam quando seu Diretor, o Padre Antônio, passava nos corredores pelos seus passos: era sempre depois da meia-noite. A seguir, com a luz do seu farolete, aproveitava sempre de algumas horas do seu sono para escrever cartas aos parentes e pedir ajuda aos vários organismos europeus e americanos. Porém, às 4:30, já estava de joelhos em seu quarto para rezar, e, às 5:30, na igreja com a sua comunidade.

Sua corporatura era robusta, mas, nos últimos anos, começou a sofrer de varizes nas pernas, com problemas de erisipela e flebites consecutivas. Procurou curar-se de vários modos, até utilizando sistemas indígenas, como, por exemplo, colocando a barriga de um sapo sobre as feridas das pernas. Algumas vezes, até resolveu. Tomava antibióticos e remédios, mas raramente ficava de cama. Nunca parava.

Procurava ensinar os homens a serem gentis com suas mulheres, a expressar-lhes seus sentimentos, a aliviá-las de pesos ou de trabalhos pesados. Ele mesmo dava o exemplo. Quantas vezes eu o vi tirar cargas de mandiocas da cabeça das mulheres! Antônio tinha muita pena da vida dura daquelas mulheres. Muitas delas carregavam um filho nos braços, outro agarrado na saia, enquanto traziam uma panela ou algo na mão e uma trouxa pesada na cabeça. Ele sabia que o desenvolvimento humano passava através da promoção da mulher e, por isso, pedia aos homens que as ajudassem nos trabalhos mais pesados.

Enfim, ele era um pai para aquele povo!”.

Sexto Capítulo

A MISSÃO EM IAUARETÊ

Desde 1975 até à sua morte, Padre Antônio foi missionário itinerante em Iauaretê. Foram anos de amadurecimento. Ele faleceu com apenas 43 anos. No Boletim paroquial da localidade italiana de Montagnana, "*L'araldo dell'Assunta*", ele teve a oportunidade de escrever: "A minha paróquia é composta de um Colégio central e 51 aldeias, espalhadas em 30.000 km². Em 29 delas, existe uma escola construída pela gente local, onde as crianças estudam até o 3º ano do Primeiro Grau. Todos os meses temos o encontro com 48 catequistas e 57 chefes de aldeias. Meu trabalho consiste em fazer um pouco de tudo: agricultura, higiene, contabilidade, organizar Cooperativas... Enfim, tanto a parte de prefeito quanto a de pároco. Não existem meios para manter tudo isso, eis porque devo escrever a diversas organizações para pedir recursos. Dias atrás, as Missões do Rio Negro foram transmitidas num programa televisivo brasileiro e ainda estou recebendo cartas de elogios...". Foram anos de verdadeira evangelização e de realização de projetos de civilização de comunidades indígenas. Porém, começam, ao mesmo tempo, suas doenças, entre as quais muitas dores nas pernas. Tem também algumas decepções do povo que tanto amava. Então, Padre Antônio orienta-se ainda mais para o essencial: seu contato com Deus. Eis, a seguir, alguns trechos de suas cartas.

"... Caríssimos, saudações da nova missão. No momento, somos quatro: dois coadjutores e dois sacerdotes. Padre Dalla Valle fez coisas muito boas e deixou todos os registros em ordem. Vão trabalhar conosco sete Irmãs, algumas das

quais ainda devem chegar. A gente está curiosa para conhecer o novo diretor. Procurei colocar em prática o pouco da língua Tucano que sabia, pois isso atrai muito a simpatia do povo. Já visitei quatro aldeias, situadas nas imediações da missão. Procuo gravar nomes e fisionomias e criar familiaridade, mas devo fazer muitas anotações, porque disponho de pouca memória. Padre Tiago, meu colega, está viajando com um índio ao longo do rio Papuri. Imaginem, do Colégio de Manaus até à missão deve-se percorrer uma longa distância, mas devemos estar prontos a tudo. Vamos alternar-nos nas viagens, porque alguém deve estar sempre aqui. Somos poucos, mas bastante animados. Tudo dará certo! Os problemas já começaram: um homem veio pedir ajuda, porque um jovem lhe roubara a filha. Duas famílias quiseram obrigar-me a fazer o casamento de seus filhos que convivem há tempo... Vou-me dando jeito nas coisas, aos poucos...” (Iauaretê, 5.02.1975).

“... Tinham-me dito que nesta missão quase todos falavam português, mas vi que falam Tucano. Leio as Sagradas Escrituras em Tucano e eles entendem tudo. Em algumas aldeias falam o Nenhengatu, a primeira língua que havia aprendido em Içana. Com um pouco de prática, vou-me lembrar. As pessoas aceitaram com prazer a mudança de missionários e notei que têm a capacidade de externar o que pensam, e isso me agrada muito. Cerca de dez jovens Macus vieram pedir desculpas, porque houve uma briga entre eles, na qual perderam a vida cinco pessoas. Por isso, Padre Dalla Valle, por castigo, deixou de visitá-los por alguns meses...” (Iauaretê, 12.02.1975).

“... Encontro-me aqui numa localidade, onde o comércio é difícil, devido às cascatas. Quero ver como vou resolver este impasse...” (Iauaretê, 01.3.1975).

“Caríssimos, faltam poucos dias para a Páscoa. Deixei a missão para vir fazer uma visitinha a Gabry e Pierangelo e

ver Sira. Estamos juntos há quatro dias e sentimos tanta alegria. Lemos as cartas de vocês, ouvimos músicas italianas e conversamos muito sobre a Itália. Sira está linda, come, bebe e, algumas vezes, faz ouvir a sua voz, como a da tia Antônia. Gabriela está feliz com a sua filha: conta-lhe fábulas, segue à risca as prescrições médicas e o horário das refeições. Pierangelo, antes de ir trabalhar, olha sempre com êxtase sua filha que dorme. As Irmãs e as moças também lhes fazem visitas. Tem tanta coisa para fazer... Pierangelo está super carregado, mas, à noite, está sempre disponível para dar algumas aulas. Quanto a mim, estou indo bem na nova missão de Iauaretê. As coisas estão fáceis, graças ao bom trabalho do Padre Dalla Valle. Os encarregados do Governo, para a promoção dos Índios, estão visitando as terras de missão, tanto católicas como protestantes. Eles apreciaram muito o nosso trabalho...!" (São Gabriel, 24.3.1975).

"... Encontro-me mais uma vez em Manaus e, depois de amanhã, voltarei para a missão. Participamos de dois dias de reuniões entre os missionários e a FUNAI, o órgão governamental que protege as comunidades indígenas. Em poucas palavras, deram-nos a entender que podemos trabalhar apenas com a autorização do Governo. A reunião foi muito agitada, porque não aceitamos passivamente este modo de agir, mas pretendemos liberdade para pregar o Evangelho. Os católicos combatem mais que os protestantes na defesa dos índios contra a política governamental. Na reunião ficou claro que o Governo não fez nada, enquanto os protestantes procuraram sobretudo evangelizar e os católicos trabalhar em hospitais, escolas e centros assistenciais. A Prelazia do Rio Negro, sozinha, fez mais que todos os outros juntos. Temos que intensificar o respeito pela cultura indígena e a assistência sanitária preventiva..." (Manaus, 14.4.1975).

"... Estive ausente da missão por doze dias, durante os quais visitei 1.136 pessoas, das quais 231 Macus, que vivem

no interior da floresta e são nômades, caçadores e escravos de outros Índios. Havia enviado para lá dois professores, que abriram uma escola com 70 alunos, divididos em duas turmas. Eles me mostraram a aldeia e a ampliação que pretendem fazer. Fui recebido com muita festa. São pobres, mas de boa índole. Sabiam muitas coisas. Eu lhes perguntava em Tucano e alguns traduziam. Entre eles, existem batizados e não batizados, o que causa uma confusão impressionante. Disse-lhes que farei o possível para prepará-los para receber o Batismo, mas com calma...

Após quatro horas de viagem de retorno, encontrei duas pessoas idosas pela estrada, entre as quais Dionísio, cego e completamente nu, pálido e com uma febre persistente. Havia recebido o Batismo muitas anos atrás, mas não a Primeira Comunhão. Durante a noite, convidei todos da aldeia para fazer uma oração espontânea na língua local. Dionísio me comoveu pelo seu modo de falar com o Senhor: eu não entendia o que ele dizia, mas seus gestos eram evidentes... No dia seguinte, dei-lhe a Comunhão. Vocês nem podem imaginar a felicidade daquele velhinho. Ele começou a cantar a Jesus um hino improvisado na sua língua. Dei-lhe de presente um cobertor branco por causa do frio. Tenho que estudar a língua deles o mais rápido possível! Nenhum missionário sabe aquela língua. Sinto que as energias dos meus 20 anos de idade se passaram, mas espero que o meu amor seja forte e sincero, porque o amor nunca se espanta com nada. Os missionários que me precederam jamais se preocuparam em ensinar-me cantos e orações na língua dos Macus. A língua é o que existe de mais sagrado de um povo. Sem ela, não há nenhuma espontaneidade de expressão, nem mesmo com o Senhor..." (Iauaretê, 22.5.1975).

"... tive que pisar no freio aqui na missão, porque aconteceram algumas desordens entre as alunas e o povo. Recebi a notícia de que papai foi internado novamente no hospital. Ele tem uma grande resistência e vai sair de lá com saúde e

forte. Eu o acompanho com minhas orações... ofereço o meu trabalho por este meu povo e por vocês, que são meus mais queridos..." (Iauaretê, 14.6.1975).

"... Acabo de receber a notícia de que papai foi para mais perto do Senhor. Chegaram-me também várias cartas, entre as quais a sua, mamãe, na qual a senhora e o papai me felicitam pelo dia de Santo Antônio. Seu desejo era que o seu "Valente" permanecesse sempre ao seu lado. Papai, ao invés, sentia que se aproximava seu fim e pedia orações. Coragem, mamãe! Todos nós estamos com o coração entristecido pelo falecimento de papai, mas, naturalmente, a senhora é a que mais sofre, pois era a que estava mais perto dele, que mais o ajudou, que lhe dedicou toda a sua vida. Quem mais ama, mais sofre. Todos nós, seus filhos, estamos unidos à senhora. O que mais sinto, neste momento, é não poder estar ao seu lado agora. O carinho que a senhora tem por nós lhe ajudará a esquecer as preocupações e as dificuldades. Procure entrar em união espiritual com Nossa Senhora e pensar o quanto ela também sofreu depois que Jesus subiu ao céu. Ela ficou sem José e sem Jesus, mas não desanimou. Agora que papai está no céu, sinto maior segurança..." (Iauaretê 29.6.1975).

"Querida mamãe. Nestes dias estou muito atarefado, mas meu pensamento está sempre ligado à senhora. Sinto que estou mais próximo da senhora agora do que antes, sem apreensões, pois sei que a senhora é sempre forte em todas as circunstâncias e o Senhor há de abençoar-lhe. Recebi um monte de cartas e fitas gravadas com a voz do papai. A senhora e o papai sempre foram centro de união, para nós filhos, e sempre nos transmitiram tanta alegria. Para nós, a presença espiritual é como a presença física. Espero que a senhora recobre bem a saúde, pois lhe aguardo aqui para fazer-me uma visita. No entanto, virá o Atilio com a sua cara-metade, mas a próxima vez caberá à senhora, e deverá ficar aqui diversos dias, porque todos lhe querem bem..." (Iauaretê, 16.7.1975).

“... Chegaram o filme e a fita do enterro do papai. Enquanto lhe escrevo, estou ouvindo a fita. Ouvi o canto inicial e o comentário de Paulo. Tudo está muito bonito e emocionante: papai se encontra feliz na Casa do Pai e, nestes dias, senti fortemente a sua ajuda... Fiquei sabendo, indiretamente, que a senhora virá junto com Atílio e Maria Rosa. Nem acreditei, mas acho que isso será possível no futuro. Entretanto, parece que mudaram a data da partida. Gabriela e Pierangelo virão passar uma semana comigo aqui na missão: eles precisam de um pouco de descanso. De 14 a 17 próximos, teremos o Congresso Eucarístico na nossa missão. Trabalhei muito para prepará-lo. Haverá uma concentração de 2.500 índios. Preparei tudo nas suas respectivas línguas e as representações teatrais extraídas da Bíblia...

Roberto e Marcos já se tornaram peritos agrários. Parabéns!...” (Iauaretê, 05.8.1975).

“... Esta carta, para mim, tem um grande significado, pois é a primeira que escrevo depois do falecimento de papai. Sei que a senhora está fazendo companhia a Laura, porque Giovanni está ausente. Muito bem, mamãe! A senhora é sempre a mesma: preocupa-se com os outros e esquece de seus sofrimentos. Tinha a intenção de trazer a senhora para cá, se houvesse maior comodidade... Estamos aguardando notícias sobre o herdeiro de Paulo e Míriam. Ariana ficará muito contente...” (Iauaretê, 21.8.1975).

“... Estou cansado, porque o mês de agosto foi muito corrido. O Congresso Eucarístico foi uma maravilha: tanta gente e um belo programa. Agora é período de enchentes e as cascatas estão violentas. Devo fazer muita atenção, porque devo partir para as visitas às aldeias. Com quarenta anos de idade, comecei a estudar uma nova língua: o macus. O que mais me cansa na vida pastoral é precisamente ter que traduzir tudo e tenho tantas coisas para fazer! Deus me livre se tiver que ficar doente! Estou feliz e noto que a minha vida está sendo uma

completa doação. Tenho medo de esvaziar-me, pois não tenho mais tempo de ler nada...” (Iauaretê, 29.8.1975).

“... Terezinha, uma jovem voluntária, está desesperada, porque seu pai também morreu. Fui visitá-la e celebrar uma Missa para ela. Agora se sente mais tranqüila.

Durante a viagem pelo rio, o motor quase se quebrou: estava para sair a engrenagem do pino que faz girar a hélice. Eu havia prometido a uma família, que mora longe, que mandaria uma canoa a motor pegá-la para participar da Missa. Não sabia o que fazer. Então, disse ao rapaz que me acompanhava: “Se você tiver fé, diga uma Ave-Maria e vá buscá-la”. Ele obedeceu e partiu. Desde aquele momento o motor não falhou mais e continua a funcionar até agora... Acontecem-me sempre surpresas como estas.

Na cascata de Matapi, desci para visitar uma família. Quando voltei, não encontrei mais a canoa, porque o rapaz tinha se esquecido de amarrá-la bem forte na bóia. A canoa tinha ido parar lá embaixo na cascata. Precisamos três horas para puxá-la e para enxugar os pistões...

Recebemos a visita de 19 médicos, que conseguiram curar 850 casos de tuberculose. No dia seguinte, vieram cinco membros da equipe televisiva do Rio para filmar as nossas Missões. Os jovens fizeram uma ótima representação e o povo apresentou suas danças antigas. Aproveitamos para pedir um aumento das ajudas financeiras.

E a senhora, mamãe, como vai? Ouvi dizer que vai a Lourdes com Antônia... Quando eu for à Itália, também gostaria de passar por Fátima e Lourdes...” (Iauaretê, 18.9.1975).

“... Três dias de festa com o Bispo, Dom Alagna, e com 2.000 índios, provenientes de todas as partes: cantos ao Senhor, récitas, danças, jogos... Tudo correu muito bem...” (Iauaretê, 6.10.1975).

“A senhora é uma verdadeira mãe, como Nossa Senhora,

que nos encoraja a fazer o nosso dever até o fim. No poema intitulado “Homem-Deus”, que estamos lendo, a gente nota que Nossa Senhora encorajava Jesus a fazer a vontade do Pai, até o fim... Acho que a senhora ainda vai, como de costume, à Missa na igreja de São Francisco: reze por mim também. Aproveito este momento de tranqüilidade para escrever às várias Organizações Internacionais, para a realização dos projetos do próximo ano. Dia 9 de dezembro é festa de São Siro. Aproveito para enviar-lhe meus votos de “Feliz Onomástico...” (Iauaretê, 24.11.1975).

“... Meu trabalho é estar aqui na sede e dar cursos aos catequistas das aldeias, aos chefes de aldeias, aos agricultores e encarregados de criações... Estou um pouco preocupado pelo aumento da gasolina: de 500 a 800 libras por litro. Não sei aonde vamos parar...

‘ Soube que, em fevereiro, Atílio e Maria Rosa virão para cá... Gostei muito das fotos, uma em particular, que a senhora me enviou: aquela em que a senhora está com a avó de Davi. Reparando bem em seus olhos, parece que a senhora está me olhando. Coloquei-a na escrivadinha da direção, assim a senhora está sempre presente...” (Iauaretê, 16.12.1975).

“... Sou muito inconstante, mas quero empreender o caminho de uma vida íntima com Jesus e Maria. Tenho três amigos: Jesus, Maria e as almas do Purgatório. Invoco sempre estes três amigos, pois, se eu não amar, transmito apenas uma doutrina sem vida. Porém, percebo que a natureza nem sempre segue os impulsos da graça e, por isso, devo bater continuamente no peito...” (Iauaretê, 01.01.1976).

Em fevereiro, deu-se a visita tão esperada da mãe do missionário, Padre Antônio. O sonho tornou-se realidade.

Mas, esta aventureira narração foi transmitida pessoalmente pelos protagonistas no capítulo: “*Testemunhos: os “Milaneses” na Amazônia*”.

“Meus queridos. Vocês se encontram novamente em casa, há alguns dias, depois da viagem à Amazônia. Certamente, vão recordar-se, por um bom tempo, dos aviões anfíbios da FAB! Aqui, estamos vivendo ainda a doce recordação da permanência de vocês entre nós, especialmente as Irmãs e os Salesianos. Ficamos todos sentidos pelo acidente de Tapuruquara. O avião ainda está no fundo das águas, mas vão tirá-lo de lá, por meio de um sistema de câmaras de ar. Vocês nos tranquilizaram por telefone que estão bem, mas nós ainda estamos espantados...” (Iauaretê, 27.3.1976).

“... Sinto que vocês ainda estão muito impressionados pelo acidente aéreo. Mamãe estava calma e forte, mas achava que ia visitar papai no céu. Quando a gente escapa de um grande perigo, pode entender melhor que a vida é um dom...” (Iauaretê, 29.5.1976).

“... Estou terminando um Curso para Sacerdotes e Leigos. Debates muito sobre a nova visão da obra missionária: não existe mais aquela superioridade do homem branco que vai até aonde os índios se encontram, somente para dar e para transformar. Os indígenas são povos de culturas diferentes, mas não são inferiores à nossa; temos ainda muito o que aprender deles e pouco a dar. Enfim, devemos conviver com eles e inserir-nos, com respeito, na sua cultura e na sua vida, e transmitir-lhe Jesus como Índio. É claro, Jesus viveu como Judeu, mas se tivesse nascido na China, teria vivido como chinês; se tivesse nascido como índio, teria vivido também sem roupas e feito as mesmas cerimônias. A Igreja, até agora, transmitiu, junto com o Evangelho, a nossa cultura capitalista-colonial.

Ainda não sei como faremos para mudar o nosso modo de agir no Rio Negro, onde transformamos os índios em pessoas ocidentais. Não podemos mais voltar atrás. Aqui, os missionários são muitos e cada Congregação tem seu modo diferente de encarar o trabalho... No entanto, encontrei um dentista que me

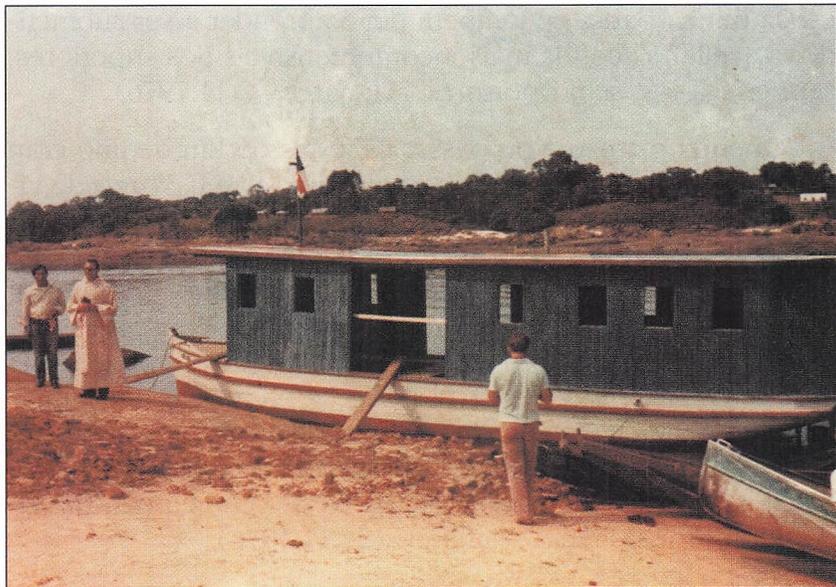
arrumou os dentes. Depois, encontrei também um amigo médico, em Brasília, que vai me fazer uma consulta...

Sigo as Olimpíadas pela televisão, mas não vi nem um italiano ganhar nada: somente um conseguiu uma medalha no tiro ao alvo. Coitada da Itália!..." (Goiânia, 26.7.1976).

"... Ao voltar de Goiânia, passei um dia com os "milaneses": encontrei-os bem; a pequena Sira fala sem erros e demonstra ser muito inteligente... Agradeço a Deus por tantos benefícios recebidos até agora. Espero poder aumentar a minha fé e rezar mais. Já se passaram 41 anos e não sei quantos vou viver ainda; por isso, devo empregá-los bem..." (Iauaretê, 18.8.1976).

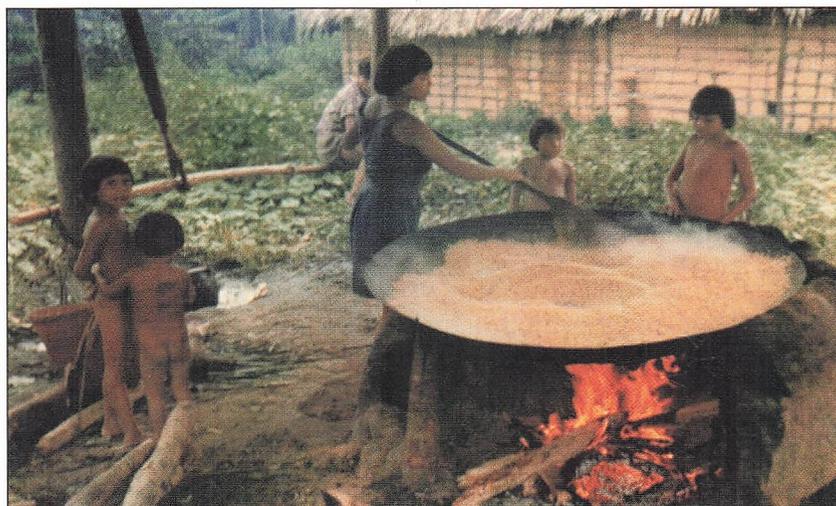
"Querida mamãe. Neste dias, estou repleto de recordações. Imagino que o túmulo de papai esteja coberto de flores, para simbolizar que não há morte, mas vida: uma vida perfumada e feliz! Sim, mamãe, seu Valente a acompanha do Além, para que a senhora seja forte, humilde, cada vez mais santa...

A senhora sabe que Deus nos prepara, antes de chamarnos. Ele quer que saibamos desapegar-nos de tudo e renunciar a tudo, para ficarmos serenos em suas mãos. Papai era muito apegado aos campos e parecia não poder viver longe de Crosare. Vocês insistiram para que ele fosse para Montagnana; e, depois de certo tempo de sofrimento, começou a sentir-se mais feliz. O Senhor aceitou a agradável oferta de papai e ele se santificou. A senhora também deve santificar-se, aceitando a vontade de Deus, que lhe apresentará novas situações na sua existência. Se a senhora for generosa em aceitar o convite de Jesus, então será perfeita e santa. Papai há de acompanhá-la neste caminho. A Virgem também percorreu esta estrada, perdendo primeiro José e, depois, Jesus; mas, aceitou a ajuda do jovem João para enfrentar os últimos anos de sua vida. Como grande Mãe de Deus, ela soube aceitar, com humildade, a ajuda de um jovem!



Bênção da barca da Cooperativa dos índios.

Cozedura da mandioca nas aldeias.



Da minha parte, eu também devo aprender a ser submetido, a aceitar as coisas mais incompreensíveis dos superiores, sem criticá-los, sem opor-me...” (Iauaretê, 2.11.1976).

“Querida mamãe, vou passar as festas de fim de ano com Gabriela e Pierangelo: eles estão para iniciar seu 3º ano de vida missionária e eu o 14º. Este ano também vai passar rápido e, depois, a senhora poderá se encontrar com eles na bela Itália. Permanecerei ainda um pouco por aqui e, depois, irei comer nhoque com a senhora. Estou bem e consegui emagrecer: agora estou com 92 quilos.... Apliquei as provas nas escolas das aldeias e reprovei todos, sobretudo em matemática. Nesta última viagem quase morri de fome: tive que pedir leite e bananas para comer. Esqueci o farolete e, à noite, foi difícil ir à privada na floresta escura. Veja como é poética a vida de um missionário!” (Iauaretê, 24.11.1976).

“... Estamos todos juntos com Pierangelo, Gabriela e Sira, que já fala bem, come sozinha com a colher e brinca com as crianças do lugar. Daqui a dez meses, eles vão voltar para a Itália e terão tempo suficiente para contar-lhe tudo. Este ano será o mais lindo para eles, porque já conhecem bem o ambiente. Eu não vou voltar com eles, mas mais para a frente.

Acabo de receber a triste notícia da morte de Antônio Baldisserotto, em desastre automobilístico. Nem lhe digo como me sinto neste momento: coitado do tio Silvestro e da tia Inês e Isabella. Como conseguirão resistir uma provação tão grande e imprevista? A senhora também sofreu tanto pela morte de papai, mas já estava preparada. Os tios tinham só ele, a única consolação e esperança...” (Iauaretê, 07.01.1977).

“... Carmela e Francesca: vocês são, entre todos, as sobrinhas que mais e melhor nos escrevem, por isso, congratulações! Isso nos causa muito prazer, pois nos faz sentir mais perto de quem amamos. Uso o pronome “nós” porque leio as cartas de vocês juntamente com Gabry, Pierangelo e

Sira... Estamos contentes de poder ajudar tantas crianças pobres. Uma comissão de médicos encontrou 44 crianças contagiadas pela tuberculose. Agora vamos iniciar uma cura com os 1.500 dólares enviados por outras crianças da América. Solicitei mais 2.500 para ter leite até o final do ano. Ficaria feliz se, depois dos estudos, também vocês pudessem vir para cá, passar dois ou três anos comigo. Eu tenho tantos defeitos, embora seja tio de vocês e sacerdote, mas procurarei corrigi-los para estar à altura. Sei que o Senhor tem maior predileção por quem é jovem, mas não quero perder na parada. Aceitam o desafio?..." (Iauaretê, 08.01.77).

"Por enquanto, não posso viajar, devido a uma flebite na perna esquerda e também porque o Padre Miguel ainda não voltou da Irlanda. Preparei dois projetos para meu povo: um para a criação de gado e outro para formar Cooperativas comunitárias nos lugares mais distantes da Missão. Escrevi para 17 organizações, mas me responderam apenas duas, em inglês, pedindo maiores detalhes. Estou procurando um Salesiano que saiba inglês para responder..." (Iauaretê, 07.02.1977).

"... Tive uma semana de encontros com os Diretores das Missões e depois estive em Brasília e Goiânia, como representante das Missões do Rio Negro, junto ao Conselho Indigenista Missionário. Este ano, tenho um calendário repleto de encontros deste tipo, em âmbito nacional e latino-americano. A gente aprende muito, mas, ao mesmo tempo, as coisas permanecem estagnadas na missão.

Nestes dias, foi tirado o motor que tinha afundado, ano passado, na cascata de São Gabriel. Houve a baixa do rio e Pierangelo conseguiu encontrá-lo. Esperemos que ainda funcione.

Meu objetivo, agora, são as serrarias de madeira, para dar trabalho a esta gente. Escrevi para um lado e para o outro. Espero que chegue alguma resposta. Com o Governo, as

coisas estão ficando cada vez mais apertadas, no sentido que, para trabalhar nas Missões, será preciso fazer um acordo com as autoridades locais. Vamos ver como será este acordo e o que eles têm em mente... porque os jornais transmitem idéias contrastantes sobre as nossas Missões. O Brasil está endividado até à garganta, mas dispõe de muitas riquezas no subsolo para pagar. Cada brasileiro que nasce já tem 200.000 libras de dívida com o Exterior. Quem pode entender alguma coisa neste mundo?... (Iauaretê, 10.02.1977).

“... Estou fazendo uma visita às aldeias de Alto Rio Uaupés. Aqui, quase ninguém freqüentou regularmente as aulas na escola. Gostaria que alguém chegasse até à 8ª série, pelo menos, para depois ser utilizado como professor para os mais pequeninos. Faço muitos projetos para ajudar este povo, mas a gente tem que ter tanta calma, talvez até demais...

Estamos no final do verão e começa o período das chuvas.. O rio aumenta 10 centímetros por dia. Por enquanto, está cheio de pedras e trechos caudalosos; então, devemos viajar devagar para não bater em nada...” (Iauaretê, 13.3.1977).

“... Estou aqui, um pouco de castigo, porque peguei erisipela e devo estar três dias com a perna para o alto. Faltam poucos dias para o 15º aniversário de minha Ordenação Sacerdotal. No dia 21 de abril de 1962, todos vocês estavam comigo em Monteortone, na oração e na alegria. Depois, fomos comer no restaurante “Mamma Margherita”: aquele dia parece tão distante! Escrevi aos meus companheiros de Missa, porque me sinto isolado. É óbvio que cada um deve seguir o seu ideal, sem depender dos companheiros, mas é belo estar em comunhão de espírito e agradecer juntos ao Senhor. É claro, quinze anos de sacerdócio não são poucos. Devo lamentar-me comigo mesmo pelas tantas ocasiões perdidas de fazer o bem e de pouca intimidade com Deus. Aprendi a não fazer tantos propósitos, mas apenas um ou

dois, para colocá-los em prática. Quem sabe se estarei vivo no 25º aniversário! Porém, a única tristeza que a gente sente na vida é a de ter sido mesquinho, pouco generoso e ter acreditado pouco no Evangelho. Na Itália existe um Movimento Mariano, do qual estou lendo o livro. Nossa Senhora pede para que nos ofereçamos a ela, vivendo sempre em íntima união com seu coração de Mãe. O volume trata de grandes provações e de ser heróicos. Não sei se deverei sofrer, mas rezo para que consiga seguir sempre as inspirações do Espírito Santo: que o Senhor me encontre sempre pronto a obedecer-Lhe. Eu sou um grande esquecido e devo sempre acatar logo as boas inspirações. Dizem-me, por exemplo, que os Salesianos que vivem comigo não conseguem seguir o meu ritmo de trabalho e que devo ser mais compreensivo com eles. Na realidade, o meu dia segue direto, sem parar, até altas horas da noite. Faço muitas coisas, mas nenhuma bem feita. Acho que o Purgatório será a minha morada por um bom período. Tenho muita esperança na misericórdia do Senhor. Eu sou assim e não mudarei muito no meu futuro, ao menos que eu faça todos estes erros com amor cada vez mais crescente. A senhora é a mãe de um sacerdote e, por isso, deve ajudar-me. Que os próximos dez anos sejam de alegria para o Senhor e de ajuda para esta gente... Mande-me o endereço de Giovanni da Austrália..." (Iauaretê, 16.4.1977).

"... Os que mais incentivam o Movimento Missionário, que trabalha em prol dos pobres e dos índios, são dois Bispos: Dom Pedro Casaldáliga e Dom Tomás Balduino. Os jornais falam muito deles. Encontrei-me com eles em Brasília. São pessoas calmas e tranqüilas, mas muito decididos em salvaguardar a justiça para com os pobres. O Governo é maçom e dependente de grandes empresas. Existem outros dois Bispos dominicanos, que são perseguidos pelo Governo. Aqui o Governo é como um deus, ao contrário da Itália, onde o povo faz o que quer. Aqui, os militares são justicei-

ros, quando aí, são os ladrões e a máfia... Tanto o Governo como os militares vão contra a Igreja. Eu também me lamento com o meu Bispo e com as Irmãs, quando não fazem como eu penso, mas, depois, continuo a fazer tudo do mesmo modo..." (Manaus, 21.5.1977).

"... Nestes dias, está de passagem por aqui a Superiora das Irmãs, que veio de Roma para visitá-las. Ela me disse que encontrou a Irmã Maria muito magra e que não devia mais levá-la comigo nas viagens longas.

Padre Boleslau foi substituir outro sacerdote em Cucuí. Pedi a uma jovem protestante inglesa, que faz parte de uma grande organização de beneficência, para ver se conseguia comprar uma serra elétrica para os índios...

Soube que Laura e Gianni estão preparando as malas. A família Scolaro vai partir para a diáspora, a fim de levar a herança cristã até aos confins do mundo..." (Iauaretê, 02.7.1977).

"... Estamos para ir visitar os Macus na floresta e pretendo encorajá-los a fazer plantações, consertar as casas, abrir um botequim... mas não será fácil! O ideal seria que uma família vivesse com eles, porque o missionário apenas passa para visitá-los. Quanto a gente mais ajuda um povo a crescer, mais aumentam os problemas e as atividades. É preciso ensinar a vender e a comprar, transportar, tomar decisões em conjunto... Hoje eu dizia à Irmã que, com todas essas coisas para fazer, a gente fica quase doido, mas a vida de um missionário é assim. É preciso construir toda uma civilização.

Quando Gabriela e Pierangelo partirem, nem sei como vou fazer com todas as atividades que eles desempenhavam... Dias atrás, foi colocado à disposição da missão um helicóptero militar, porque estão arrumando o avião. Eu utilizei o helicóptero para visitar algumas aldeias. É bem melhor ir de helicóptero que de barco: a gente chega logo e vê tudo de longe" (Iauaretê, 15.8.1977).

“... Os “milaneses” partiram; eles eram muito amados e tratados como irmãos. Os únicos que não choraram fomos nós três. Mas, agora, eu também estou sentindo a separação.

Encontrei-me com Ana Ferreira, no aeroporto de São Gabriel. Nós nos olhávamos como se faltasse alguém: onde está Sira? Era a interrogação dos nossos corações. No entanto, o trabalho é tão intenso que nem temos tempo para as recordações...

Particpei de oito dias de reuniões sobre os problemas dos “sem terra”, isto é, a terra que os ricos tiram dos pobres e que, depois, por sua vez, os pobres invadem. A nossa responsabilidade como Igreja é muito grande...

Padre Miguel ainda chegou em tempo para ver seu pai que tinha câncer na garganta, o qual veio a falecer três dias depois da sua chegada...” (Iauaretê, 17.11.1977).

“Querida mamãe. O Salesiano Guilherme trouxe-me as fotografias de vocês. A senhora parece estar mais jovem! Gregório, de costeleta longa, e Gigliola...! Estou sozinho na missão, junto com o velho José, o siciliano: Padre Miguel ainda não voltou e os demais estão fazendo exercícios espirituais. O Inspetor se encontra em Roma, para participar do Capítulo Geral, e estará ausente até fins de janeiro. A Irmã Maria será transferida e não substituída. A Madre superiora mudou e foi para o rio Madeira. Padre Boleslau não pode mais se locomover sozinho. Aqui, o povo construiu, em quatro dias, uma casa comum, que será a Cooperativa central. Estamos fazendo muitas reuniões com o Bispo em São Gabriel. Um mestre de criação de animais, das Missões colombianas, fez muito sucesso aqui. A Irmã Maria terminou seu curso de obstetrícia com mais de 50 mulheres representantes das aldeias. O velho Teutônio está por aí, ensinando a fazer plantações. Quanto a mim, percebi que voltou a erisipela. Tenho quarenta cartas para responder...” (Iauaretê, 10.01.1978).

“... Estamos iniciando este ano com 220 internos, entre ra-

pazes e moças. Seria como se Carmela e Francesca frequentassem aulas elementares de alemão. Eles são grandes, mas devem se esforçar para aprender uma nova língua. Se comprar dois guarda-pós, um par de sandálias, três cadernos, o dinheiro se acaba! Não é como aí, que, quando falta alguma coisa, é só pegar a bicicleta e em cinco minutos se chega à loja. Aqui precisam de uma semana de barco para encontrar uma pequena venda...” (Iauaretê, 08.02.1978).

“... Passei um mês com os jovens da missão; eles são bons, mas têm muitas coisas para melhorar: alimentação, construções, agricultura. Quando penso nas aldeias distantes e ao seu abandono, deixo a missão e vou visitá-las. Vou partir amanhã e ficarei 19 dias fora. É o que faço a cada quatro meses. Dom Bosco trabalhava sempre, porque somos sempre muito poucos diante de tudo aquilo que se tem para fazer.

Deveria rezar mais, mas quando começo a trabalhar, a noite chega rapidamente. Rezem por mim. Que a oração seja a expressão da fé e da generosidade da família Scolaro...” (Iauaretê, 10.4.1978).

“... Por obediência, encontro-me agora aqui no hospital militar de Belém. Estou no apartamento do General: tem ar condicionado e todos os confortos. Sinto falta apenas da Eucaristia, porém estou lendo livros, que me fazem recordar de Jesus, a cada momento. As horas entre uma injeção e outra são longas e, assim, tenho tempo para pensar em vocês e para rezar. Devo fazer atenção para não machucar a perna esquerda, senão a erisipela retorna...”

Aqui, todos comentam sobre a terrível morte de Aldo Moro. Não entendo porquê a Itália não conseguiu salvá-lo. É uma vergonha. Quando se mata a sangue frio, é sinal que reina muita maldade. Que o Senhor ilumine vocês, Carmela e Francesca, a fim de possam encher seus corações de bondade e, na hora certa, entregar suas vidas ao Senhor. Eu peço a Deus para que encontre em vocês amigas sinceras,

que proporcionam alegria diante de todo o mal que existe no mundo...” (Belém, 10.5.1978).

“... A minha perna está bastante firme, mas, à noite ainda incha. Permaneci 18 dias no Alto Papuri. Ali tem muito o que fazer e é preciso correr. Amanhã, três Tucanos vão ajudar os Macus, por três meses, a construir casas decentes, e dois irão à Sierra dos Porcos, ensinar a serrar pranchas. Aqui, a serraria está montada apenas pela metade e um técnico está dirigindo os trabalhos.

Hoje, nós Salesianos, fizemos um retiro com um pouco de tranqüilidade. Estávamos precisando seriamente desta ocasião, para não esvaziar-nos. Fizemos um exame de consciência comunitário sobre os vários aspectos da nossa vida missionária. Chegamos à conclusão que temos de corrigir-nos e acompanhar os mais jovens...

Uma saudação especial ao Paulo Baldisserotto de Pressadena, pelo seu aniversário no dia 1 de julho... Estou ansioso para saber se a Itália vai ganhar o jogo contra a Holanda...”. (Iauaretê, 20.6.1978).

“... Meus pés estão cobertos de dermatoses, o que permite aos micróbios da erisipela entrar pelas feridas. Levo sempre comigo um talco antimicótico e comprei botas de cano longo, para evitar as feridas nas pernas. Estou indo de uma aldeia para a outra, há um mês. É período de enchentes e, na região das cascatas, corremos alguns perigos. Mas, estou acompanhado por um bom motorista, que conhece bem os canais... Estou lendo um livro sobre o sacerdócio, durante as viagens. Não consigo entender bem sua profundidade. O importante é entender quem sou eu para cumprir bem toda a minha missão. Parece que estou vivendo apenas a casca da espiritualidade sacerdotal. Procuro preencher o vazio, colocando tudo nas mãos de Nossa Senhora, para que ela complete a minha obra...!” (Iauaretê, 15.7.1978).

“... Amanhã, vou de helicóptero visitar os Macus, assim

evito de cansar as pernas. Duas antropólogas chegaram às Missões, por dois anos, para estudar os Índios. E, até que enfim, chegou o voluntário agrônomo do Equador. Devemos fazer um contrato de quatro anos com o Ministério do Exterior. Devo dar-lhe um salário. A missão se encarrega da sua alimentação e transporte e a FUNAI do resto, espero! Passo todo o tempo respondendo às perguntas dessas pessoas. Quando partimos de viagem, tenho tempo para rezar, ler e refletir, porque as noites são mais calmas.

Estou para completar 44 anos de idade e me parece quase impossível que tenham passado tão rápido assim! Já deveria ser maduro, santo, equilibrado, generoso, mas tenho a impressão que permaneci como um eterno garotão. Não consigo ver as marcas dos anos da minha conduta. Espero estar sempre pronto a trabalhar pelo Senhor. Às vezes, canso-me de ser dirigente e gostaria ter menos responsabilidades. Ele disse: “Procurem o Reino de Deus e a sua justiça e todo o resto lhes será dado por acréscimo”. Acho que é bem assim: devo dedicar-me às coisas espirituais e deixar os problemas em suas mãos. Ele dá jeito para tudo. Quando terminar o meu mandato em Iauaretê, espero poder fazer algum curso de Teologia ou de Sagrada Escritura, para revigorar meu espírito...” (Iauaretê, 04.8.1978).

“... Sentado entre as macas dos Macus, os mais isolados na selva, senti concretamente seus sofrimentos, toquei sua pobreza... Nós, missionários, damos a nossa vida, mas, o que mais poderíamos fazer? Os meios econômicos nos são fornecidos pelos cristãos da Europa e do Brasil. Por isso, fazemos pequenos projetos; mas, precisamos de técnicos para ajudar-nos...” (Iauaretê, 15.8.1978).

“... Durante a viagem, ouvi as Irmãs colombianas dizer que foi eleito um novo Papa, um veneziano. O povo da aldeia queria saber como se elege um Papa e porquê seu predecessor era VI e o atual I.

À noite, com o novo gerador de corrente elétrica (um Honda de 300 velas), projetei um filme de Laura Vecunha. No dia seguinte, ouvi as confissões e celebrei a Missa. E parti novamente para outra aldeia.

Em certos lugares do itinerário, a água chegava até à cintura. Na aldeia São Paulo, colocaram uma serpente em cima do teto de palha para comer os morcegos. Quase que ela caiu sobre o altar, durante a celebração!

Na aldeia Pato, encontrei muito entusiasmo, por parte de todos, pela construção do botequim comunitário, como o de Santa Maria, do outro lado do rio, que já funcionava. O povo tem grande sede de progresso, mas existem tantas dificuldades!

Uma aldeia me pede para matar um touro que está estragando a cerca; outra me pede arame farpado para uma maior segurança; outra ainda, pede para mudar o tipo de plantação; outra, enfim, me apresenta um projeto para deslocar a aldeia. Uns me mostram a Capela que está sendo construída; outros me dizem de mudar o professor, que quis se aproveitar de uma aluna... Devo preocupar-me com tudo e, quando volto para casa, estou morto de cansado.

Na Colômbia, existe uma onda de revolta contra os religiosos e as freiras. Parece que a campanha contra as freiras seja partida dos próprios voluntários de uma missão vizinha, que certamente fizeram a cabeça de alguns índios...

O Ministro do Interior do Brasil deverá vir visitar-nos, mas eu ainda estarei de viagem... Recebi a notícia de que os "milaneses" vão se transferir para Chiampo e que Sira terá um irmãozinho. Que maravilha!..." (Iauaretê, 15.9.1978).

"... Recebi notícias de vocês, em que me falam do Papa vêneto, que seu coração cedeu e faleceu. Li alguns de seus discursos: ele falava de modo bastante simples, para poder ser entendido. É um sinal! O Senhor o deixou pouco tempo entre nós, mas ele nos indicou um caminho de genuinidade e simplicidade... Hoje, me deu vontade de escrever em vêneto, mas não me lembro mais..."

Organizei oito cursos para duas ou três aldeias, uma de cada vez. Estava sozinho, em companhia de um rapaz que preparava a comida. Foi muito legal, porque sempre comíamos juntos com a gente: eu colocava a minha sopa à disposição deles e eles o peixe que preparavam. Até joguei bola, não obstante o médico me tivesse proibido; arrisquei quando cai, mas fiz apenas alguns arranhões na perna. Porém, tomei logo remédio e tudo deu certo.

A serraria já está funcionando. Espero que sirva para o progresso do povo. A Cooperativa, ao invés, está encontrando dificuldades no âmbito da contabilidade. Espero deixar, aos poucos, a parte material e organizacional, para dedicarme mais à catequese. Quando faço assim, o Senhor me ajuda muito...” (Iauaretê, 07.10.1978).

“Querida mamãe, ontem foi seu aniversário! Espero que a senhora esteja bem e que possa permanecer ainda muitos anos entre nós. Penso continuamente na senhora e rezo pela sua pessoa. Quando penso na senhora, sinto-me mais incentivado e encorajado. Até agora, fui bom só pela metade, mas, daqui para a frente, quero estar mais disponível a fazer o bem, a ter mais fé e oração. Sinto vergonha de estar tão longe do ideal sacerdotal e, o que é pior ainda, é que estou me acostumando à idéia de não conseguir alcançá-lo mais. Quando penso no papai que rezava e na senhora que sempre foi calma e decidida, então encontro forças para prosseguir. O sacerdote que entrega a sua vida ao Senhor, não pode, depois, medir a sua doação. Quando sou um pouco generoso, parece que eu fiz tanto! A senhora preencheu a vida de papai e a nossa, oferecendo-se sem parar, dia e noite. Quando papai nos deixou, a senhora se sentiu mal, porque não podia mais contar em casa com alguém a quem entregar-se totalmente. Obrigado, mamãe! A senhora é um lindo evangelho, um maravilhoso exemplo! Acho que o meu sacerdócio é um prêmio pela sua doação e fé. Por isso, devo vivê-lo bem. Quando penso na senhora, parece-me ressurre-

gir. Continue a ajudar-me com suas cartas, para que eu não ame pela metade. Temos apenas uma vida e devemos dedicá-la totalmente ao Senhor.

Neste mês, recordamos, de modo particular, as almas do Purgatório: elas amaram pouco ou misturaram o amor com o egoísmo. Tenho muita devoção a elas, porque sou igual a elas: não sou perfeito em nada e, no fim da vida, ainda faltará muito a fazer. Espero que as almas que estou ajudando se recordem de mim. Estou lendo alguns comentários sobre o Evangelho. Acho que eu e todos nós da família temos muita estrada a percorrer, em vista dos valores espirituais. Ainda damos valor às pessoas, pelos bens materiais que possuem, não pelas promessas que fazem ao Senhor. Espero poder dedicar-me somente às almas...” (Iauaretê, 08.11.1978).

“... Aproveitei a ocasião para arrumar um dente que me doía muito. Ontem, comemoramos Dom Bosco, mas Padre Miguel se lamentou por tê-lo deixado sozinho. Somos muitos a sofrer de solidão. As atividades são tantas, que até corro o risco de descuidar dos Salesianos. Nós nos reduzimos em correr atrás das várias incumbências.. Assim, o trabalho aumenta, somos sempre os mesmos e cada vez mais esgotados.

Deverei ir visitar sozinho as aldeias e não sei como diminuir o trabalho de Padre Miguel. Em vinte dias, devo mandar construir uma casa para dois voluntários, que virão dar-nos uma mão. Vicente, o agrônomo, não conseguiu obter o visto de entrada e deverá ir para a Guatemala ajudar os Salesianos de lá. Ele estava preparando um grande plano de plantação de cacau. Paciência! Rogarei a Nossa Senhora para que faça alguma coisa neste sentido.

Nossos Bispos estão reunidos em Puebla e estamos rezando ao Espírito Santo para que nos indique o caminho justo. Na América do Sul são muitos problemas: injustiças, violências, pobreza, ditaduras, maçonaria, espiritismo, seitas. A Igreja católica é a única organização que não se deixa intimidar pelos grandes, pelos prepotentes; não se deixa corrom-

per, nem cair em erros, nem tampouco aspira à popularidade. No entanto, não pode pregar um Cristo abstrato, mas um Cristo que luta para construir uma sociedade que seja o Reino de Deus, a liberdade, a justiça, o respeito pelos pobres. Se não houver amor e justiça, não poderá existir Deus, Cristo, Igreja... A tarefa dos Bispos é muito grande... O tio, D. Pio Baldisserotto, que trabalhou tanto no México, terá exultado no céu, ao saber que o Papa irá visitar sua terra de missão...

Mamãe, sinto tanto a falta dos perus que a senhora cozinhava para mim em Montagnana. Mas, não fico triste, pois comerei melhores ainda lá no céu! Reze por mim, mamãe, ofereça a Deus a sua solidão e procure imitar as franciscanas de onde a senhora vai à Missa. São Francisco de Assis passava as noites, dizendo: “Meu Senhor, meu tudo!” Faça também o mesmo...

Depois da companhia dos sobrinhos Valentino e Carmela, agora é a vez de uma professora, que tem quase a minha idade, que poderia ser sua filha...” (São Gabriel, 01.02.1979).

“... Tive que escrever para diversos organismos para pedir ajudas financeiras. Os índios do interior são 60 a mais que o ano passado, perfazendo um total de 268, e a comida custa! Estou preocupado pelos Macus, que precisam de assistência, sobretudo agora que estão freqüentando a Igreja. Eles recebem o Batismo, um pouco de cada vez, mas posso visitá-los apenas a cada três ou quatro meses. E o que vocês estão fazendo para ajudar os que sofrem? Estão sacrificando alguma coisa?...

Já são seis anos que não vou à Itália. Os parentes reclamam, mas não posso. A messe é grande e os operários são poucos; enfim, gastar tanto dinheiro vai contra a pobreza. Espero poder ir daqui a dois anos, quando terminar meu mandato” (Iauaretê, 02.10.1979):

“Beijos, minha querida mamãe. Encontro-me na aldeia dos Macus, em Sierra dos Porcos, onde aguardo o helicópte-

ro que deveria vir apanhar-me. Se não chegar amanhã, voltarei a pé. Os Macus são muito pobres, sujos, adoentados, sem alimentação estável, mas sempre alegres. Trabalho com as comunidades indígenas há muitos anos, mas fico cada vez mais impressionado com seu subdesenvolvimento. E, o pior de todos, é o intelectual, pois não sentem a necessidade e não sabem como melhorar.

Enquanto lhe escrevo, eles estão gritando e chorando, porque Ernando morreu, com apenas um ano e meio. Toda a aldeia está triste, até os jovens e os anciãos estão chorando. Visitei o menino, dois dias atrás. Era um menino bonito. Sua mãe lhe dava leite com a colher e ele bebia sujando toda a barriguinha. Sua avó estava toda orgulhosa e me dizia que ela o havia amamentado, porque sua mãe não tinha leite. A criança passava de uma mão à outra: tias, tios, avós e bisavós, todos se deleitavam em mimá-lo. Agora, todos estão desesperados. Ele morreu devido a um ataque de disenteria com vermes. Trouxeram-no a mim, às 9 horas da manhã, para que eu o curasse. Trazia comigo um pouco de remédios contra vômito, contra diarreia e gotas antiespasmódicas. Ele se contorcia de dor. Os vermes se mexiam em sua barriguinha e ele mal respirava. Batizei-o e, dez minutos depois, faleceu. Dois dias atrás, aconteceu a mesma coisa com Jorge, um menino da mesma idade. Outras duas crianças morreram, semana passada, numa aldeia vizinha. Abateu-se uma epidemia sobre toda a paróquia.

Precisamos de tantos remédios e de alguém que saiba administrá-los. O depósito da Missão está quase vazio. Quando vim aqui, trouxe um enfermeiro da FUNAI. Mas, enquanto estava noutra aldeia, ele voltou, levando consigo as seringas. Assim, quando uma víbora picou uma menina, eu dispunha apenas do contraveneno e sem seringa para dar-lhe injeção. Fiz o que pude, dando-lhe toda a dose por via oral. Graças a Deus, a víbora tinha pouco veneno!

Temos um plano de assistência para esta aldeia: escavar

um poço, construir 26 casas de madeira, elevadas do solo e com teto de alumínio; ensinar as mulheres à higiene e a lavar a louça. Contudo, para realizar este mínimo de coisas é preciso dinheiro. E não dispondo de dinheiro, faço como Dom Bosco: peço! Vocês, na Europa, estão em paz com Deus e com a consciência por qualquer ofertinha que fazem, mas, aqui no Terceiro Mundo, a gente vive em situações desumanas. Todos deveriam trabalhar para viver e deixar boa parte da própria renda aos pobres. Ao invés, existe certo exibicionismo pelo que se tem, certa competição em possuir mais que o outros, para não ser inferior. Pobre amor!

Em Iauaretê, mantemos um internato de 269 alunos, acompanhamos 31 escolas nas aldeias, preocupamo-nos com o desenvolvimento de 3.800 índios e recebemos do Governo uma subvenção inferior ao salário de um alto funcionário. A cada ano que passa, são tantas as coisas para fazer. Os Salesianos são poucos e todos se apóiam em mim. Quando estou em missão, eles protestam, exceto Guilherme, porque não conseguem manter uma vida de trabalho duro e ininterrupto. Não sei como aliviá-los, devido aos meus muitos compromissos. Na noite passada, fui dormir às duas da madrugada, para terminar um relatório, sobre as Cooperativas indígenas, que deveria ser entregue ao Governo. No dia seguinte, estava prevista a visita de um General.

Como sacerdote, porém, deveria dedicar-me à oração, à catequese, às visitas às famílias. Coitado de mim! Faço o que posso, mas não posso deixar de lado a oração. Ela é a minha força, a minha missão. O Senhor é o meu Amor.

Não há livros de catequese, neste ambiente, por isso, devo fazê-la por conta própria. Os Macus, de modo particular, estão em níveis diferentes de cultura. Como saber quando estão em condições de receber o Batismo? Seria suficiente a opinião do catequista? E como celebrar a liturgia na língua deles se eu não sei? Aqui, tudo é tão complicado! Daqui a dois anos deixarei o meu lugar. Não sei se ficarei com sau-

dades. Uma coisa é certa: este foi o lugar onde dei o máximo de mim mesmo.. Outros virão continuar este trabalho, mas, como sempre, vão fazer de modo diferente...” (Iauaretê, 14.02.1979).

“Querida mamãe. Voltei da missão a pé, porque o helicóptero não veio apanhar-me. Fiz seis horas de marcha e duas de canoa. Minha maior preocupação eram os Macus: havia gente com câncer que devia ser levado para a Missão. Minha querida mamãe, reze por mim. Eis porque não voltarei tão cedo para visitá-la. Ofereça seus sacrifícios pelas Missões...” (Iauaretê, 16.02.1979).

“Minha querida mamãe. Escrevo-lhe de uma pequena aldeia, chamada Santa Cruz. São dez horas da noite e todos já estão dormindo. Passei 20 dias viajando pelo rio Papuri. Daqui a cinco dias voltarei. Quis visitar até mesmo os lugares onde havia apenas uma choupana. Encontrei tantos doentes e estou sem remédios. Eu também estou com disenteria, mas estou me curando com limão. Hoje, caminhei três horas e meia com a barriga que roncava. Batizei também um menino “*in extremis*” e o chamei Miguel. É o primeiro cristão desta aldeia, o anjo protetor que ajudará seus parentes à conversão. Faleceu à meia-noite. Sei que sou instrumento de Deus e, como instrumento, tem mais valor quando vive na presença do Senhor. Por isso, rezo o máximo possível. Nas marchas e na canoa, rezo sempre. Lembro-me de papai, que rezava continuamente, e procuro imitá-lo. Estou meditando sobre o Sacerdócio: é uma vocação tão nobre que quase dá medo. Procuro estar sempre pronto para fazer a vontade do Senhor...” (Santa Cruz, 22.3.1979).

“... Voltei hoje da aldeia. Aproveito o silêncio da noite para ouvir a fita, com a voz de todos os irmãos, sobrinhos, cunhados, entre as quais a sua também, mamãe. A senhora falou só um pouco: noto que não se sente bem mesmo dian-

te de um microfone! A pequena Sira fala um italiano claríssimo; parece-me ver Pierangelo e Gabriela; a voz dos irmãos é a mesma, mas as dos sobrinhos mudaram. Se André e Francesca não tivessem se apresentado, nem teria percebido. Fiquei contente, mas não sei quando encontrarei tempo para agradecer a todos. Durante a próxima viagem ao Alto Rio Uaupés, escreverei várias cartas. Será maravilhoso rever vocês todos daqui a dois anos!

Envio saudações aos dois sapequinhas que estão com a senhora: Mário e Fábio.

Tchau, mamãe. Que o Senhor a abençoe. O seu, Antônio” (Iauaretê, 26.3.1979).

Padre Antônio Scolaro faleceu durante a viagem que havia anunciado, no dia 1 de abril de 1979. Aquele rio, cheio de cascatas, teve a sua vítima, mas um rio de água viva ainda brota da sua vida! Poucos dias antes de morrer, ele escreveu uma carta a uma noviça:

“Querida Maria:

Deus a abençoe! Estou visitando o Rio Papuri. Encontro-me na Missão colombiana de Terezita. Amanhã é dia de São Guise, data em que comemoraremos o 25º aniversário de Profissão de uma freira colombiana. Na minha Missão, não encontrei tempo para escrever-lhe. Por isso, o faço agora.

Fiquei muito feliz em saber que você teve a graça de entrar no Noviciado. Saiba que consagrar-se significa sofrer, morrer para si mesmo, para ser como o Esposo. O Amigo Divino quer transformar você. Porém, isso só será possível na medida em que você for disponível e generosa. Quanto ao seu “eu”, ele morrerá e Jesus reinará em sua vida.

Quando errar, não procure desculpar-se; se alguém lhe acusar, não procure defender-se. Fique calada, aceite e ofereça tudo a Jesus. Procure fazer com que a Sua vontade ocupe sempre o primeiro lugar.

Como você passou os primeiros meses? Está contente? Como está a sua mãe professora? Você está sendo aberta e sincera? Você lhe quer bem? Rezo sempre por você.

Eu também sinto, cada vez mais, a necessidade de viver plenamente a minha vida. Preciso sacrificar-me mais. Somente Cristo deve preencher a minha existência. Quero rezar mais, viver amando-O; pretendo não negar-Lhe nada. Durante a Missa, Ele me pede para doar-me ao Pai com Ele, ser vítima com Ele pelos pecadores. E eu lhe respondo "sim": estou pronto para sofrer tudo com Ele pelo bem das almas.

Você sabe que a nossa vontade é inconstante. Reze por mim. Nós vamos ao encontro do Esposo Divino. A santidade nos aguarda. No final de abril, estarei em Manaus e espero revê-la. O desafio continua. Não quero ser derrotado. Coragem, sempre! Procure passar pela Sexta-feira Santa, se quiser encontrar a Páscoa.

A minha bênção.

Padre Antônio

Terezita, 18.3.1979.

Iauaretê, 05.8.1975

Rev. Irmã Maria:

Minhas felicitações!

Este é seu grande dia! Uno-me à senhora, num canto de ação de graças ao Senhor, que também é o Esposo Divino da sua alma e da sua vida.

Sei que, em momentos de tanta emoção, a gente gostaria de ter ao nosso lado amigos e parentes, para compartilhar com eles as alegrias e as esperanças. Em Manaus, as superiores e as companheiras amadas dão-lhe a oportunidade de "repartir"; daqui a poucos dias, chegarão seus familiares para completar sua alegria; mas, também nós, que a consideramos como irmã e sempre presente em nosso trabalho missionário, participamos espiritualmente de seus sentimentos e de sua alegria. Hoje, todos nós nos sentimos melhores; parece reviver as alegrias e renovar o espírito de doação da nossa Profissão. Obrigado por tudo.

Somente nós consagrados podemos compreender um pouco a graça que o Senhor lhe concede com a sua consagração. A senhora é um sinal do amor de Deus no mundo. Se Ele, entre os homens deste mundo, escolheu Maria Badini, é evidente que ama a humanidade. A senhora pertence à humanidade, da qual foi tirada e separada, para indicar que toda a humanidade pertence a Deus, ama a Deus, encontra em Deus a sua finalidade última. Maria Badini, por seu intermédio, agora é o coração da humanidade que ama; é a esperança de todo o povo que anseia pela Verdade, pelo Amor supremo. A senhora também é um pequeno instrumento que Jesus escolheu, por amor ao mundo. Sua vida não é mais sua, mas é doada e sublimada: doravante, a senhora aumentará seu afeto e sua fé; sua união a Deus, pelo bem da humanidade, pelos pecadores... e também aumentará, sempre mais, a sua doação pelos irmãos, em nome Deus e por Deus.

A missão é muito linda e nobre. Não se espante: Jesus, seu Esposo Celeste, e Nossa Senhora, sua Mãe, fazem tudo. Deve apenas deixar-se guiar. Todo o segredo consiste na DOCILIDADE. Procure não estabelecer nenhuma meta ou realização terrena, nem mesmo de apostolado. Que sua meta seja a de ser instrumento dócil. A nossa docilidade termina quando conservarmos o espírito de autodefesa. Dizemos “não”, quando temos medo de não conseguir, quando temos medo de não agradar etc... A consagração deixará de ser total, mas será parcial... começa a insatisfação... somos pessoas pela metade. Gostaria tanto que a senhora fosse feliz! Por isso, diga sempre “sim” ao Senhor!

Nestes dias, pude reler as palavras que o nosso Esposo Divino disse a Santa Margarida Maria Alacoque: “É o seu povo consagrado que fere diretamente o seu Coração!” Jesus espera de nós um amor puro, total. A senhora, Maria, tem apenas um Esposo: seja somente dele. Este seu Esposo está oculto por tantas coisas humanas... devemos ir além de todas elas para encontrá-lo e para permanecer com ele. A nossa sensibilidade, a nossa sede natural de afeto humano, a fantasia que nos faz fugir... são riquezas e obstáculos: riquezas, se forem doadas; obstáculos, se procuradas. A senhora recebeu um lugar novo no Corpo Místico: foi colocada no Coração de Jesus. Então, deve ser mestra no Amor. É chamada ao Amor espiritual, que ultrapassa as aparências, que não tem limites. Viva em espírito de contínua purificação e prospere no amor. Sua meta deve ser a Mística; o amor de UNIÃO com Jesus. Foi por isso que o Senhor a escolheu; se conseguir atingir este ideal, poderá salvar muitos irmãos perdidos.

Peço-lhe desculpas se eu lhe for de escândalo com a minha vida de sacerdote pela metade; se não fui capaz de superar as barreiras que ocultam o Esposo Divino... Procure olhar só para Jesus; corra atrás dele.

Ajude-me com suas orações e preencha, com seu amor,

as decepções que o Senhor recebe de seu sacerdote.

Ao elevar Jesus, na Missa, para a glória do Pai, recordar-me-ei que também estou elevando aquela que vive em seu Coração e lhe pedirei para divinizá-la sempre mais.

Respeitosamente.

Padre Antônio Scolaro

TESTEMUNHOS

IRMÃ MARIA BADINI

(escreve, no mesmo dia, a Pierangelo e Gabriela)

“... Com o coração ainda apertado de tristeza, continuo a esforçar-me, pensando aceitar a vontade de Deus. É somente esta e nenhuma outra a razão da morte de Padre Antônio. O Senhor o havia preparado com uma maturidade espiritual esplêndida.

Sábado, 31 de março, durante os últimos preparativos para a viagem, ele apareceu em todos os lugares da casa brincando e alegre. Com ele partiam dois marinheiros e uma enfermeira, Paula Freitas. Carregamos tudo no caminhão, que os levaria até o porto Dom Bosco. Ele, já sentado no caminhão, pronto para partir, continuava a brincar e a fazer pegadas, como: “Quem adivinha quantos são os pés de coco”? Eu estava encantada ao vê-lo daquele jeito. Se tivesse uma máquina fotográfica teria sido maravilhoso, tamanha era a sua alegria. Viajaram o dia inteiro. Depois, na aldeia Arara, celebrou Missa solene. Era domingo da Paixão. Enfim, tocaram para Caruru, estudando bem a passagem pela cascata. Na aldeia Matapi, tinham que enfrentar a cascata mais difícil. Eram 17 horas. A correnteza era forte e a barca não tinha força suficiente. Padre Antônio pegou o remo para dar mais força, mas uma nova onda entrou na barca e a arrastou outra vez para a correnteza. A barca virou. Os dois homens se agarraram nela, a moça passou pela cascata por milagre e foi ajudada por um índio. Mas, Padre Antônio desapareceu. Começaram logo a procurá-lo. Um rapaz correu

até à Missão, durante toda a noite, para dar-nos a notícia. Pensamos que todos tinham morrido. O helicóptero do Inspetor foi imediatamente ao lugar e, por dois dias consecutivos, vasculhou a região.

Hoje, 4 de abril, veio o General Protásio, mordendo os lábios para não chorar; a Diretora voltou às pressas do retiro; Padre Miguel e Padre José Dalla Valle ficaram transtornados. Todos nós perdemos nosso pai, irmão, amigo!

Nestes dias terríveis, em que a gente luta para aceitar a vontade de Deus, ficou claramente na minha mente que Deus o aguardava, porque ele estava pronto. Se pensarmos o que ele fez em quatro anos em Iauaretê é de ficar boquiaberto. Ele parecia lutar contra o tempo, como se tivesse um pressentimento. Trabalhava dia e noite, nas viagens e em casa, com grande capacidade organizativa, com clareza de idéias, com um coração pastoral que atingia todos e tudo.

Não, não tenho vergonha de dizer que era o missionário mais completo do Rio Negro, um *"alter Christus"*: tudo e todos giravam em torno dele; dele partiam as decisões, os impulsos, os conselhos, as aprovações, as idéias. Os casos mais difíceis ficavam para ele solucionar... Não saberia dizer quantos toques de graça e quantas situações ele conseguiu resolver, proporcionando paz e serenidade!

Deus lhe havia concedido uma grande quantidade de talentos e ele os empregou todos com generosidade. Pena que tenha permanecido pouco tempo entre nós. Não obstante, queremos dizer ao Senhor: "Não vos perguntamos por que o tirastes, mas vos agradecemos porque no-lo destes!"

Nesta noite, participamos todos juntos da Santa Missa em suas intenções. Amanhã, continuarão a procurar seu corpo, que talvez tenha ficado enroscado entre as rochas da cascata. Ele queria voltar para a Santa Páscoa, mas foi passá-la no Céu..." (Iauaretê, 03.4.1979).

PADRE ALCIONILIO B.ALVES DA SILVA

(trecho de uma carta enviada à mãe do missionário, Padre Antônio, em 3 de abril de 1979)

“... Sou um sacerdote idoso de São Paulo, no sul do Brasil. Depois de 10 anos de ausência, por motivo de estudos, regressei àquelas aldeias, que havia conhecido de 1947. Quando cheguei de avião a Pari Cachoeira, em maio de 1968, um jovem Salesiano de batina branca, como se usava na época, veio ao meu encontro, cordialmente, e beijou-me a mão. Pensei que fosse um dos clérigos, mas, depois, soube que era o Diretor da Missão. Experimentei, por meses, a sua boa hospitalidade e atenção, até dezembro, quando tive que retirar-me por questão de saúde. Assim, tive a oportunidade de conhecer bem o querido confrade, Padre Antônio. Todas as vezes que passava por aqui, me visitava neste hospital onde me encontro. A impressão que tive dele foi a de um sacerdote fervoroso, grande trabalhador, simples nas relações humanas com os Salesianos e com as comunidades indígenas. Somente o Senhor poderá avaliar os sacrifícios que o Padre Antônio fez.

Gostaria de recordar um episódio, que aconteceu em 1968, logo depois da minha chegada. Padre Antônio foi chamado para socorrer um doente muito grave no meio da floresta. Não havia estradas para passar com o caminhão da Missão, mas apenas veredas. Padre Antônio também levava remédios consigo. Ao chegar no lugar, ele achou melhor levar o doente para o hospital. A solução melhor teria sido fazer uma maca e pedir aos parentes para transportá-lo até à Missão. Mas, Padre Antônio pegou-o nos braços e voltou depois de dois dias de caminhada. Conclusão: ambos foram internados com urgência no hospital. Padre Antônio estava completamente acabado: tinha febre alta e delirava...” (Taraquá, 03.4.1979).

PADRE MICHAEL SCOTT

(descrição de suas memórias em São Gabriel)

“...Trabalhei com Padre Antônio, desde janeiro de 1976 até à sua morte. Eu o conhecia bem; éramos amigos e tínhamos a mesma idade, com apenas poucos dias de diferença. Antônio era um homem bom, alegre, capaz de fazer amizade com todos. Era um bom religioso, pontual em seus deveres comunitários: meditação, leitura espiritual, confissão regular, retiros. Era muito justo com os Salesianos, mas não gostava dos que falavam mal da comunidade ou semeavam mau humor entre o povo. Eu o vi somente uma vez reclamar com um Salesiano, que tomou a liberdade de criticar a comunidade.

Antônio era um homem de projetos, tanto que até me envolveu em muitos deles. Eu também tive que escrever a Organizações e Entidades para conseguir fundos (Santa Infância, “Piccolo Cammino”, Misereor, Adveniat, Gorte...). Ele destinava as bolachas e o leite em pó para as crianças das escolas rurais. Certo dia, deu gasolina e um motor grátis a um homem, para que ele fizesse o favor de levar bolachas e leite às crianças de uma aldeia. E o homem ainda respondeu: “Quando o senhor me paga para fazer este trabalho?”

Raramente Padre Antônio usava sapatos. Andava sempre de chinelos havaiana, até quando rezava Missa. Aprendeu as línguas Nenhengatu, Geral, Tucano e estava estudando o Macu. Durante a Missa inventava orações na língua local. Nem todos concordavam com isso. Se não fosse por obediência ao Bispo, ele teria celebrado toda a Missa em Tucano, até os cantos.

Era um homem de oração: rezava o terço, todas as noites, diante do altar de Nossa Senhora. Eu o vi acompanhar, diante daquele altar, até noivos e esposos.

Era um homem que sabia organizar as coisas: fazia reuniões regulares e cursos para catequistas, para chefes de aldeia.

Jamais vou me esquecer do dia em que partiu, a última vez que o vi. Ele me disse: “Pegue as chaves, pois vou voltar só daqui a 10 dias. Estou partindo para uma viagem ao Alto Rio Uaupés, para preparar o povo à Páscoa”. Era um sábado. Passou o domingo e, na segunda-feira, de manhã, quando estava acabando de tomar café, chegaram duas pessoas, que remaram a noite inteira, gritando: “Padre Antônio morreu na cascata”! O General Protásio, que estava presente na Missão, partiu imediatamente para lá de helicóptero. À noite, retornou com Júlio e Paula, chorando e desesperados, trazendo de volta o motor da barca. Antônio tinha desaparecido e ninguém conseguia encontrá-lo. Foram dias de grande dor para todos. Eu tive que me encarregar da direção da Missão. O Inspetor salesiano ficou toda a Semana Santa conosco. O corpo de Antônio foi encontrado somente depois de nove dias. Quanto mistério com a sua morte: éramos poucos e velhos como missionários, mas o Senhor levou o mais jovem e saudável. Que mistério! Só Deus sabe...” (São Gabriel, 25.8.1997).

PADRE CARLOS GALLI

(narração oral transmitida a tantas pessoas)

“Estava no meu quarto, em Maturacá, rezando o breviário, quando tive uma visão: vi, diante de mim, o Rio Uaupés, do lado de Matapi. Vi na água uma espécie de grande pedra e, depois, o corpo de um homem. Isso me aconteceu três vezes. Peguei o rádio e entrei em contato com o Padre Scott, em Iauaretê, dizendo-lhe que o corpo de Padre Antônio se encontrava no lugar onde as águas quase param, perto de Matapi”. Foram procurá-lo ali e o acharam!

MARINO

(narração de um aluno da Missão)

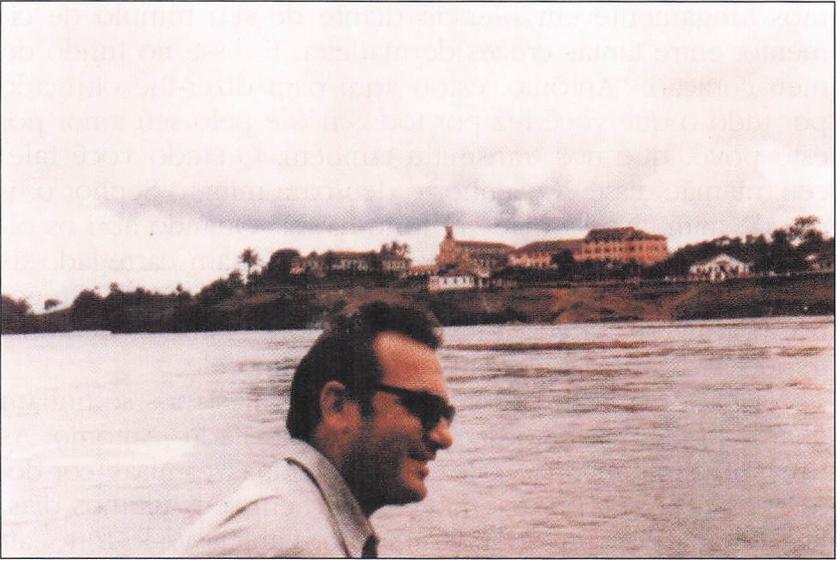
“Por volta das 17:30, no domingo, 1 de abril, entrei na sacristia para pegar uma coisa. O gerador de corrente elétrica funcionava na sede da Missão e na igreja. Ao sair da sacristia, passei diante do altar de Nossa Senhora. Fiquei surpreso ao ver Padre Antônio ajoelhado diante dela, como sempre fazia. Estava vestido com a roupa de viagem. Então lhe disse: “Padre, já voltou?” Não recebendo nenhuma resposta, senti um medo estranho e saí correndo da igreja”.

GIOVANNA SCOLARO E NANDO

(um ano depois, fizeram uma viagem ao lugar onde havia acontecido o incidente)

“Um ano depois da morte de meu irmão, senti a necessidade de visitar seu túmulo no cemitério de Iauaretê, onde descansavam seus restos mortais. Comigo foram também meu marido, Nando, meu irmão mais jovem, Gregório, e duas amigas, Luciana e Ana Maria. Somente por uma mera coincidência e com a ajuda das Irmãs foi possível realizar a viagem de Manaus até à floresta. Irmã Elza Ramos foi gentil em acompanhar-nos. Depois de horas de viagem pela floresta, pelos rios que pareciam estradas, chegamos a Iauaretê. Tudo parecia tão bonito: a majestosa igreja de madeira, os pátios dos dois Colégios, mas o que mais me impressionou foi o rio Uaupés, com sua água escura e ameaçadora.

Irmã Maria Badini, junto com os Salesianos, recebeu-nos e nos acomodou. O momento mais duro foi subir ao alto da colina do cemitério. Colhemos as flores mais lindas no jardim do pátio para fazer festa ao Padre Antônio. Permanece-



Missão de Iauaretê e túmulo de Padre Antônio



mos longamente em silêncio diante de seu túmulo de cimento, entre tantas cruzes de madeira. E disse no fundo do meu coração: “Antônio, estou aqui para dizer-lhe obrigado por tudo o que você fez por todos nós e pelo seu amor por este povo, que nos transmitiu também. Quando você faleceu, mamãe disse: ‘O Senhor o deu para mim, o Senhor o tirou de mim’. Nossa mãe era forte na fé!” Quando abri os olhos, notei que as formigas vermelhas tinham carregado as flores. Passando pelo meio da aldeia, a gente tocava Gregório, porque se parecia muito com Padre Antônio, demonstrando a vivíssima recordação que tinham dele.

Na parte da tarde, perguntamos aos Salesianos se tinham guardado alguma recordação pessoal do Padre Antônio. As Irmãs mostraram duas calças claras e duas camisas cor-de-rosa e azul clara, que ele havia usado em seus últimos dias. Fui tomada por uma grande emoção. Parecia vê-lo forte, alto e bonito. Então, pedi às Irmãs para conservarem aquelas roupas no baú. Levamos conosco apenas seu cálice, a estola e uma alva, porque, em outubro, nosso filho, Paulo, se tornaria Padre.

Depois fomos visitar as aldeias. As pessoas fizeram festa para nós e nos ofereciam bananas e mandiocas. O motorista, que havia acompanhado Antônio na sua última viagem, veio cumprimentar-nos, ainda com sofrimento, e nos disse: “Eu obedeci Padre Antônio, mas sabia que aquele lugar era perigoso”. Demonstramos muita cordialidade com ele. Vimos a casa da Cooperativa e participamos da bênção da primeira pedra da nova serraria.

Os dias voaram, mas Guilherme havia reservado nossos lugares no avião militar para Manaus”.

PADRE NORBERTO
(missionário Salesiano do Rio Negro)

“Se não me engano, Padre Antônio Scolaro foi visitar seus parentes na Itália em 1973 e eu fiquei como seu substituto na Missão de Pari Cachoeira. Antes de partir, porém, deu-me um conselho: devia aprender, todos os dias, três palavras em Tucano e, no final, eu teria aprendido a língua deles. Padre Antônio tinha realmente o dom das línguas. O povo dizia que nenhum missionário falava bem como ele. Uma de suas maiores preocupações era formar catequistas. Todas as noites, depois da janta, reunia, por meia hora, os jovens mais adultos da 8ª série e lhes traduzia a Bíblia em Tucano. “Desta maneira - dizia - eles aprendem o português e se tornam bons catequistas e eu aprendo o Tucano”.

Ele tinha uma predileção toda especial pelos enfermos e um grande espírito de sacrifício, tanto é verdade que, às vezes, passava toda a noite ao lado da cabeceira deles. Ficou famoso o fato de ele ter carregado um doente nas costas por dois dias consecutivos.

IRMÃ TEREZINHA RIBEIRO DE ARAÚJO
(missionária do Rio Negro, por tantos anos)

“Eu era Diretora em Pari Cachoeira e posso dizer que ele teve certas decepções em sua estrada. Muitas vezes, Padre Antônio voltava antes do previsto de suas viagens, desconsolado, porque notava que os esforços que fazia pelo povo, às vezes, eram inúteis. Ficava decepcionado, mas não queria que ninguém falasse mal daquele povo. Apenas aceitava a realidade como tal.

De fato, a última viagem que fez ao Alto Rio Uaupés, ter-

minou assim: “Chegou à aldeia Caruru. Todos estavam bêbados, por terem bebido caxiri durante a festa. Padre Antônio não queria passar a noite ali, para não ver aquelas cenas, e quis continuar. Já estava escurecendo. E, para quem conhecia aquele trajeto, sabia quanto era perigoso. Geralmente descia pelas cascatas e percorria seu itinerário pela floresta. Infelizmente, ninguém na aldeia tinha condições de acompanhá-lo. Então, levou consigo o motorista e Paula, uma enfermeira Tucana, e ele mesmo se pôs a remar. Sabemos muito bem como tudo acabou. Não era a primeira vez que corria riscos deste jeito. De volta do Rio Tiquié, em 1972, a canoa foi parar dentro da cascata e Padre Antônio se salvou agarrando-se num barril de gasolina semi-vazio que boiava, esperando ajuda. Por sorte, um pescador o viu (acho que foi mandado por Nossa Senhora), foi ao seu encontro e o puxou para a margem”.

Ele tinha uma generosidade quase exagerada para com os indígenas, a ponto de se descuidar de si mesmo. Tocava e cantava bem. Quando as pessoas o viam com o violão à mão, seus rostos se iluminavam.

Por ocasião da festa da Diretora, pegou o violão e sentou-se entre as Irmãs, no pórtico do Colégio, e cantou em italiano. Ele tratava a Superiora como sua mãe. Todos nós nos sentíamos como uma família unida. Os cantos que compunha em Tucano eram autênticas catequeses.

Padre Antônio era também um grande organizador. Em Pari Cachoeira, formou uma Cooperativa comunitária, na qual ele mesmo dava lições de contabilidade. Seus membros construíram uma barca e iam fazer comércio em São Gabriel, com os próprios produtos, em troca de sal, fósforo, sabão. Assim, eles se tornavam autônomos entre os comerciantes e na Missão. A Cooperativa era registrada legalmente. Em Iauaretê foi feito o mesmo. O maior problema ali eram as cascatas. Então, pensou em deixar uma canoa na parte baixa e outra na parte de cima da cascata. O motor era

transportado de uma para a outra. Enquanto Padre Antônio vivia, tudo funcionava bem, não obstante as suas decepções. Mas, com o passar do tempo, os índios começaram a transgredir os estatutos e os acordos e a transportar bebidas alcoólicas, levando as Cooperativas à completa decadência. O vício, a soberba e a autonomia dos Padres da Missão os levou a arruinar um trabalho que demorou anos.

Fiz minha Profissão em 1956 e transcorri cinco anos nas aldeias, auxiliando Padre Antônio. Sou testemunha da sua fé e do seu valor. Ele me chamava mana e, na verdade, as Irmãs gostavam muito dele.

De 1970 a 1971, fui encarregada das jovens internas do Colégio. Não conhecendo bem a realidade de vida, sempre quis impor a minha linha educacional. Durante as férias escolares, como profundo observador, Padre Antônio convidou-me a acompanhá-lo pelas aldeias, onde as jovens do internato se encontravam de férias. Chamou-me de um lado e disse-me: “Irmã Terezinha, olhe bem onde moram essas filhinhas, das quais a senhora exige tanto na Missão!” Então, entendi a lição e procurei agir com moderação.

Em 1972, fui nomeada Diretora do Colégio. Como ele era atencioso! Juntamente com os alunos e alunas, preparou a minha tomada de posse e a despedida daquela que deixava o cargo. Ele dispensava a todos este tipo de atenção”.

MARCOS BALDISSEROTTO

(sobrinho de Padre Antônio, que, em 1984, fez uma viagem à Amazônia)

Os motivos, que o levaram a passar três meses no Brasil, foram vários: visitar os parentes no sul do país e fazer uma experiência missionária, para entender melhor sua vocação.

Por feliz coincidência, logo que chegou a Iauaretê, em-

barcou com um Salesiano, Padre Miguelito, para Serra dos Porcos, vivendo uma semana, em plena selva, nas aldeias dos Macus. Sua experiência foi um pouco chocante, porque não estava preparado para viver daquele jeito.

As impressões que teve, em geral, foram de uma grande complexidade em relação ao modo de agir dos vários missionários. Uns viviam na pobreza entre os índios; outros viviam na pobreza entre os favelados de Manaus.

Nas Missões, em plena selva amazônica, percebia-se quase que um contato direto com a Itália ou com algumas Organizações, que subvencionavam os projetos. As Missões do Rio Negro, na época, pareciam ilhas, como se não pertencessem ao Brasil, se não fosse pela língua portuguesa, porque, de fato, os índios tinham outro tipo de cultura, tanto para nós como para os brasileiros.

Pôde-se constatar, no entanto, que as Irmãs tinham um papel preponderante nas Missões: sem elas, dificilmente iriam para a frente. Era um pouco difícil entender a sua relação com o Governo, com a FUNAI, com a presença de militares no transporte aéreo.

Após cinco anos, ainda era viva a recordação de Padre Antônio. Mas, o que ele fazia, talvez, era ligado mais às suas forças físicas, à sua resistência e espiritualidade. Não era possível pretender que todos os missionários fossem como ele. Algumas iniciativas, sem ele, foram-se apagando aos poucos, sobretudo as Cooperativas das comunidades indígenas.

GIUSEPPE MÁRIO
(coadjutor Salesiano na Amazônia)

“... Ainda conservo comigo duas obras de Padre Antônio: uma material e outra espiritual. O livro da Bíblia, em portu-

guês, que me deu de presente em 1968; e o diário que eu escrevia na Missão de Pari Cachoeira, sob seus sábios conselhos, que, de vez em quando, ainda releio. Quando ele viajou para a Itália, a Missão ficou, por seu expresso desejo, sob a nossa responsabilidade de coadjutores. Isso demonstra a confiança que Padre Antônio tinha nos leigos Salesianos, que não são de segunda classe ou encarregados apenas de coisas materiais. Ele sentia orgulho de nós. De fato, dizia: “As mãos de vocês são as mesmas de Dom Bosco...” (Belém, 11.11.1998).

IRMÃ MARIA LUISA PANAROTTO

Que amável recordação!

Logo que soube da notícia de que iria como missionária ao Brasil, na Inspetoria de Manaus, resolvi escrever imediatamente à Inspetora, Irmã Madalena Mazzone. Depois de alguns dias, ela me respondeu nestes termos: “Estamos felizes de acolhê-la como missionária. Não sei se você sabe, mas temos um missionário, natural de sua região, o Vêneto, que se chama Padre Antônio Scolaro. Ele trabalha em nossas Missões entre os indígenas. Você terá a oportunidade de conhecê-lo”.

Cheguei a Manaus, em fins de 1966, porém, pude conhecer Padre Antônio somente no final de dezembro de 1967. Era um sacerdote tão entusiasmado pela sua Missão, que jamais queria voltar para a cidade.

Porém, por obediência, teve que trabalhar em Manaus, por volta do ano de 1974, se não erro. Quantos sacrifícios teve que fazer! Mas, notei que as Irmãs se deleitavam de suas palavras profundas e cheias de sabedoria.

Certo dia, falando de trabalho, dizia: “Aqui não é meu lugar. Devo voltar entre as minhas comunidades indígenas. Lá somos poucos e aqui demais”. E voltou apenas por pouco

tempo. Mas, o destino quis que permanecesse para sempre no coração dos rios e das florestas!

Estou imensamente feliz por tê-lo conhecido! (Belém, 07.12.1998).

PADRE JOÃO SUCARAT
(Inspetor Salesiano de Manaus)

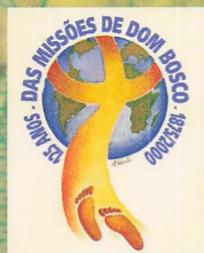
“Antônio, irmão no sacerdócio,
as águas te devoraram.
Como missionário de Cristo,
lutaste contra a natureza inclemente
e sedutora do Rio Negro:
ela te venceu, mas saíste vitorioso.
Içana, Uaupés, Tiquié, Papuri,
rios que conservaram a tua lembrança.
Padre e amigo da tua gente,
aprendeste tantas línguas,
mas apenas uma te interessava: Deus.
Viandante evangélico,
despreocupado com os perigos,
foste atento com desenvolvimento dos povos.
Descobridor simples, aberto às novidades
intelectuais, políticas e religiosas,
tu te ancoraste nos valores eternos
da fé e da generosidade.
Protegido pelo manto de Maria Auxiliadora,
que tornou tua caída menos dolorosa,
foste acolhido pelos seus braços.
Despertaste naquela eternidade
que sempre sonhastes.
Entraste na novidade do reino,

que construístes entre os Tucanos, Macus, Boniva.
Mereceste a coroa dos Santos!
Tu, que agora entendes e compreendes,
protege teus irmãos:
deixa-nos tua fé como herança!”.

(Iauaretê, 1979)

INDICE

	<i>pag.</i>
<i>Prefácio</i>	5
Introdução	11
I Capítulo - Na desejada Casa de Monteortone	15
II Capítulo - A lua-de-mel	23
III Capítulo - A Missão de Içana	37
IV Capítulo - Diretor em Pari Cachoeira	53
<i>Testemunhos</i> - Antônio na Itália	93
<i>Testemunhos</i> - Viagem da mãe Sira à Amazônia	99
V Capítulo - Encarregado das vocações	105
<i>Testemunhos</i> - Os “Milaneses” na Amazônia	111
VI Capítulo - A Missão de Iauaretê	125
<i>Testemunhos</i>	157



Roma
DICASTERO
MISSIONI
SALESIANE

FIGURE CHE PARLANO ANCORA